

ERER | 2026

PRÁTICAS INSPIRADORAS DE EDUCAÇÃO
PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



**EDUCAÇÃO QUE
TRANSFORMA**



Prefeitura de
Joinville

EDUCAÇÃO

ERER | 2026

PRÁTICAS INSPIRADORAS DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Secretaria de Educação de Joinville

1º Edição



Prefeitura de
Joinville

EDUCAÇÃO

Joinville
2026

FICHA TÉCNICA

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Diego Calegari

DIRETOR EXECUTIVO DE FORMAÇÃO E INOVAÇÃO

Cleberson de Lima Mendes

GERENTE DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Juliano Turmina

COORDENADORA DE NUCLEAÇÃO

Susana Cercal de Nascimento

COORDENADORA DE ANOS FINAIS

Andreia Fernandes Nunes Stein

COORDENADORA DE CURRÍCULO

Joseane Correa

ASSESSORA TÉCNICA PEDAGÓGICA – EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Jandinara Cristina Soares

COLABORADORES

Fernanda Rasveiler Blau

Michael Anderson Silva

Gabriel Cruz de Souza

Graziela da Silva Skonieczny

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

Mariana Rosa Pereira

CARTA AOS EDUCADORES

É com responsabilidade institucional e compromisso pedagógico que apresentamos o 3º e-book de Práticas Inspiradoras de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) da Rede Municipal de Ensino de Joinville. Esse volume não se limita a uma coletânea de atividades, ele é o registro de estratégias educativas que reconhecem a diversidade e promovem a valorização das culturas negras e indígenas em diferentes contextos escolares.

Ao celebrarmos as décadas das Leis 10.639/03 e 11.645/08, reafirmamos que a construção de uma educação equitativa se consolida por meio da ação cotidiana e consciente dentro de nossas unidades de ensino. As experiências aqui relatadas são frutos de projetos idealizados e executados por nossos professores, que materializam as diretrizes curriculares em ações pedagógicas transformadoras e repletas de significado.

Entendemos que combater o preconceito e as desigualdades de oportunidades exige uma postura ativa de valorização das histórias e culturas afro-brasileiras, africanas e indígenas. Por isso, investir na visibilidade desses projetos realizados em sala de aula, é fundamental para inspirar outras práticas em toda a nossa rede.

Esperamos que esse material se consolide como ferramenta de consulta, estudo e, acima de tudo, como um convite para que novos projetos se multipliquem, garantindo que cada estudante sinta-se reconhecido e respeitado em sua identidade.

A Secretaria Municipal de Educação expressa seu reconhecimento aos professores que, com rigor e protagonismo, compartilharam seus saberes nesta edição. Esperamos que cada experiência aqui narrada sirva de inspiração e que possamos seguir comprometidos, garantindo uma educação cada vez mais equitativa.

Diego Calegari
Secretário Municipal de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
------------	---

EDUCAÇÃO INFANTIL	9
--------------------------	----------

• Valorização étnico-racial: vivências culturais e práticas pedagógicas afro-brasileiras	10
• Conexão Leitura – ler, sonhar e brincar: lendas indígenas	12
• Tons de África: afeto, cor e movimento	14
• Se perceber e reconhecer as diferenças ao se observar em desenhos	16
• Raízes que contam histórias: relações étnico-raciais na Educação Infantil	18
• Ancestralidade viva: a arte, cultura e personalidade negra em Joinville	20
• Eu, ele, nós e o que nos compõem?	21
• Ritmo e expressão corporal	22
• Culturas africanas, movimento e amizade	24
• Cultura afro/relação étnico-raciais	26
• Relações étnicos raciais povos indígenas	28
• Um pouco de África em cada lugar	30
• Cultura africana: pessoas inspiradoras e palavras que fazem parte do Brasil	32
• Culturas indígenas	34
• Descobrimos o egito antigo, cores, histórias e saberes de uma cultura ancestral	36
• Arquiteturas da África: formas, cores e histórias	38
• Lendas do folclore brasileiro, cultura e diversidade	40
• Raízes em cores – a arte indígena como expressão de vida, natureza e cultura	42
• Ciranda das culturas	44
• Consciência negra e a celebração da diversidade	46
• Animais da África	48
• Descortinando o olhar para as diferenças	50
• Experiência: manuseando a tinta guache dentro do plástico, para descobrir qual animal irá aparecer	52
• O ritmo dos tecidos e tambores	53
• Por todas as nossas raízes	54
• Vivenciando brincadeiras da cultura africana e indígenas	56

- Enaltecer artistas afro-brasileiros e suas obras, transforma como as crianças entendem a identidade e representatividade em ensino religioso 58
- Vozes negras na literatura africana 60
- Patrimônio histórico imaterial – Kênia Clube 62
- Conexão e legado 63
- Personalidades negras que fizeram e fazem história na construção e formação do Brasil 65
- Dia da consciência negra: celebridades negras, lenda do baobá e teatro sobre racismo e bullying 67
- Peça teatral adaptada do livro "Kizzy que cabelo é esse,hein!" E peça teatral adaptada do livro "Flávia e o bolo de chocolate" 69
- Joias da terra: riquezas indígenas 71
- Nossas raízes e histórias (livro das lendas e ancestralidade) 73
- Intervenção urbana e cultura africana com as casas nandele 75
- Cultura africana com as estampas de Goya Lopes 77
- Zumbi de Palmares e mulheres quilombolas guerreiras 79
- Pataxós: o povo que nasceu das águas 81
- Pintura corporais indígenas 82
- Fauna brasileira em extinção e a luta dos povos originários pela preservação ambiental 83
- Cultura indígena com gravuras 85
- Qual a sua cor? Inspirado na obra: a cor de Coraline de Alexandre Rampazo 87
- Entre o figurativo e o abstrato – identidade, representatividade e a arte do lambe-lambe 89
- A literatura pelo olhar das meninas mulheres 91
- Meu colar conta histórias: cultura africana na alfabetização 93
- As cores de sua consciência 95

ENSINO FUNDAMENTAL 2

96

- Hongolo e a chuva colorida: oralidade, arte e sustentabilidade _____ 97
- A representatividade negra na ciência: estudo da trajetória de Mae Jemison no contexto de terra e universo _____ 99
- Menu cultural: saberes e sabores de nossa história _____ 101
- Somos todos iguais na diferença: Racismo _____ 103
- Vozes negras na literatura brasileira e em outros espaços de destaque _____ 105
- Tecendo o mapa das marcas da África no Brasil _____ 107
- Nossas raízes contam a história - mergulhe nessa cultura: a África te espera _____ 109
- Cores que compartilhamos _____ 111
- Dicionário de Pretoguês da Améfrica Ladina _____ 113
- Virada da consciência _____ 115
- Projeto consciência em tela: a história através do cinema _____ 117
- Construindo o labirinto da consciência: identidade, ancestralidade e relações étnico-raciais _____ 119
- Traços e formas: explorando o grafismo Mbyá-Guarani em pulseira geométricas _____ 121
- África e a origem da matemática: o osso de ishango _____ 123
- Nossa voz, nossa história: diálogos para uma consciência que resiste _____ 124
- Racismo, xenofobia e migrações: reflexos históricos europeus e desafios atuais no sul e sudeste do Brasil _____ 126
- Um olhar para a literatura: releitura do conto "Olhos d'água", de Conceição Evaristo _____ 128

INTRODUÇÃO

A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) constitui um pilar fundamental no compromisso da escola com a alteridade e a valorização das matrizes culturais que alicerçam a sociedade brasileira. Ao reconhecer a pluralidade de identidades e trajetórias históricas do país, o processo educativo fomenta uma consciência crítica e inclusiva, tornando-se uma ferramenta essencial de transformação social.

Nesta perspectiva, as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 representam avanços históricos ao instituir a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena na educação básica. Mais do que uma adequação normativa, tais legislações reiteram a necessidade ética de visibilizar o protagonismo e as contribuições desses povos na formação da nossa nação.

Contudo, a ERER transcende a teoria para se materializar nas práticas pedagógicas e nas interações do cotidiano escolar. Ao valorizar saberes ancestrais e perspectivas plurais, torna-se possível expandir o olhar dos estudantes sobre a densidade cultural do Brasil, promovendo um ambiente de respeito e acolhimento.

Com esse propósito, este e-book sistematiza experiências e estratégias que auxiliam educadores a integrar a ERER ao currículo de forma orgânica. Nosso objetivo é inspirar ações educativas que zelem pela afirmação das identidades e pelo fortalecimento de uma educação visceralmente comprometida com a equidade e a justiça social.

Por fim, registramos nosso sincero agradecimento às unidades escolares que participaram e colaboraram com o envio e a seleção das práticas pedagógicas aqui apresentadas. A contribuição e o engajamento de cada equipe foram fundamentais para a construção deste material, que reflete o compromisso coletivo com uma educação mais inclusiva, diversa e socialmente comprometida.



**PRÁTICAS INSPIRADORAS DE EDUCAÇÃO
PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

EDUCAÇÃO INFANTIL

CEI ABDON DA SILVEIRA

Valorização étnico-racial: vivências culturais e práticas pedagógicas afro-brasileiras



Autoras: Lais Carla D. da Rosa, Teresa G. da Silva, Maria Eduarda M. da Silva e Liria Mirian de S. de Freitas

Turma: Maternal 2

A prática pedagógica, desenvolvida ao longo do ano com a turma do Maternal 2 A, teve como eixo a Educação para as Relações Étnico-Raciais, por meio do estudo e da vivência de histórias africanas. A escolha deste tema partiu da necessidade de promover ações pedagógicas que valorizassem a diversidade cultural presente no cotidiano da Educação Infantil, alinhando-se aos princípios da compreensão profunda, do planejamento reverso e da aprendizagem visível.

As histórias africanas foram selecionadas por sua riqueza simbólica e por apresentarem valores éticos e culturais fundamentais para a formação integral das crianças. Ao longo do ano, diversas propostas foram desenvolvidas com o objetivo de favorecer a construção de sentidos e o engajamento do grupo. Entre as propostas realizadas, destacam-se as leituras compartilhadas da história “Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, realizadas em rodas de conversa e acompanhadas de brincadeiras, produções artísticas e momentos de fala, nos quais as crianças puderam observar e comentar sobre as diferenças presentes entre elas — como tipos de cabelo, cores de pele e tamanhos corporais. Esses diálogos foram enriquecidos, também, por relatos trazidos pelas famílias e compartilhados pelas crianças no ambiente da Educação Infantil.

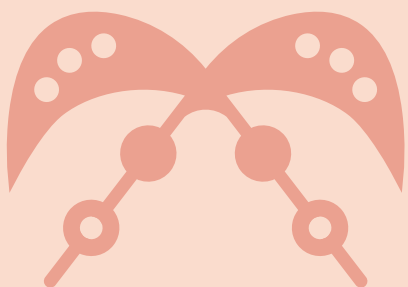
As propostas possibilitaram que as crianças conhecessem elementos das narrativas africanas relacionados aos temas da diversidade, do respeito e da convivência, promovendo reflexões significativas desde a primeira infância. A prática pedagógica teve como principal objetivo levar as crianças a reconhecer e valorizar as contribuições culturais africanas presentes na sociedade brasileira,

além de favorecer o desenvolvimento de atitudes de respeito e empatia.

Paralelamente, buscou-se ampliar habilidades de interpretação, comunicação, colaboração e expressão criativa por meio da releitura de imagens da história e da observação de características pessoais. A metodologia adotada envolveu leituras mediadas pela professora e a construção coletiva da personagem da história explorada, “Cabelo de Lelê”, valorizando a participação ativa das crianças no processo. A culminância das propostas ocorreu com a exposição das produções artísticas realizadas pelo grupo durante a Mostra Cultural do CEI, momento que evidenciou o percurso pedagógico desenvolvido.

Os resultados alcançados demonstraram uma ampliação significativa do repertório cultural das crianças, que passaram a expressar maior respeito às diferenças e uma compreensão mais sensível acerca das contribuições africanas na formação do povo brasileiro. A Mostra Cultural promoveu reflexões importantes e contribuiu para o fortalecimento de uma cultura na educação infantil pautada no respeito, na inclusão e na valorização da diversidade cultural e étnico-racial.

Conclui-se que esta prática pedagógica foi mais do que a produção de uma exposição: representou a síntese de um percurso educativo significativo, marcado pela construção de conhecimentos, pela expressão artística, pelo desenvolvimento da empatia e pela formação cidadã. A experiência consolidou práticas inclusivas no ambiente da Educação Infantil e reforçou a importância de abordar as relações étnico-raciais como parte essencial da educação integral das crianças.



Conexão Leitura - ler, sonhar e brincar: lendas indígenas



Autoras: Ionara Michele R. de O. Fernandes, Géssica R. Ricardo, Jhennyfer J. de S. e S. Ferreira e Karina Grazielle L. Henrique

Turma: 1º período

Este projeto, desenvolvido entre setembro e novembro nas turmas do 1.º Período da Educação Infantil, integrou-se ao Projeto Institucional “Conexão Leitura – Ler, Sonhar e Brincar” e teve como foco a exploração de lendas indígenas, com ênfase nas relações étnico-raciais e na observação da natureza, especialmente das aves. A motivação surgiu em uma roda de conversa quando algumas crianças comentaram a reportagem “Olha o pássaro”, exibida no “SCC Meio-Dia”. O interesse pelos pássaros que sobrevoavam o CEI conduziu à escolha do gênero literário lendas, priorizando narrativas indígenas que envolvessem aves, como: “Surgimento do João-de-Barro”, “Gralha-Azul”, “Tucano” e o “Uirapuru”.

O objetivo central foi proporcionar às crianças experiências sensíveis e significativas relacionadas à cultura indígena, valorizando a diversidade étnica brasileira e ampliando repertórios culturais por meio da leitura, pesquisa, escuta e vivências práticas. As intencionalidades orientaram o percurso pedagógico: conhecer lendas indígenas por meio da conversação e do reconto; socializar narrativas nas rodas de conversa; modelar com argila ninhos e pássaros; confeccionar representações tridimensionais e organizar o cantinho do Projeto Conexão Leitura com as materialidades produzidas, tornando visíveis aprendizagens e processos.

A metodologia articulou estratégias que garantiram o protagonismo infantil: elaboração de gráfico com as lendas mais votadas; leitura, contação e teatralização das narrativas; observação de campo; rotina de pensamento Zoom; rodas de conversa para sondar conhecimentos prévios, discutir e le-

vantar hipóteses; registros reflexivos; pesquisas em chromebooks e a confecção de ninhos, pássaros e aves tridimensionais com argila, dobradura e papelão. Essas práticas integraram linguagens oral, artística, digital e corporal, ampliando a compreensão das crianças sobre as culturas indígenas.

As evidências de aprendizagem apareceram nos diálogos, nas hipóteses e nas produções. Ao longo do projeto, foram disponibilizadas imagens e vídeos de povos originários em seus contextos reais: vivendo em matas, aldeias, rituais e práticas culturais, ou habitando cidades, utilizando tecnologias e circulando em diferentes espaços. As crianças compreenderam que a identidade indígena não depende do local onde a pessoa vive, nem do uso de tecnologias ou da forma de se vestir. Evidenciaram que cada indígena tem o direito de escolher seu modo de vida — em aldeias, áreas rurais, florestas ou centros urbanos — e que qualquer pensamento contrário é fruto de preconceito e desconhecimento histórico.

Para romper estereótipos, as crianças exploraram histórias, literatura e imagens que retratavam a diversidade indígena contemporânea, compreendendo que tais povos seguem ativos e influentes na sociedade brasileira. Por meio das pesquisas, vivências e dos debates antirracistas, reconheceram a presença indígena no cotidiano, na culinária, na linguagem, nas brincadeiras e nos modos de viver, entendendo que suas culturas permanecem em constante atualização.

A culminância ocorreu com a exposição das aprendizagens visíveis no saguão do CEI, reunindo esculturas, ninhos, pássaros tridimensionais, desenhos, gráficos e registros. As crianças apresentaram suas interpretações à comunidade escolar, fortalecendo vínculos, valorizando a cultura indígena e promovendo o diálogo entre infância, arte e diversidade. Os resultados evidenciaram avanços na oralidade, curiosidade investigativa, expressão artística, cooperação e valorização da diversidade cultural, consolidando uma prática inclusiva e significativa, marcada pela construção de conhecimentos, protagonismo infantil e olhares mais sensíveis e respeitosos.



Tons de África: afeto, cor e movimento



Autoras: Andreza Maria M. Correa, Eliane do R. Schilipake e Kelli Cristina F. Saraiva

Turma: Berçário 2

O projeto foi desenvolvido ao longo do segundo semestre com uma turma de Berçário 2, com foco na Educação para as Relações Étnico-Raciais por meio do projeto institucional “Tons de África: Afeto, Cor e Movimento”, buscando aproximar os bebês das riquezas culturais do continente africano e de suas influências no Brasil. Partimos da compreensão de que essa cultura se expressa em múltiplas linguagens: na música, culinária, artes, costumes, brincadeiras e comunicação; e que a educação infantil deve criar condições reais para que as crianças experimentem, sintam e construam aprendizagens significativas a partir dessas manifestações.

O projeto foi iniciado com a apresentação do globo terrestre, localizando o continente africano e marcando, simbolicamente, a noção de pertencimento e distanciamento geográfico. Os bebês observaram cores, formatos e movimentos, demonstrando encantamento ao manipular o globo. Alguns verbalizaram “gira”, repetindo os movimentos e revelando curiosidade, comunicação emergente e construção de noções espaciais e corporais.

A partir das cores da bandeira da África do Sul, organizamos experiências plásticas e sensoriais com tintas guache, usando pincéis largos e superfícies ampliadas, como o papel pardo colado na parede. Os bebês experimentaram misturas de cores, texturas e temperaturas. Essa vivência ultrapassou o limite do suporte, envolvendo o corpo como tela e ampliando repertórios expressivos, o que impulsionou a criatividade, a percepção visual e a coordenação motora fina.

A exploração da massa de modelar ofereceu novas oportunidades sensoriais: dedos que aper-

tavam, esticavam e modelavam o material favoreceram a apreensão, a força manual e a percepção tátil. As frequentes tentativas de exploração oral demonstraram curiosidade sensorial e a construção de memórias afetivas.

Promovemos práticas de oralidade a partir de palavras de origem africana, como “cafunê”, convidando os bebês a vivenciar gestos de cuidado, acolhimento e vínculo. Esse momento se tornou rotina e passou a aparecer espontaneamente no repouso, na chegada ou quando precisavam de aconchego, evidenciando a internalização afetiva e cultural. A música e o ritmo estiveram presentes, especialmente com a canção africana “Olélé Moliba Makasi”. Tambores de lata organizados em círculo mobilizaram os bebês a explorar sons, ritmos e movimentos, ampliando a expressão corporal, a coordenação e a interação social.

As brincadeiras africanas oportunizadas possibilitaram vivências ricas e descobertas significativas para o grupo. O Balangandã estimulou o movimento, a percepção de cores e a alegria ao correr, observar as fitas dançantes e ouvir os sons produzidos. A dinâmica “Terra-mar” favoreceu a compreensão de comandos simples, a coordenação e a agilidade ao pular entre os tatames. Já o “Saltando feijão” incentivou o equilíbrio, a exploração espacial e os deslocamentos ao atravessar a corda serpenteante.

Juntas, essas vivências ampliaram repertórios corporais, fortaleceram vínculos, promoveram a atenção compartilhada e possibilitaram uma interação ativa e prazerosa entre os bebês. Paralelamente, a literatura se fez presente por meio de lendas, poesias e contos, enriquecendo o repertório simbólico e narrativo, despertando o interesse crescente dos bebês em descobrir elementos dessa cultura.

Encerramos o projeto explorando animais selvagens, oportunizando a imitação de sons, a observação de características e a ampliação do imaginário. Todas essas experiências fortaleceram vínculos, ampliaram repertórios culturais e contribuíram para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, linguísticas, sociais e emocionais, consolidando aprendizagens sensíveis e significativas relacionadas à identidade, à diversidade e à expressão.



Se perceber e reconhecer as diferenças ao se observar em desenhos



Autora: Cristiane Garcia Castilho Moller

Turma: Maternal 1

A proposta buscou integrar o campo de experiência "O eu, o outro e o nós" com a exploração de elementos naturais. A jornada começou em frente ao espelho. Mais do que apenas olhar, as crianças foram convidadas a observar os detalhes: o tom da pele, a cor dos olhos, o formato do nariz e a textura do cabelo. Esse momento de "olhar-se de verdade" é fundamental para a construção da identidade. Ao olharem-se no espelho, as crianças foram incentivadas a reconhecer suas características físicas e a expressar essa percepção através de uma paleta de tintas orgânicas (terra, argila, carvão e giz). Ao misturar esses elementos com água, as crianças perceberam que a natureza oferece uma paleta infinita, assim como a diversidade humana. Não existe apenas uma cor "cor de pele", mas sim uma riqueza de tonalidades que se assemelham ao chão que pisamos e às rochas que observamos.

Durante a vivência, as seguintes habilidades foram mobilizadas:

- EI02EO05: Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças. (Base central da atividade de autorretrato e diversidade de tons).
- EI02TS02: Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais. (Exploração do carvão, terra e argila como pigmentos).

A atividade iniciou com um "mergulho" no espelho. As crianças tocaram seus rostos, sorriram para si mesmas e compararam os tons de pele com os dos colegas.

Ao introduzirmos a terra, a argila, o carvão e o giz, a sala transformou-se em um laboratório sen-

sorial. O contentamento foi visível: o toque gelado da argila úmida e o rastro preto e forte do carvão geraram exclamações de surpresa.

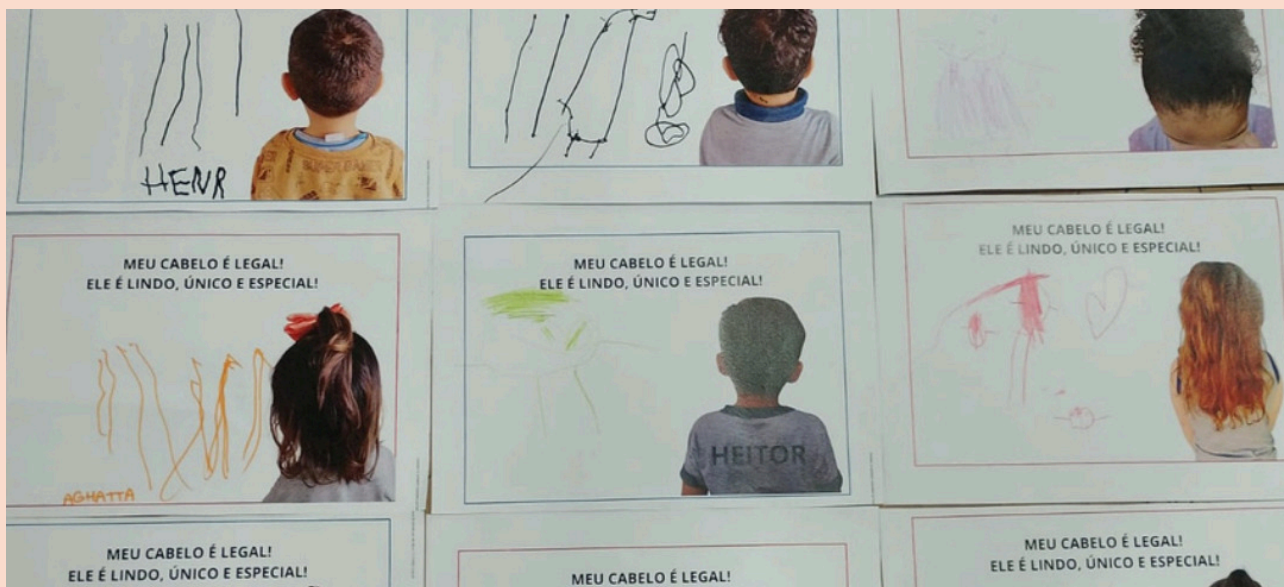
As crianças notaram que a natureza não tem uma cor única. Ao misturarem a terra com um pouco de água, perceberam que podiam criar tons que se aproximavam de suas próprias peles.

"Olha, a terra é igual ao meu braço!" – foi uma das observações que demonstrou a construção da identidade através da semelhança com os elementos naturais.

A exploração resultou em produções artísticas carregadas de significado. Mais do que o desenho final, o valor esteve no processo: no reconhecimento de que cada ser é único e que a natureza oferece os elementos perfeitos para celebrar essa singularidade. As crianças demonstraram autonomia na escolha dos materiais e entusiasmo em sujar as mãos para "se pintar" no papel.



Raízes que contam histórias: relações étnico-raciais na Educação Infantil



Autoras: Maiara Daniele Ardino, Letícia A. de Oliveira e Carla Cristina C. Pereira

Turma: Maternal 2

O projeto teve como objetivo apresentar às crianças a cultura indígena e promover reflexões sobre identidade, diversidade, tons de pele e tipos de cabelo, fortalecendo o respeito às diferenças e às relações étnico-raciais na Educação Infantil. A proposta surgiu das próprias curiosidades das crianças, que demonstraram interesse quando conversamos sobre quem são os povos indígenas, como vivem e por que as pessoas possuem características tão diferentes entre si. Essas perguntas motivaram o desenvolvimento de um trabalho intencional, investigativo e significativo.

Para iniciar o projeto, utilizamos vídeos que mostravam o cotidiano nas aldeias, seus modos de viver, sua relação com a natureza e a organização comunitária. A metodologia adotada priorizou a observação, a escuta sensível, as experiências concretas e a participação ativa das crianças. A partir das vivências apresentadas nos vídeos, realizamos atividades que aproximaram as crianças da cultura indígena, como a preparação de milho na fogueira, inspirada na alimentação tradicional. Essa experiência despertou curiosidade e encantamento, além de ampliar o repertório cultural do grupo.

As crianças também exploraram a pintura corporal, inspirando-se nas grafias indígenas e pintando o próprio rosto com liberdade e criatividade. Vivenciaram, ainda, o modo de descansar nas redes, compreendendo que existem diferentes formas de organização do cotidiano. Outra ação importante foi o contato com a coleção Na Mata, de Alba Capelli e Dora Dias, que nos ajudou a conhecer alguns animais brasileiros e a refletir sobre a relação dos povos indígenas com a natureza.

Um dos momentos mais significativos do projeto foi a visita do professor indígena Denilson, da

aldeia Tekoá Tarumã, que conversou com as crianças e compartilhou aspectos de sua cultura. Essa experiência trouxe autenticidade e profundidade ao trabalho. A partir desse encontro, as crianças compreenderam a importância de usar o termo correto, “indígena”, e passaram a corrigir colegas, professores e até familiares, evidenciando aprendizagens sólidas e significativas.

Durante o projeto, ensaiamos e apresentamos a música “Yapo”, que se tornou um dos produtos finais da proposta, valorizando a cultura estudada através da música e do movimento. Conforme avançávamos, surgiram novas questões das crianças: “Somos todos iguais?” e “Na nossa turma todo mundo é da mesma cor?”. Essas perguntas impulsionaram uma segunda etapa do projeto, voltada ao reconhecimento da própria identidade.

Desenvolvemos atividades como observar fotos dos amigos e, depois, colorir a própria imagem respeitando o tom de pele, além de desenhar o formato do próprio cabelo. Essas ações ajudaram as crianças a identificar características individuais e coletivas, fortalecendo a construção da identidade e o respeito às diferenças de forma natural e significativa.

Como resultados, observamos que as crianças ampliaram a consciência sobre a diversidade, passaram a usar termos corretos ao se referirem aos povos indígenas, desenvolveram maior respeito pelas diferenças e fortaleceram vínculos com o grupo, reconhecendo que todos têm características únicas, mas que convivem como amigos. O projeto demonstrou a importância de trabalhar as relações étnico-raciais desde a primeira infância, valorizando culturas que fazem parte das nossas raízes.



Ancestralidade viva: a arte, cultura e personalidade negra em Joinville

Turma: 2º período

Autoras: Amanda Gabriela Gonçalves e Claudilene Gomes da Silva

Esse projeto foi desenvolvido durante todo o ano letivo de 2025 com duas turmas de 2.º período matriculadas no Centro de Educação Infantil Girassol. O projeto surgiu devido à necessidade de conhecimentos raciais aprofundados não só para as crianças, mas também para a comunidade do bairro Costa e Silva. A turma percorreu a ancestralidade africana ao conhecer mais sobre as lendas do baobá, grafismos e vestimentas que servem também para o empoderamento.

O pontapé inicial surgiu com a seguinte pergunta: “O que é uma pessoa negra para você?”. De forma geral, as crianças não conseguiram identificar nem definir o conceito, mesmo havendo representatividade negra com a professora auxiliar e entre os próprios alunos. A partir daí, a professora intensificou os conhecimentos sobre as características de uma pessoa negra, como traços e tonalidades de pele. Esse trabalho oportunizou às crianças negras perceberem-se e reconhecerem-se como negras na sociedade, orgulhando-se da sua cultura e ancestralidade.

Durante o processo de construção da identidade, as crianças conheceram uma personalidade negra importante na cidade de Joinville: Maria Laura Cardoso Eleotério.

As crianças também obtiveram conhecimentos acerca da cultura africana por meio de pinturas em telhas, culinária, brincadeiras e músicas. A lenda do baobá foi um riquíssimo trabalho para que as crianças entendessem o símbolo de força, resistência e luta dos negros afro-brasileiros.



Eu, ele, nós e o que nos compõem?

Turma: Maternal 2/Educação Especial

Autora: Silvana Duarte de Oliveira

Desde os primeiros dias, foram realizados momentos de conversa com as crianças, nos quais foram apresentados os crachás com a composição do primeiro nome. A intenção inicial era promover a interação e o reconhecimento dos nomes dos colegas. Observou-se o interesse das crianças pela própria identidade e, dessa maneira, a professora passou a criar diferentes oportunidades para explorarem suas características físicas.

Foi desenvolvido o autorretrato utilizando diferentes suportes e materiais, o que oportunizou uma observação atenta sobre cor, textura e comprimento dos cabelos, tons de pele, estatura, entre outros aspectos. A cultura indígena foi abordada por meio de elementos naturais, enquanto a cultura africana foi explorada por meio das vestimentas. Essas culturas permitiram que as crianças ampliassem sua perspectiva sobre a diversidade que constitui o nosso entorno.

Para materializar os registros, as crianças foram convidadas a se expressar por meio de produções artísticas. As vivências perpassaram por outros interesses de pesquisa que surgiram ao longo do percurso, tais como: emoções e diferenças de personalidade, que são atributos que contribuem para nos tornar únicos.

Tendo como base os aspectos pessoais aliados à necessidade de estabelecer combinados, as crianças passaram a se apoiar mutuamente no compartilhamento de brinquedos e espaços. Isso contribuiu para um ambiente mais harmonioso e respeitoso às diferenças, tendo em vista o direito de ser e estar de todos.



Ritmo e expressão corporal



Autora: Amanda Karine de Oliveira Cercal

Turma: 1º e 2º período

A sequência didática "Ritmo e Expressão Corporal" foi uma prática inspirada na promoção da Educação para as Relações Étnico-Raciais, utilizando a cultura afro-brasileira como pilar central. A integração da brincadeira popular "Escravos de Jó" e da dança Frevo promoveu o desenvolvimento rítmico e a expressão corporal, cumprindo o papel de valorizar manifestações artísticas e culturais brasileiras de matriz africana, conforme preconiza a Lei nº 10.639/03.

Embora a versão popularizada hoje seja uma canção de roda infantil, a melodia e, principalmente, a coreografia da troca de objetos em grupo têm raízes complexas. A canção assemelha-se a rimas e jogos de mãos africanos, remetendo à oralidade e aos rituais de trabalho comunitário da diáspora africana. O termo "Jó" é frequentemente associado a um personagem bíblico, mas o formato de repetição e o ritmo rápido refletem a ludicidade e a rítmica de matriz africana. Trabalhar essa brincadeira abre espaço para discutir a transformação de costumes e a permanência da cultura negra em contextos urbanos e populares.

O Frevo é uma expressão cultural nascida em Pernambuco e profundamente ligada à história de resistência e identidade do povo negro. Surgiu entre o final do século XIX e o início do século XX, com forte influência de capoeiristas e dos ritmos acelerados das bandas militares. Historicamente, era uma manifestação da população marginalizada, atuando como um símbolo de luta e empoderamento por meio da arte corporal e da música.

O planejamento seguiu uma metodologia progressiva, articulando a teoria à vivência prática.

O Frevo, introduzido por meio da dinâmica "Batata Quente Musical", desafiou as crianças, demonstrando a importância da sincronia do movimento com o ritmo e promovendo o primeiro contato com a musicalidade nordestina de matriz negra. Em um terceiro momento, a contextualização e a vivência — por meio de rodas de conversa e vídeos sobre a origem do Frevo — apresentaram a dança como uma expressão artística ligada à luta e à identidade negra.

O resultado mais significativo foi a valorização obtida através da escuta atenta e da participação ativa. Ao coordenar suas habilidades motoras ao ritmo acelerado, as crianças desenvolveram a coordenação e internalizaram a importância da contribuição negra para a cultura brasileira. O planejamento demonstrou que a Educação Infantil pode utilizar a cultura corporal para promover o respeito, o reconhecimento e a autoestima relacionados à identidade étnico-racial.



Culturas africanas, movimento e amizade



Autora: Maria da Conceição Leite dos Santos Quirino

Turma: 1º e 2º período

Nas semanas 38 a 40, o CEI Lírio do Campo desenvolveu uma prática pedagógica voltada para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) com turmas de 1.º e 2.º Períodos, sob a docência de Maria da Conceição Leite dos Santos Quirino. A proposta integrou literatura, música, corpo e artes para promover o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e africana, fortalecendo atitudes de respeito, empatia e cooperação entre as crianças.

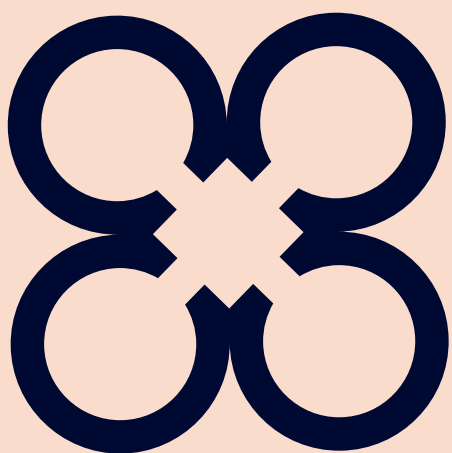
O principal objetivo foi despertar a curiosidade das crianças e ampliar seu repertório cultural, explorando elementos tradicionais africanos por meio de histórias, cantigas, brincadeiras e produções artísticas. A motivação da prática surgiu da necessidade de fortalecer ações antirracistas no cotidiano escolar, consolidando uma cultura pedagógica fundamentada na justiça racial e no reconhecimento da diversidade. Assim, a intencionalidade pedagógica buscou promover o pertencimento, valorizar identidades e desenvolver vínculos afetivos e sociais.

A metodologia adotada foi sequenciada e exploratória, organizada em torno da leitura compartilhada de obras infantis que abordam cultura, união, coragem e amizade. Nas semanas 38 e 39, o foco esteve nas histórias africanas e afro-brasileiras, como *A Menina e o Barril e Olelê: Uma antiga cantiga da África*. As crianças dramatizaram trechos das narrativas, criaram ritmos com instrumentos de percussão simples para representar emoções como medo e coragem, e participaram de brincadeiras no parque ao som de músicas africanas.

A cantiga “Olelê, Moliba Makasi” foi utilizada como elemento simbólico da força coletiva. Na se-

mana 40, a prática expandiu-se para jogos e brincadeiras tradicionais do continente africano. A leitura do livro *Jogos, Brincadeiras e Cantigas Africanas* inspirou a construção da Amarelinha Africana no pátio, vivenciada de forma cooperativa. As crianças registraram suas experiências por meio de desenhos, revelando percepções sobre movimento, cultura e protagonismo.

As evidências de aprendizagem foram observadas na participação ativa das crianças, nas conversas, nas dramatizações, nos registros gráficos e na postura cooperativa durante as atividades. Os resultados mostraram maior interesse pela cultura africana, desenvolvimento da empatia e fortalecimento da convivência respeitosa. A experiência evidenciou avanços nas habilidades motoras, como equilíbrio e saltos na Amarelinha Africana, e na expressão oral e artística, consolidando uma prática inspiradora e alinhada à ERER.



Cultura afro/relação étnico-raciais



Autora: Kessia Fruit

Turma: 1º e 2º período

O trabalho com o tema cultura afro e relações étnico-raciais teve como principal objetivo possibilitar que as crianças identificassem informações presentes em textos que abordam as tranças africanas, reconhecendo personagens, locais, objetos e acontecimentos. Buscou-se exercer a observação, a escuta atenta e a construção de sentidos sobre essa manifestação cultural tão importante, valorizando saberes ancestrais e promovendo o respeito às diferenças.

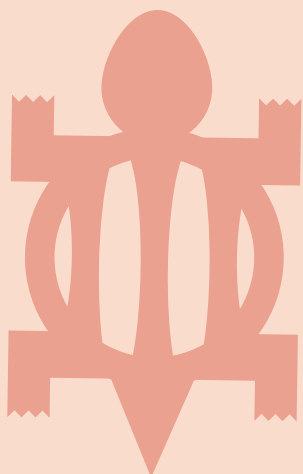
Para desenvolver essa proposta, utilizamos a história “As tranças de Bintou”, de Sylviane A. Diouf. Durante a leitura, as crianças perceberam que a personagem principal era Bintou, uma menina que sonhava em ter tranças como as mulheres de sua comunidade. A narrativa despertou grande interesse e permitiu que os pequenos compreendessem que, para além de um penteado, as tranças representam identidade, pertencimento e tradição.

A partir da história, as crianças aprenderam também sobre a diversidade de cabelos afro, como os “birotes” (coquinhos), diferentes estilos de tranças e o uso de turbantes. Observaram características do modo de vida representado no livro, como moradias feitas de barro e palha, o uso de sandálias e o costume de andar descalço devido ao clima quente do país retratado. Esses elementos ampliaram o olhar dos alunos para culturas distintas, valorizando e respeitando outras formas de viver.

Um dos momentos mais significativos do trabalho foi a visita da mãe de uma das crianças da turma, que atua como trancista. Ela compartilhou com o grupo um pouco de sua história e de seu trabalho, explicando a importância das tranças para os povos africanos. Contou também passagens

históricas, como o fato de que, no período da escravidão, algumas tranças eram usadas para criar mapas e rotas de fuga — um ato de resistência e inteligência coletiva. Para tornar o momento ainda mais especial, ela sorteu algumas crianças e fez tranças nelas, permitindo que vivenciassem essa tradição de maneira afetuosa.

As turmas demonstraram grande envolvimento nas atividades, participando ativamente das rodas de conversa, observando as imagens, formulando perguntas e compartilhando suas percepções. Houve concentração durante as leituras e curiosidade genuína sobre a diversidade de cabelos, culturas e histórias. Ao final, percebeu-se que as crianças ampliaram seu conhecimento sobre a cultura afro, fortalecendo atitudes de respeito, valorização e reconhecimento das diferenças como parte essencial da convivência.



Relações étnicas raciais povos indígenas



Autoras: Sâmea Karoline F. V. Ximenes e Rosana Haydée B. Nascimento

Turma: 1º e 2º período

O trabalho surgiu da necessidade de desconstruir visões estereotipadas sobre os povos indígenas e ampliar a compreensão das crianças acerca da diversidade existente no Brasil, especialmente dos povos do Norte. Buscou-se valorizar a riqueza cultural e histórica indígena, conhecer a realidade escolar de crianças dessas comunidades, suas artes e modos de vida, aproximando a escola de uma educação antirracista, plural e humanizada. A proposta garante às crianças o direito de conhecer diferentes realidades e formas de viver.

A prática pedagógica foi organizada de maneira investigativa e participativa, priorizando a experiência ativa dos estudantes. Inicialmente, realizou-se um levantamento dos conhecimentos prévios, trazendo para as rodas de conversa temas como costumes, alimentação, habitats, arte e educação indígena. Esse momento permitiu identificar percepções, dúvidas e curiosidades, servindo como ponto de partida para novas descobertas.

As crianças exploraram diversos materiais, como livros e histórias tradicionais, incluindo lendas da região Norte. Também ouviram músicas indígenas e assistiram a pequenos documentários sobre hábitos alimentares, formas de preparo dos alimentos e aspectos do cotidiano. Um dos momentos mais significativos foi a degustação do peixe tambaqui assado na folha de bananeira, acompanhado de farinha regional, proporcionando um contato sensorial e cultural autêntico.

O 2.º Período E vivenciou experiências práticas de criação artística, confeccionando colares com macarrão e penas coloridas e realizando pinturas corporais com tinta guache. As turmas também

trabalharam com tintas naturais produzidas a partir de colorau, carvão e açafrão, explorando texturas, cores e simbologias, aproximando-se de práticas tradicionais indígenas.

Outro momento marcante foi a videochamada realizada pelo 1.º Período E com uma escola indígena da etnia Munduruku, localizada em Jacareacanga (PA). Mediado pela professora Raniely, esse encontro permitiu que as crianças fizessem perguntas, vissem os ambientes da escola e conhecessem alguns animais que convivem com os estudantes indígenas. A troca favoreceu comparações entre a escola das crianças e a escola indígena, promovendo respeito e compreensão das diferenças culturais e estruturais.

Durante o desenvolvimento das atividades, observou-se a ampliação do vocabulário relacionado à cultura indígena, respeito crescente às vestimentas e aos modos de vida, participação ativa nas produções artísticas e maior capacidade de análise e comparação entre realidades distintas de forma ética e sensível. A culminância do projeto ocorreu com uma exposição cultural no pátio da escola, que apresentou painéis com grafismos, fotografias dos trabalhos, artesanatos e maquetes de ocas produzidas pelas turmas.

Durante uma semana, as crianças participaram de um rodízio de apresentações, compartilhando com as famílias tudo o que viveram e aprenderam sobre a cultura indígena, reforçando o protagonismo infantil no processo educativo. O trabalho favoreceu uma aprendizagem significativa e contribuiu para a construção de uma visão respeitosa, atual e plural sobre os povos indígenas. As experiências planejadas de forma sensível, exploratória e vivencial fortaleceram valores fundamentais na formação humana, como respeito, diversidade, empatia e pertencimento cultural.



Um pouco de África em cada lugar



Autora: Janara Pereira Cabra

Turma: 1º período

Durante essa sequência de atividades, trabalhamos com as crianças a compreensão da presença da cultura africana em seu cotidiano, mostrando como alimentos, músicas, histórias, brincadeiras e tradições têm origem no continente africano. A proposta buscou valorizar a diversidade e ampliar conhecimentos por meio de rodas de conversa, leituras e produções artísticas.

Iniciamos com uma roda de conversa apresentando a seguinte proposta: “Hoje vamos conhecer um pouco das histórias e músicas que vieram da África, o lugar de onde vieram muitos dos nossos antepassados e muitas das coisas que temos no Brasil!”. As crianças puderam expressar o que já sabiam ou imaginavam sobre a África, demonstrando curiosidade e interesse pelo tema.

Na sequência, lemos o livro *Quanta África tem no dia de alguém?*. A cada página, as crianças relacionaram a história com situações do cotidiano, como comer feijão, ouvir tambores ou brincar ao ar livre. Assim, perceberam que muitos elementos do seu dia a dia dialogam com tradições africanas. Em seguida, cada criança realizou uma produção artística sob o título “Quanta África tem no meu dia!”, utilizando colagem, pintura ou texturas para ilustrar os momentos que se conectam à cultura africana.

Dando continuidade ao projeto, realizamos a leitura da história *Baobá*. Após a leitura, promovemos uma roda de conversa sobre a narrativa e o significado do baobá, na qual as crianças refletiram sobre por que essa espécie é conhecida como a “árvore da vida”. Elas participaram de uma atividade artística inspirada na árvore, pintando o tronco e os galhos com diferentes materiais e criando folhas

recortadas. Com essas produções, montamos um painel coletivo criativo e colorido.

Em outro momento, reunimos a turma para a leitura de Outros contos africanos. Após a história, conversamos sobre as máscaras africanas, abordando sua origem, uso e significados. As crianças observaram imagens, ouviram explicações e puderam comentar suas percepções. Para finalizar, cada criança confeccionou sua própria máscara usando papelão e tinta guache, representando emoções por meio das cores escolhidas. Ao término, realizamos um desfile pela sala para prestigiar as criações.

Como resultado geral, observamos que as crianças participaram ativamente das conversas e ampliaram seu vocabulário. As produções artísticas revelaram criatividade e compreensão do tema, contribuindo para o reconhecimento da presença da cultura africana no cotidiano infantil.



Cultura africana: pessoas inspiradoras e palavras que fazem parte do Brasil



Autoras: Maria Eduarda P. da Silva, Ivanir Terezinha Coelho e July Adriane de O. Silva

Turma: 1º e 2º período

A prática pedagógica desenvolvida teve início a partir da observação sensível da professora sobre a importância de apresentar às crianças a riqueza e a diversidade da cultura africana, reconhecendo sua influência decisiva na formação da identidade brasileira. Ciente de que a África é um continente vasto, plural e fundamental para a história do Brasil, a docente buscou ampliar a compreensão das crianças sobre essas conexões culturais, destacando palavras de origem africana presentes no vocabulário cotidiano, comidas típicas e personalidades negras de grande relevância histórica e cultural.

A proposta surgiu da necessidade de promover uma educação inclusiva e antirracista, contribuindo especialmente para o fortalecimento da identidade e da autoestima das crianças negras da turma. Para tornar o tema acessível, significativo e envolvente, a professora estruturou uma sequência de atividades lúdicas e diversificadas, apoiadas em recursos multimídia que despertassem a curiosidade do grupo.

O trabalho começou com a exibição de vídeos sobre a cultura africana, apresentando culinária, música, dança e outras manifestações culturais — entre elas o samba, fortemente presente no cotidiano brasileiro. Em seguida, as crianças utilizaram chromebooks para pesquisar palavras de origem africana incorporadas ao português. A atividade despertou grande interesse, pois os pequenos se colocaram no papel de pesquisadores e se surpreenderam ao descobrir que muitas palavras comuns não têm origem brasileira.

A participação das famílias foi fundamental para ampliar as aprendizagens e fortalecer o vínculo

entre escola e comunidade. Em casa, responsáveis e crianças pesquisaram personalidades negras influentes, conhecendo médicos, atletas, cantores e outras figuras marcantes da história e da cultura. Posteriormente, realizaram uma nova pesquisa sobre palavras de origem africana, que foram apresentadas pelas próprias crianças, estimulando a oralidade, a autonomia e o protagonismo infantil.

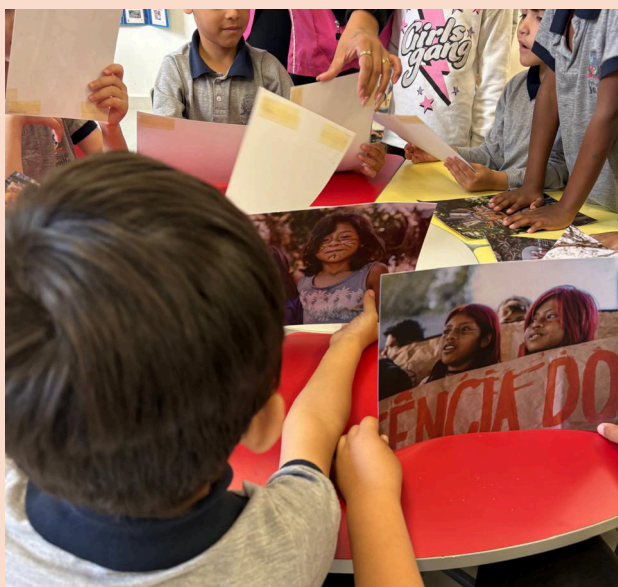
Com todas as informações reunidas, o grupo produziu um "Dicionário de Palavras Africanas", com escrita mediada pela professora, porém preservando a autoria infantil. Paralelamente, as crianças realizaram desenhos das personalidades pesquisadas. Pelé apareceu como figura central por ser amplamente reconhecido pelo imaginário infantil, enquanto Elza Soares chamou atenção pela beleza e pelo estilo marcante. Esses registros gráficos e escritos consolidaram as aprendizagens e deram visibilidade às descobertas.

A culminância do projeto ocorreu em um sarau aberto à comunidade escolar, no qual as crianças apresentaram suas produções com entusiasmo e orgulho. Muitas superaram a timidez diante da presença das famílias e compartilharam suas descobertas, como a origem africana de alimentos populares, a exemplo da feijoada. Também leram trechos do dicionário produzido coletivamente.

Um momento especial ocorreu quando uma criança identificou e leu sílabas em voz alta, surpreendendo a mãe, que desconhecia a origem africana das palavras apresentadas. O projeto envolveu profundamente crianças, famílias e equipe escolar, promovendo aprendizagens significativas sobre as contribuições africanas para a cultura brasileira. A prática valorizou a diversidade, reforçou o sentimento de pertencimento e reafirmou o compromisso com uma educação antirracista desde a primeira infância.



Culturas indígenas



Autora: Fabiane Blasius Fagundes Zeferino Souza

Turma: 2º período

A prática desenvolvida teve como objetivo ampliar o repertório cultural das crianças, fortalecer as habilidades de linguagem oral e escrita e favorecer a compreensão dos efeitos de sentido produzidos pela pontuação, pela escrita espontânea e pela leitura. O tema escolhido foram os povos indígenas.

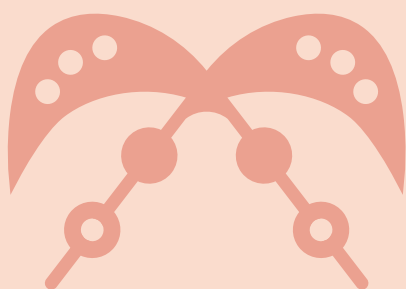
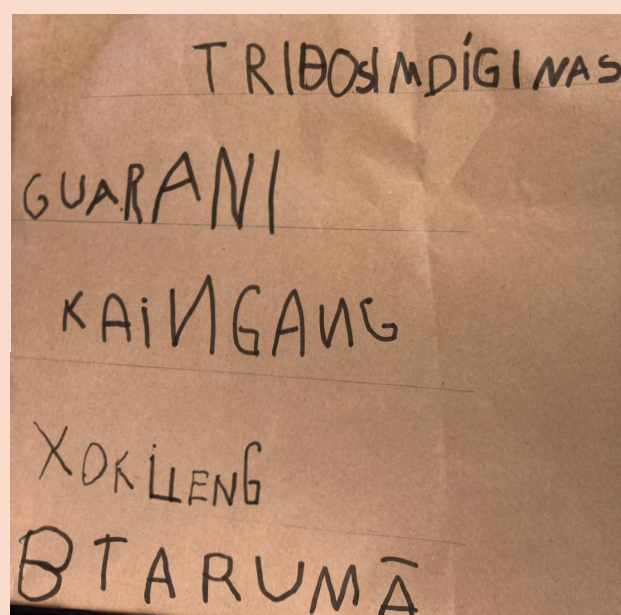
A proposta surgiu da necessidade de aprofundar o trabalho pedagógico relacionado ao reconto, à leitura de imagens, às hipóteses de escrita e à produção coletiva de textos. Essa demanda foi identificada durante rodas de conversa e atividades de leitura, nas quais as crianças demonstraram grande interesse pelo tema e curiosidade sobre diferentes culturas. As ações realizadas contemplaram práticas variadas, articulando oralidade, leitura, escrita e vivências concretas, tais como contação de histórias com reconto oral, rodas de conversa para levantamento de conhecimentos prévios, análise de imagens de diversas etnias e o plantio de sementes.

A metodologia adotada fundamentou-se em práticas de investigação, observação e expressão, organizadas em etapas sequenciais: apresentação do tema, aproximação por meio de mídias e produções individuais e coletivas, produções individuais e coletivas utilizando diferentes linguagens. O processo culminou na reconstrução coletiva de uma narrativa que sintetizou os aprendizados do eixo.

Durante o processo, foram observados avanços importantes no desenvolvimento infantil, com destaque para a melhora na organização do reconto oral e a ampliação do repertório cultural. Houve um expressivo engajamento nas práticas de leitura de imagens, envolvendo a identificação, com-

paração e interpretação de elementos visuais. Além disso, o projeto promoveu o fortalecimento da oralidade, da escuta atenta e da construção colaborativa de narrativas entre as crianças.

Como resultado final, foram produzidos cartazes coletivos sobre tribos, moradias e artesanatos, além de desenhos individuais representando elementos culturais indígenas. O projeto contou ainda com o registro escrito coletivo da história final, produções gráficas e escritas espontâneas, culminando em uma apresentação para a comunidade durante o sarau cultural. Essas ações fortaleceram o protagonismo das crianças e a construção colaborativa de saberes.



CEI MARIA LAURA CARDOSO ELEOTÉRIO

Descobrimo o Egito Antigo, cores, histórias e saberes de uma cultura ancestral



Autoras: Cristiane de S. Rover, Graça dos S. Costa, Marinez O. Bach e Daniela C. Cataneo

Turma: Maternal 2

Neste ano, o Maternal 2A vivenciou uma rica jornada de aprendizagens por meio do projeto “Descobrimo o Egito Antigo: Cores, Histórias e Saberes de uma Cultura Ancestral”. Inspirados pela compreensão de que a África é o berço da humanidade e também do saber, convidamos as crianças a explorar aspectos da cultura egípcia de forma lúdica, sensorial e profundamente significativa.

A Educação Infantil é um espaço privilegiado de formação de valores e construção de identidade. Conhecer diferentes culturas contribui para ampliar repertórios, combater estereótipos e estimular a curiosidade investigativa. O Egito, com seus símbolos marcantes — como pirâmides, faraós, escrita em hieróglifos, deuses e artes — possibilita vivências ricas em aprendizagens, fomentando o respeito à diversidade cultural e étnica desde cedo.

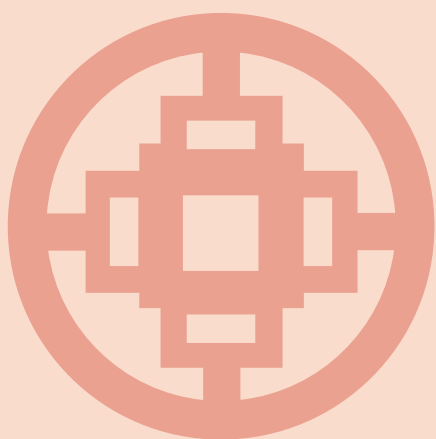
Ao longo das propostas, o grupo teve contato com livros, imagens, objetos e histórias, observando pirâmides, múmias, sarcófagos e colares que despertaram encantamento e muitas conversas. Cada descoberta ampliou o repertório cultural das crianças, fortalecendo sua relação com os saberes ancestrais que atravessam essa cultura milenar.

Um marco especial do projeto foi a construção da nossa múmia coletiva, criada com a participação ativa de todos. Ao amassar, colar e envolver os materiais, as crianças desenvolveram habilidades motoras, concentração e a experiência de atuar em colaboração. A múmia ganhou forma a partir do empenho do grupo, revelando a força do trabalho coletivo.

A música também se tornou parte essencial da vivência. A turma escolheu a canção “A Múmia”

para a apresentação de final de ano, demonstrando envolvimento e alegria. O movimento e o ritmo fortaleceram ainda mais a conexão das crianças com o projeto.

Assim, este percurso tornou-se uma trilha de pertencimento e construção de identidades. As crianças descobriram que aprender é também viajar, imaginar e criar. Encerramos o ano celebrando cada descoberta e com a certeza de que experiências culturais ampliam horizontes e enriquecem a trajetória infantil desde cedo.



Arquiteturas da África: formas, cores e histórias



Autoras: Bianca B. Zermiani e Lohaine S. A. da Silva

Turma: 1º período

Este projeto, desenvolvido ao longo de um semestre com a turma do 1.º Período da Educação Infantil, teve como foco a ampliação do repertório cultural das crianças por meio da exploração de diferentes arquiteturas africanas e do conhecimento de artistas e arquitetos reconhecidos mundialmente. A escolha desse conteúdo surgiu da intenção de promover práticas pedagógicas que valorizassem a diversidade cultural e aproximassem as crianças de expressões estéticas presentes em diferentes regiões da África, favorecendo a observação, a criatividade e a construção de sentidos.

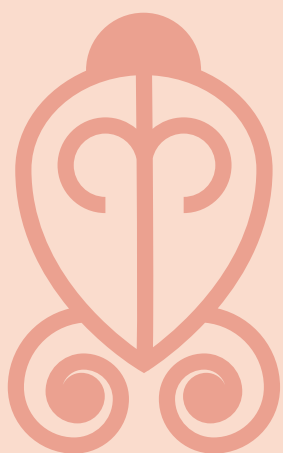
Ao longo do semestre, diversas atividades foram realizadas para ampliar a compreensão das crianças sobre os modos de construir e viver. Entre essas experiências, destacam-se a exploração das casas de barro de Mali utilizando o Google Maps, permitindo que as crianças “caminhassem” virtualmente pelo vilarejo e observassem detalhes das construções e da Grande Mesquita de Djenné. Em outro momento, realizaram pinturas de observação com tinta natural de barro, registrando características das edificações e demonstrando atenção às cores, formas e texturas.

A construção coletiva de uma maquete de casa de barro, feita com argila e palitos, possibilitou que cada criança contribuísse para a modelagem das paredes, desenvolvendo a cooperação e a compreensão sobre estrutura e estabilidade. O projeto também contemplou o estudo das casas do povo Ndebele e da artista Esther Mahlangu. As crianças conheceram suas obras, sua história e seus padrões geométricos característicos por meio de leitura e escrita coletiva.

Inspiradas nisso, produziram uma grande pintura coletiva representando uma “casa”, utilizando

formas geométricas, cores vibrantes e um pincel feito de pena, demonstrando sensibilidade estética. Além disso, pesquisaram sobre o arquiteto Francis Kéré e suas principais obras, criando desenhos e construções baseadas em seus projetos.

Os resultados alcançados evidenciaram um aumento significativo do repertório cultural das crianças, que passaram a reconhecer diferentes modos de construir e a valorizar as manifestações arquitetônicas africanas. As produções, falas e registros demonstraram curiosidade, respeito à diversidade e ampliação da capacidade de observar e interpretar elementos visuais. Conclui-se que o projeto representou um percurso pedagógico significativo, marcado pela investigação, pela expressão artística e pela valorização das identidades culturais.



Lendas do folclore brasileiro, cultura e diversidade



Autora: Rosemara Meumer Venancio

Turma: 1º período

Este projeto, desenvolvido ao longo de dois meses com duas turmas de 1.º Período da Pré-escola, teve como foco a diversidade das lendas do folclore brasileiro. A escolha desse conteúdo surgiu da necessidade de promover práticas pedagógicas que valorizassem a diversidade cultural, as narrativas e a história nacional. As lendas foram selecionadas por sua riqueza cultural e indígena, e por transmitirem valores éticos fundamentais para a formação integral dos estudantes.

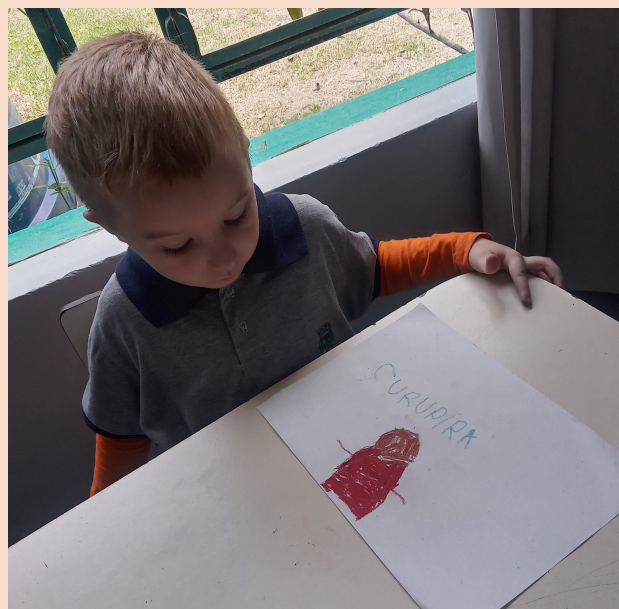
No decorrer desses dois meses, diversas atividades foram desenvolvidas para favorecer a construção de sentidos e o engajamento das crianças. Entre elas, destacam-se leituras interativas, rodas de conversa e produções artísticas. Essas práticas possibilitaram que os pequenos conhecessem temas como diversidade, respeito, acessibilidade e as raízes indígenas e africanas de nossa cultura. O projeto teve como principal objetivo levar as crianças a reconhecerem e valorizarem as lendas folclóricas presentes no imaginário brasileiro.

Além disso, buscou-se desenvolver competências de respeito, empatia e consciência histórica, ao mesmo tempo em que se trabalhavam habilidades de interpretação, comunicação e expressão criativa. A metodologia adotada combinou leitura orientada, música, rimas, registros reflexivos e a construção de desenhos que representavam cenas e símbolos significativos das lendas apresentadas.

Os resultados alcançados evidenciaram um aumento significativo do repertório cultural das crianças, que passaram a demonstrar maior respeito às diferenças, a inclusão de colegas com deficiência e uma compreensão mais sensível sobre as influências africanas e indígenas nos personagens

folclóricos. As reflexões contribuíram para fortalecer a valorização da diversidade da sociedade brasileira.

Conclui-se que o projeto foi de suma relevância; as crianças tiveram a oportunidade de comunicar suas aprendizagens e representar suas habilidades de escrita e desenho desenvolvidas ao longo do ano letivo. A experiência consolidou práticas inclusivas e reforçou a importância de abordar as relações étnico-raciais como parte essencial da educação integral na primeira infância.



CEI PEQUENA SEREIA

Raízes em cores - a arte indígena como expressão de vida, natureza e cultura



Autora: Janaina Lais da Silva Rodrigues

Turma: Maternal 2

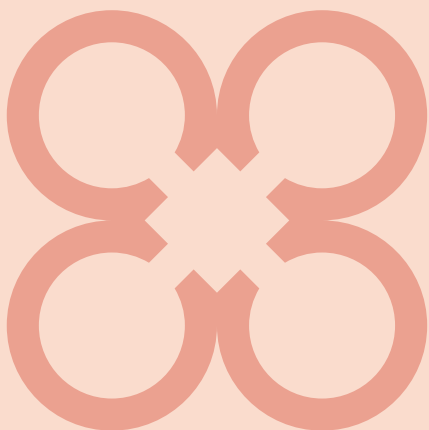
Este projeto foi realizado durante os meses de março a novembro de 2025 com a turma de Maternal 2. Teve como objetivo promover o conhecimento, a valorização e a apreciação da arte indígena, contribuindo para o respeito à diversidade cultural e o desenvolvimento integral das crianças por meio de vivências artísticas, estéticas e culturais.

A ideia surgiu durante uma roda de música, na qual as crianças ficaram encantadas pelo pau de chuva e pela flauta trazida por uma colega. A curiosidade sobre a origem desses instrumentos, associada à explicação da professora sobre sua utilização em rituais e festas, gerou o encantamento necessário para um estudo aprofundado sobre a cultura dos povos originários do Brasil.

Mensalmente, realizamos atividades que envolveram pintura, exploração de penas, grafismo, música e dança. Utilizamos elementos da natureza, como tintas produzidas a partir de sementes e raízes, e promovemos o reconhecimento de plantas aromáticas, sons, contos e alimentos da cultura indígena. Essas vivências estimularam a coordenação motora fina, a percepção sensorial e a criatividade, proporcionando um contato lúdico que favoreceu uma postura empática e respeitosa diante da diversidade.

Ao longo do ano letivo, promovemos diversas exposições que reforçaram a valorização da cultura indígena. A visibilidade do projeto estendeu-se para além dos espaços comuns: a própria sala de aula manteve-se em constante transformação, com paredes servindo como registro vivo e painel de evidências do aprendizado.

Este projeto buscou oportunizar vivências significativas, nas quais as crianças puderam conhecer e valorizar a arte indígena como forma de expressão, resistência e memória coletiva. Ao explorar traços, cores e simbologias, as crianças aprenderam que existem diferentes formas de ver e representar o mundo.



Ciranda das culturas



Autoras: Jaqueline K. Neves, Keren Appuk, Regyanne da S. Guimarães, Silvania da S. Almeida, Elise Helena de Espindola, Julieth Adriana Cipriano e Ana Taline Anacleto

Turma: Maternal 1 e 2/ 1º e 2º período

O projeto "Cirandas das Culturas", desenvolvido ao longo do 2.º semestre com as turmas do Maternal 1 e 2, e dos 1.º e 2.º Períodos, teve como foco a exploração da influência da cultura africana na cultura brasileira. Por meio de diversas formas de expressão — como artes plásticas, músicas, vestuário, brincadeiras e vocabulário — a proposta buscou valorizar a diversidade cultural e contribuir para a formação de uma identidade inclusiva e respeitosa.

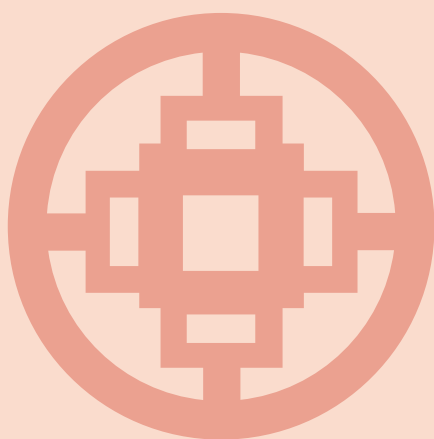
O conhecimento sobre o continente africano foi introduzido por meio de vídeos e literatura, gerando curiosidades sobre a localização, a fauna e as paisagens. Encantadas pela árvore Baobá, as crianças do 2.º Período construíram uma representação dela para o pátio do CEI, celebrando essa conexão cultural. Os contos africanos, como o da "Galinha de Angola" e o do "Ubuntu", integraram o repertório de todas as turmas, que recriaram personagens com materiais recicláveis, destacando valores de comunidade e solidariedade.

As brincadeiras cantadas e ritmos como Simamaka e Yapo permitiram que as crianças compreendessem a influência africana na música popular brasileira, como no samba e no maracatu. Na culinária, as turmas exploraram a cultura alimentar do Quilombo de Santa Rita do Bracuí (RJ). Após conhecerem receitas tradicionais, prepararam um pão de banana e cultivaram batata-doce. Complementando a imersão, realizaram pesquisas sobre o vocabulário, descobrindo a origem de palavras como "caçula" e "moleque".

Nas artes plásticas, as crianças confeccionaram máscaras de argila e estamparam tecidos ins-

pirados nos panôs africanos. A exploração das vestimentas, como o Dashiki e a capulana (usada como sling), gerou discussões sensíveis sobre o transporte de bebês e a identidade cultural dos turbantes. Os alunos experimentaram diferentes amarrações, reconhecendo-as como símbolos de resistência e beleza.

O projeto "Cirandas das Culturas" representou uma jornada enriquecedora, despertando o respeito pelas contribuições africanas à nossa sociedade. A intencionalidade das atividades reforçou a importância da inclusão, contribuindo para que as crianças se tornem cidadãs conscientes e comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.



Consciência Negra e a celebração da diversidade



Autora: Fabíola Zanata Padilha

Turma: 1º período

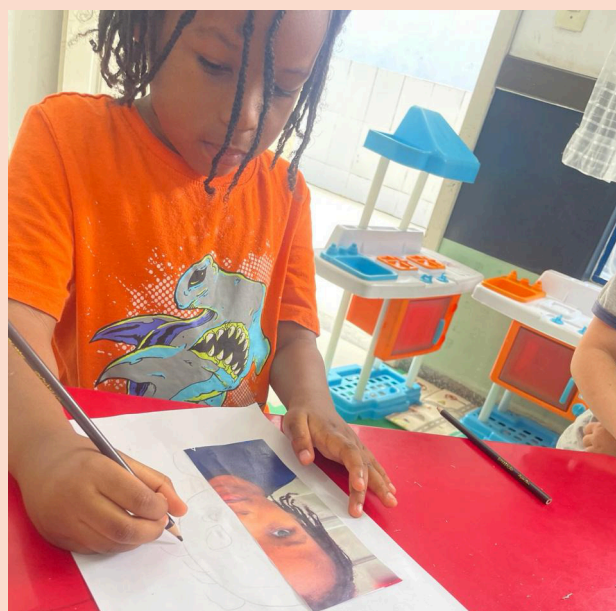
O projeto "Consciência Negra e a Celebração da Diversidade" foi desenvolvido com os alunos da Educação Infantil, tendo como principal objetivo promover o respeito às diferenças étnico-raciais e fortalecer a identidade e a autoestima de cada criança. A iniciativa visou à desconstrução de preconceitos, valorizando a cultura afro-brasileira e a pluralidade que compõe nossa sociedade, em cumprimento às diretrizes estabelecidas pela Lei n.º 10.639/03.

As atividades foram planejadas de forma lúdica e interativa, focando no autoconhecimento e na valorização do colega. Utilizamos rodas de conversa para introduzir o tema da diversidade, explorando canções como "Qual é a cor da cor da pele?", que estimulam a reflexão sobre as variadas tonalidades e características físicas. As crianças foram incentivadas a observar e descrever as diferenças de cor de cabelo, pele e olhos entre si e em suas famílias.

Em uma atividade prática, as crianças receberam tintas nas cores branco, vermelho, amarelo e marrom, sendo convidadas a misturá-las até encontrarem o tom de sua própria pele. Esse momento foi crucial para demonstrar a existência de uma infinidade de tons únicos. Utilizando as cores criadas, além de lãs de diferentes texturas para os cabelos e recortes para os olhos, cada aluno produziu seu autorretrato. O objetivo foi permitir que se apropriassem de sua imagem e se sentissem valorizados.

O resultado gerou falas potentes, como a de uma criança que, ao finalizar sua obra, exclamou: "Olha, tia, já acabei! Eu sou um negro lindo! Faltava a coroa; eu sou um príncipe!". O projeto promoveu um ambiente de diálogo aberto e respeito mútuo, com participação ativa em todas as propostas.

Através do reconhecimento das diferenças e do autorretrato, observaram-se avanços significativos na autoestima e no senso de pertencimento. A turma desenvolveu a percepção de que as características físicas são belas e naturais, e não motivos para distinção. A escola cumpriu seu papel de desconstruir estereótipos, reforçando a importância de trabalhar essas temáticas de forma contínua para garantir a formação de cidadãos conscientes e antirracistas



Animais da África



Autoras: Aline Campos, Patrícia S. N. Rufino e Nadia Viviane F. dos Santos

Turma: Berçário 2

Ao longo do semestre, desenvolvemos em sala o projeto “Que bicho é esse?”, no qual exploramos diferentes animais como o porco, a lagarta e o peixe. Para a Semana da Consciência Negra, alinhamos nosso projeto às propostas da temática, ampliando o repertório das crianças e valorizando a diversidade cultural. Assim, trabalhamos com animais de origem africana, apresentando uma espécie diferente a cada dia por meio de vivências lúdicas, sensoriais e investigativas.

Iniciamos as atividades apresentando na lousa digital a música “O Rei Leão: O Ciclo da Vida”, despertando o interesse do grupo. Na sequência, utilizamos uma “caixa surpresa” com imagens da fauna africana, incluindo leão, elefante, girafa, zebra, hiena, leopardo, hipopótamo e gorila. As crianças retiraram as figuras uma a uma, conversamos sobre suas características e imitamos seus sons. Após a exploração, organizamos um painel coletivo com todos os animais conhecidos.

Em outro momento, apresentamos a imagem do elefante africano. A professora utilizou a própria mão para representar a tromba e, ao som da música “A tromba do elefante”, exploramos juntos os movimentos do animal. As crianças puderam tocar e movimentar a “tromba” lúdica, participando com entusiasmo. Também preparamos a silhueta de uma girafa em papel pardo; ficamos todos em pé para comparar o tamanho do animal com o das crianças, incentivando percepções de grandeza. Em pequenos grupos, os pequenos carimbaram as pintas da girafa com esponjas e tintas marrom e amarela.

Para finalizar as vivências, apresentamos a imagem da zebra e conversamos sobre suas listras.

As crianças foram convidadas a realizar uma intervenção artística no muro do solário, utilizando tinta preta e rolinhos para criar as listras do animal. Enquanto a proposta acontecia, o restante do grupo permaneceu em sala com brinquedos de encaixe, respeitando-se o tempo e o interesse individual de cada criança.

A Semana da Consciência Negra foi extremamente rica. As crianças ampliaram seus conhecimentos sobre a fauna africana de maneira prazerosa, conectando música, movimento e arte. As propostas fortaleceram a valorização da diversidade cultural e do patrimônio natural africano, resultando em um período de grandes descobertas e encantamento para toda a turma.



Descortinando o olhar para as diferenças



Autora: Bruna lassunik

Turma: 1º período

Realizamos essa vivência voltada ao reconhecimento da identidade, da autoestima e do respeito às diferenças a partir da leitura da história O Cabelo de Lelê. As crianças se reuniram em roda e escutaram atentamente a narrativa, mostrando curiosidade sobre a personagem e a beleza da diversidade presente no livro. Após a leitura, apresentamos um espelho e explicamos que cada um teria a oportunidade de olhar para si, observar seus traços e compartilhar com o grupo suas características físicas e o que mais gosta em si mesmo.

O momento foi delicado e cheio de significados. Helena descreveu seu cabelo com orgulho, destacando o tom preto com as pontas douradas e afirmando ser essa a característica que mais aprecia. Leticia observou seus fios enrolados e compartilhou que o que mais gosta é sua pele. Ravi explorou sua imagem com curiosidade e descreveu seu cabelo com naturalidade. Emanuel, embora tímido no início, ganhou confiança e identificou seu cabelo dizendo: “Ele não é curto”, sorrindo ao ouvir que seu comprimento é médio.

Isabella demonstrou segurança ao descrever a cor de seus cabelos e olhos. Ao ser questionada sobre a tonalidade de sua pele, respondeu prontamente: “Morena”. Com um sorriso, completou dizendo que gosta de tudo em si mesma. Sophia finalizou a dinâmica observando seus traços cuidadosamente e falando com alegria sobre sua cor. Para ela, seu cabelo é sua parte favorita “porque é bonito e diferente”.

A roda tornou-se um espaço de escuta sensível e valorização. Cada criança pôde se reconhecer

e, ao mesmo tempo, aprender a admirar as particularidades dos colegas. A proposta contribuiu para fortalecer a identidade e promover o respeito, ampliando a compreensão da diversidade como algo natural e essencial.



CEI SILVIA REGINA CAVALHEIRO

Experiência: manuseando a tinta guache dentro do plástico, para descobrir qual animal irá aparecer

Autora: Maria Eduarda de Souza Gomes**Turma:** Berçário 1/2

Na atividade proposta em sala, as crianças exploraram diferentes animais da África por meio de uma experiência sensorial. Cada animal — como o leopardo, a zebra e o gorila — estava dentro de um saco plástico transparente com tinta guache, o que inicialmente escondia sua imagem.

À medida que as crianças manuseavam e espalhavam a tinta com as mãos, o animal aparecia, despertando curiosidade, encantamento e atenção. Durante esse processo, a professora nomeava cada animal observado, com o objetivo de estimular a linguagem oral e a associação entre imagem e nome.

Foi possível notar que as crianças reagiram prontamente aos nomes ditos: algumas repetiam com clareza, enquanto outras tentavam reproduzir os sons por meio de balbucios, demonstrando avanço na aquisição da fala e interesse pela comunicação. A manipulação da tinta também favoreceu o desenvolvimento sensorial, a coordenação motora e a exploração ativa do material.

A atividade contribuiu para ampliar o vocabulário, estimular a escuta atenta, promover a interação e despertar o interesse pelas características da fauna africana, consolidando uma prática lúdica e eficaz para o desenvolvimento infantil.



CEI SILVIA REGINA CAVALHEIRO

O ritmo dos tecidos e tambores

Autoras: Janaina Vargas, Mayara de R. Alves e Angela M. C. Pereira

Turma: Berçário 1

Durante o mês de novembro, trabalhamos a cultura africana trazendo tecidos, tambores e música para a sala de aula. O contato com os materiais ofertados proporcionou estímulos sensoriais e motores, explorando sons, ritmos, cores e texturas variadas.

Os tecidos foram dispostos no chão e deixados livres para a exploração das crianças. Algumas brincaram de se esconder, outras os arrastaram pela sala, e houve diversas tentativas de se enrolar, sacudir e amassar os panos. Acompanhando as propostas, a exibição de vídeos musicais permitiu que os pequenos se movimentassem e balançassem seguindo o ritmo das canções.

Os tambores, confeccionados pelos pais, foram utilizados tanto nos ensaios quanto no momento da apresentação cultural ao final do mês, permitindo que cada criança produzisse sons por meio da batucada.

No dia da apresentação, crianças e professoras vestiram roupas coloridas que remetem à estética africana, e o palco foi decorado com a mesma temática. A vivência consolidou o aprendizado de forma festiva, valorizando a expressão corporal e o reconhecimento das heranças culturais africanas em nosso cotidiano.



Por todas as nossas raízes



Autoras: Maiara Beatriz C. Machado e Karina O. Schmitt

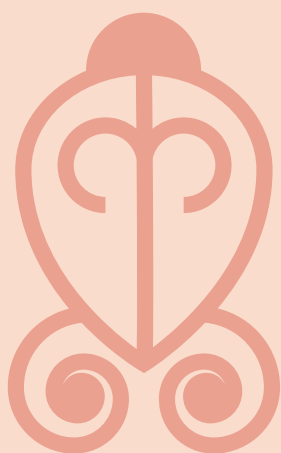
Turma: 2º período

O Projeto “Por Todas as Nossas Raízes” nasce com o propósito de fortalecer, no contexto escolar, uma educação comprometida com o respeito, a diversidade e a equidade. Com ênfase no trabalho das questões étnico-raciais, o projeto propõe vivências que promovem o reconhecimento das diferenças, a construção de identidades positivas e o compromisso com uma educação antirracista desde a primeira infância. Ao tornar visíveis as raízes que sustentam nossa história, ampliamos o repertório cultural das crianças e favorecemos a construção de uma visão de mundo mais justa, plural e verdadeira.

Nas turmas do 2.º Período, a professora Maiara desenvolveu um trabalho significativo com a temática “Mulheres Negras pelo Mundo”. A proposta valorizou as contribuições femininas em diferentes áreas, apresentando personalidades como Antonieta de Barros (primeira deputada estadual negra do Brasil), Ruby Bridges (símbolo dos direitos civis), Marta Vieira da Silva (ícone do futebol) e Mae Jemison (astronauta da NASA). Por meio de biografias e histórias inspiradoras, as crianças conheceram trajetórias de conquista, talento e representatividade.

Paralelamente, as turmas desenvolveram um estudo especial sobre as etnias indígenas presentes no Brasil. O objetivo foi valorizar a diversidade dos povos originários e compreender como suas contribuições moldam a identidade nacional. As crianças exploraram tradições e modos de viver, utilizando recursos como a confecção de um mapa do Brasil para localizar as principais etnias estudadas.

As atividades incluíram a escrita e a identificação dos nomes das etnias, estimulando a alfabetização e a ampliação do vocabulário por meio de palavras de grande valor cultural. Esse trabalho de localização geográfica permitiu que as crianças reconhecessem o território brasileiro como um espaço de múltiplos saberes. O projeto reforça o compromisso da instituição com uma educação plural, que acolhe as diferenças, combate preconceitos e reconhece todas as raízes que formam quem somos.



Vivenciando brincadeiras da cultura africana e indígenas

Turma: 2º período

Autora: Sheila Mazzucco da Silva

Durante o segundo semestre, a turma do 2.º Período vivenciou momentos de grande alegria e aprendizado por meio das brincadeiras africanas e indígenas, explorando a cultura, o movimento e o respeito às diferenças. A proposta teve como objetivo ampliar o repertório cultural das crianças, valorizando tradições ancestrais e fortalecendo vínculos por meio do brincar coletivo.

Iniciamos apresentando às crianças os contos africanos "Ubuntu" e "A Lenda dos Tambores Africanos". Após a exploração das histórias, as crianças pesquisaram, com o apoio das famílias, brincadeiras típicas como a "Amarelinha Africana", "Terra e Mar" e "Galinha Cega". Refletimos sobre como, independentemente da distância geográfica, as crianças de diversos lugares do mundo se divertem e criam laços por meio do brincar.

Durante as vivências, observamos grande participação e cooperação. As crianças se organizaram em grupos, respeitaram o tempo de espera, incentivaram os colegas e demonstraram entusiasmo com as novas regras. Foi possível perceber avanços nas habilidades motoras — como coordenação, equilíbrio e agilidade — além do fortalecimento de competências sociais como empatia e diálogo.

A proposta mostrou-se rica e significativa, reafirmando o compromisso da escola com a valorização da diversidade cultural. Ao brincar, as crianças não apenas se movimentam, mas também reconhecem e respeitam as diferentes raízes que formam a nossa sociedade.





**PRÁTICAS INSPIRADORAS DE EDUCAÇÃO
PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

ENSINO FUNDAMENTAL 1

EM ALFONSO FIEDLER

Enaltecer artistas afro-brasileiros e suas obras, transforma como as crianças entendem a identidade e representatividade em Ensino Religioso



Autora: Letícia Bittencourt Dutra

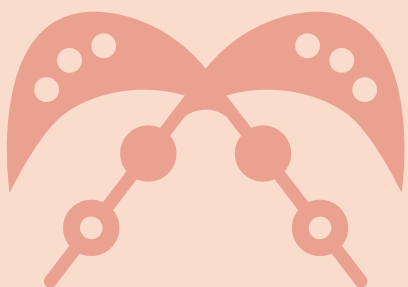
Turma: 1º ao 5º

O presente projeto foi desenvolvido com turmas multisseriadas do 1.º ao 5.º ano do Ensino Fundamental, no componente curricular de Ensino Religioso. O foco central foi a valorização da cultura afro-brasileira por meio do contato com o acervo do artista Heitor dos Prazeres. A proposta buscou ampliar o repertório cultural dos estudantes e promover o reconhecimento das contribuições da população negra, especialmente em uma unidade escolar composta por descendentes de comunidades quilombolas.

Inicialmente, os alunos conheceram a trajetória de Heitor dos Prazeres, destacando sua atuação polivalente como artista plástico e sambista. Durante as atividades, os estudantes ouviram sambas de roda, o que possibilitou uma vivência sensorial articulando arte, música e a religiosidade presente nas matrizes africanas. Em seguida, realizou-se uma roda de conversa na qual as crianças compartilharam impressões e sentimentos, exercitando a escuta e o respeito às diferentes interpretações, respeitando as distintas faixas etárias do grupo.

Após a apreciação, cada aluno realizou a releitura de uma obra utilizando lápis aquarelável, experimentando cores e formas com autonomia. As produções foram expostas na área externa, promovendo o protagonismo estudantil junto à comunidade. Um ponto alto do projeto foi a identificação imediata: por serem descendentes de quilombolas, muitos alunos reconheceram traços de seus próprios familiares nos personagens pintados por Heitor, gerando um profundo sentimento de pertencimento.

Os resultados evidenciaram o fortalecimento da autoestima e do respeito às identidades. A experiência reforçou o papel do Ensino Religioso como promotor da empatia e da valorização das tradições de matriz afro-brasileira. Conclui-se que o projeto foi uma prática pedagógica significativa, integrando arte e diálogo na construção de uma convivência escolar mais respeitosa e consciente de suas raízes.



Vozes negras na literatura africana



Autores: Lidiana Ribeiro, Stefhany O. da Silva e André Paupitz

Turma: 4º ano

O presente relato de experiência descreve a implementação e os resultados do projeto "Vozes Negras na Literatura Africana", desenvolvido com as turmas do 4.º ano do Ensino Fundamental. O projeto nasceu da necessidade de enfrentar a resistência observada nos estudantes em relação à leitura de livros de autores e com personagens negros, bem como histórias que abordam nossas origens afrodescendentes. Nossa motivação central foi incentivar a leitura e valorizar a história e a cultura africana e afro-brasileira, colaborando para a construção de uma educação antirracista.

O objetivo geral foi engajar os estudantes na literatura negra, reconhecendo-a como parte essencial da identidade brasileira e desenvolvendo uma postura de respeito. Estruturado de forma interdisciplinar ao longo de quatro meses, o projeto integrou Língua Portuguesa, Ensino Religioso e Ciências. A metodologia combinou encontros semanais na biblioteca para discussão de resenhas com oficinas práticas. Enquanto a Língua Portuguesa guiou a produção textual, o Ensino Religioso fomentou o desenvolvimento ético e o reconhecimento da identidade cultural.

Simultaneamente, realizamos oficinas sustentáveis onde os estudantes confeccionaram mandalas e bonecas africanas a partir de garrafas de vidro reaproveitadas. Este ponto de intersecção com a disciplina de Ciências abordou a consciência ambiental, transformando materiais descartáveis em artefatos que celebram a ancestralidade. As evidências de aprendizagem foram notórias no aprimoramento do discurso e na mudança de postura das crianças, que passaram a demonstrar maior empatia e reconhecimento étnico-racial.

Os resultados foram significativos: houve um aumento real na procura por títulos da literatura negra e o diálogo antirracista consolidou-se na rotina escolar. O produto final incluiu cadernos de resenhas e uma Exposição Cultural Sustentável. Diante do sucesso da iniciativa, pretendemos tornar o projeto permanente na instituição, garantindo que as "Vozes Negras" continuem a enriquecer o currículo de forma contínua e abrangente.



Patrimônio histórico imaterial - Kênia clube

Turma: 3º ano

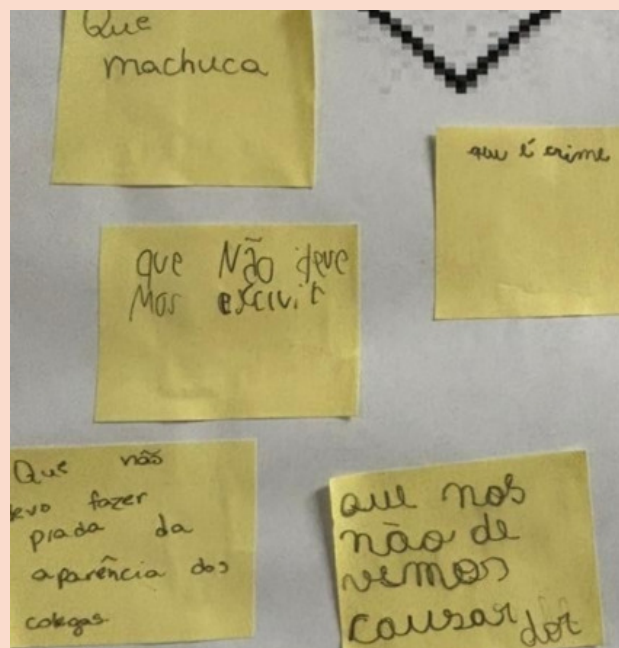
Autora: Nicolle Bueno de Godoi

Essas atividades foram desenvolvidas por turmas de 3.º ano durante as aulas de Ciências Humanas, ao longo de junho, quando trabalhamos os patrimônios históricos da cidade de Joinville. O objetivo foi dar visibilidade à contribuição e resistência da população negra no município, utilizando como eixo condutor a história do Clube Kênia.

Ao conhecer a trajetória do clube, fundado em 1960, os estudantes perceberam os desafios enfrentados pela comunidade negra, incluindo a segregação social que motivou a criação de espaços próprios de sociabilidade. Em seguida, os alunos elaboraram uma linha do tempo ilustrada marcando a fundação do clube. A atividade gerou curiosidade, pois as crianças surpreenderam-se ao descobrir que o preconceito histórico impunha a existência de clubes exclusivos.

A história do Clube Kênia, reconhecido hoje como Patrimônio Imaterial de Joinville, funcionou como ferramenta poderosa para demonstrar a importância da união e da valorização da identidade negra. Através de rotinas de pensamento individual, os estudantes puderam expressar suas dúvidas e sentimentos de forma autêntica.

A atividade coletiva na área externa ampliou a discussão para a comunidade escolar, promovendo um debate didático e sensível. Como resultado, as turmas demonstraram maior percepção sobre a diversidade e a importância da luta contra o racismo, reconhecendo que a preservação do patrimônio negro é essencial para a história de Joinville e de nossa sociedade.



Conexão e legado



Autora: Jacimara Suzarte

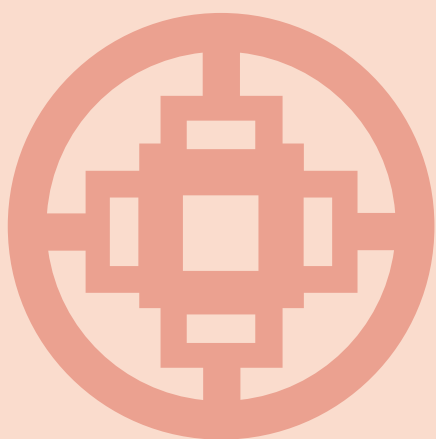
Turma: 4º ano

As atividades foram desenvolvidas de diversas formas, iniciando com uma explanação do assunto e uma roda de conversa diagnóstica, na qual exibimos um vídeo sobre Zumbi dos Palmares. Discutimos o significado do feriado da Consciência Negra e a relevância do ensino da cultura africana nas escolas. Abordamos rituais de iniciação e o simbolismo das máscaras africanas, além de explorarmos a tradição oral por meio do conto “Por que o morcego só voa de noite”. Após a leitura coletiva, os estudantes realizaram reflexões potentes sobre a importância de ter posicionamento e opinião própria.

Um dos marcos do projeto foi o estudo da filosofia Ubuntu. Após assistirmos a um vídeo temático, socializamos o conceito de que o senso de comunidade e os laços coletivos fortalecem o grupo acima das motivações individuais. Essa vivência permitiu nos conectarmos enquanto turma, reafirmando que o respeito é primordial para os relacionamentos interpessoais. Paralelamente, os estudantes pesquisaram personalidades negras que transformaram a sociedade, assistindo às cinebiografias de Ben Carson (Mãos Talentosas) e de Pelé (O Nascimento de uma Lenda).

O objetivo central foi promover o conhecimento e o respeito pela diversidade cultural africana, valorizando sua contribuição para a identidade brasileira e estimulando a imaginação e a oralidade. Foi possível evidenciar o desenvolvimento de habilidades artísticas e de coordenação motora fina na confecção de máscaras africanas, compreendendo seus significados em rituais e celebrações. Além disso, as atividades fomentaram a autoestima e a representatividade, permitindo que os alunos se identificassem com trajetórias positivas.

Para a conclusão do projeto, realizamos uma exposição escolar das máscaras confeccionadas. Todos os presentes tiveram a oportunidade de prestigiar a explanação sobre a função desses artefatos nas diferentes etnias e de apreciar a contação de contos africanos, valorizando a tradição oral. A execução do projeto superou as expectativas, resultando em um grande engajamento dos alunos e na consolidação de um ambiente escolar mais plural e respeitoso.



Personalidades negras que fizeram e fazem história na construção e formação do Brasil



Autores: Elionay R. Marques e Lucas Venicius Meurer

Turma: 1º ao 5º ano

Na proposta desenvolvida com os estudantes teve-se como objetivo proporcionar uma reflexão e diálogo sobre o Brasil e a diversidade de povos que compõem o nosso país. A escolha desse conteúdo surgiu da necessidade de promover práticas pedagógicas que evidenciem e valorizem a participação da população negra na formação do Brasil e na contribuição no campo político, literário, musical, no esporte, etc. Além disso, buscou-se desenvolver a consciência histórica e conhecer a história do Brasil.

Realizou-se uma roda de conversa com os estudantes possibilitando que trouxessem o que pensam sobre o dia 20 de novembro, o dia da Consciência Negra.

Os estudantes mencionaram o nome de Zumbi dos Palmares e que esse dia tem a ver com a morte desse integrante da história dos negros no Brasil.

Em seguida, a professora trouxe algumas informações sobre a vinda dos africanos à força para o Brasil para trabalhar como escravizados nas plantações de cana-de-açúcar e café.

Essas pessoas foram tiradas do seu país de origem e trazidas para o Brasil e aqui foram escravizadas e não tiveram condições dignas de vida.

Muitas dessas pessoas foram resistindo à escravização, começaram a fugir e construir o que chamamos de Quilombo.

Durante a construção e formação do Brasil, na arquitetura, na arte e na economia do país, por exemplo, o trabalho dos negros foi pesado e contínuo.

Apresentou-se aos estudantes algumas personalidades como Djamila Ribeiro, Macaé Evaristo, Emicida, Djavan, Milton Nascimento, Elza Soares, Gilberto Gil, Sueli Carneiro, Vini Junior, Lázaro Ramos e a vereadora joinvilense Vanessa da Rosa.

A finalização da proposta ocorreu por meio da construção de cartazes com personalidades negras que contribuem significativamente para que tenhamos um Brasil rico em diversidade, em cultura, literatura, justiça social, na arte, na luta por igualdade e por reparação histórica que muito o Brasil deve a esse povo que o construiu. Essa proposta permitiu aos estudantes conhecer muitas personalidades que não conheciam, como

Djamila Ribeiro, Djavan, Lázaro Ramos, entre outros, mas não só como uma exposição dessas personalidades, e sim construir, através do diálogo e das experiências em sala de aula, uma concepção real da identidade do Brasil, valorizando assim as contribuições africanas para a formação do povo brasileiro. Conclui-se que a proposta proporcionou o conhecimento da história do Brasil pela expressão oral, pelo diálogo, pela respeito, pela valorização e pela formação cidadã. Ressalta-se a essencialidade de se proporcionar continuamente experiências acerca das relações étnico-raciais para a formação integral dos estudantes.



Dia da Consciência Negra: celebridades negras, lenda do Baobá e teatro sobre racismo e bullying



Autoras: Anna Giorgia Toquetto e Marlise Stapait

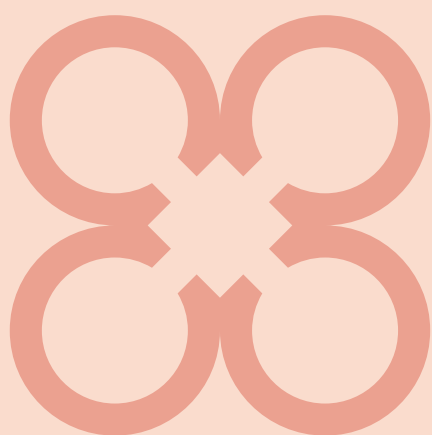
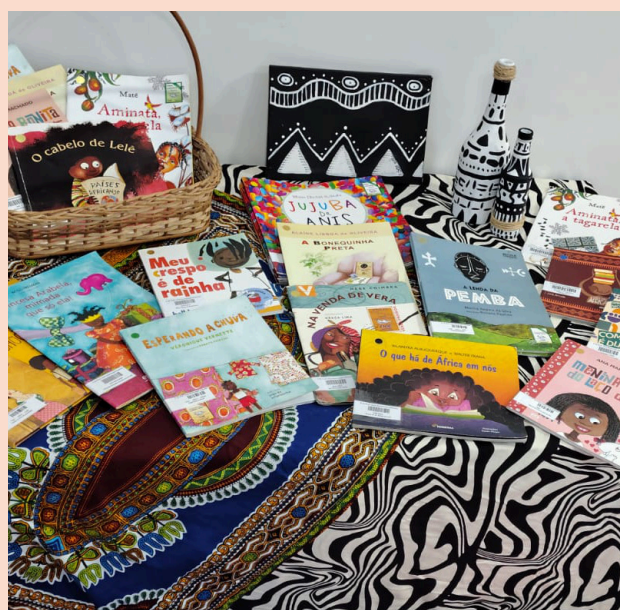
Turma: 1º ao 5º ano

Diante de episódios de bullying e racismo ocorridos em nossa unidade escolar, identificamos a necessidade de aprofundar o estudo da temática, enfatizando seu contexto histórico e suas consequências atuais. Reconhecer a necessidade de reparação histórica torna-se essencial, visto que as condições vivenciadas pelos afrodescendentes ainda refletem as desigualdades do passado. Embora as leis representem conquistas, o racismo estrutural ainda se manifesta intensamente; logo, é por meio da reflexão crítica e da educação antirracista que podemos construir um futuro mais justo.

O projeto promoveu a valorização da cultura afro-brasileira e o interesse da turma por histórias e teatro. A prática contemplou três eixos: o estudo de personalidades negras, a interpretação de lendas africanas e a criação de cenas teatrais inspiradas na obra *Flicts*, de Ziraldo. O trabalho foi interdisciplinar, integrando o Ateliê de Artes Visuais e a Infoteca. Inicialmente, realizou-se uma roda de conversa sobre os estereótipos raciais presentes no cotidiano, seguida por uma pesquisa sobre destaques negros na música, esporte, ciência e televisão.

Posteriormente, trabalhamos as lendas do Baobá e da Galinha-d'Angola, explorando seus simbolismos. Os alunos realizaram recontos e reflexões sobre ancestralidade e força coletiva. Para aprofundar o tema, organizamos grupos para a criação de cenas teatrais que retratavam situações de racismo e bullying, incentivando a expressão corporal e a busca por soluções respeitosas. As dramatizações foram apresentadas para a comunidade escolar, promovendo debates sobre ética e enfrentamento ao preconceito.

As evidências de aprendizagem manifestaram-se na participação ativa e na mudança de postura dos alunos. O produto final incluiu um painel coletivo, dobraduras inspiradas na Galinha-d'Angola, ilustrações do Baobá e apresentações teatrais. Como resultado, observou-se maior sensibilidade dos estudantes quanto às questões raciais, o fortalecimento da autoestima e uma compreensão mais profunda sobre respeito, identidade e diversidade.



Peça teatral adaptada do livro "Kizzy que cabelo é esse,hein!" e peça teatral adaptada do livro "Flávia e o bolo de chocolate"



Autora: Bruna Luana Costa Miqueta

Turma: 5º e 8º ano

O Projeto Grupo de Teatro LG foi criado em abril de 2025 com o objetivo de possibilitar aos alunos o desenvolvimento de habilidades cognitivas, físicas e emocionais. A proposta visa permitir que os estudantes se apropriem, de forma crítica e construtiva, de conteúdos sociais e culturais, ampliando conceitos de ação, sensibilidade e percepção, além de promover momentos culturais que envolvam toda a comunidade escolar.

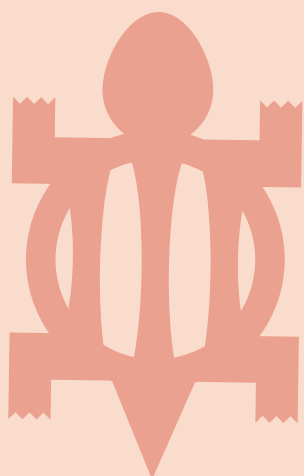
Desde o seu início, o grupo busca trabalhar temas urgentes. Após abordar o combate à dengue, fez-se necessário tratar da temática étnico-racial, com foco na valorização das diferenças e na autoestima de crianças e adolescentes negros. Como ponto de partida, a mediadora de leitura realizou a adaptação do livro Flávia e o bolo de chocolate para o teatro, tendo como objetivo central a valorização de todos os tons de pele.

Paralelamente, a unidade escolar desenvolveu o projeto interdisciplinar "Do Atlântico à Sala de Aula: Identidade, Memória e Combate ao Racismo". Neste contexto, recebemos a visita da autora Mônica Silva e do editor Jura Arruda para uma palestra com os estudantes dos 7.º e 8.º anos sobre a obra Kizzy, que cabelo é esse, hein!. O diálogo enfatizou a aceitação do cabelo natural como parte da identidade, reforçando que a beleza reside na autenticidade de cada um.

Inspirada por essa conversa, a mediadora de leitura também adaptou a história de Kizzy para os palcos. No dia 18 de novembro de 2025, o grupo de teatro realizou as apresentações das duas peças

adaptadas. O resultado demonstrou a superação das alunas envolvidas, que transmitiram as mensagens com excelência e comprometimento.

Cada estudante que assistiu às peças teve a oportunidade de compreender a importância vital de valorizar e respeitar a diversidade étnico-racial da comunidade em que está inserido, aprendendo a enxergar a beleza em si próprio e a reconhecê-la no próximo.



Joias da terra: riquezas indígenas



Autora: Janine Viviane Buse Willemann

Turma: 4º ano

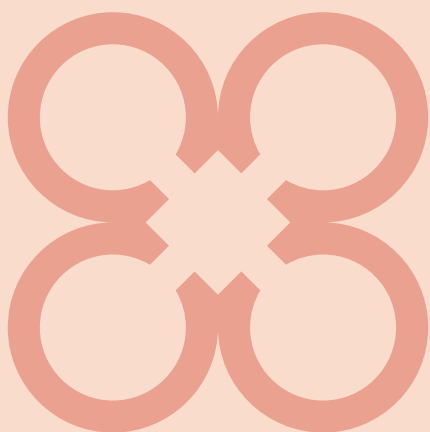
O mês de março compreendeu, conforme o Mapa de Progressão de Aprendizagem do componente Arte para os 4.ºs anos da Rede Municipal de Ensino de Joinville, a abordagem da cultura indígena. As diretrizes indicaram a necessidade de trabalhar a observação e exploração de texturas táteis e gráficas, a repetição de padrões e os elementos de matriz estética indígena, relacionando-os ao cotidiano e à identidade cultural dos estudantes, reconhecendo tais influências nas manifestações locais e regionais.

Considerando essas premissas, promoveu-se o estudo e a apreciação da cultura dos povos originários em suas diversas expressões, como música, dança, cerâmica, trançados, adereços e esculturas. Respeitou-se a pluralidade das mais de 300 diferentes etnias — como os Tikuna, Kokama, Maku-xi, Guarani, Yanomami, Pataxó, Terena, Xavante, Kaingang e tantas outras —, observando as peculiaridades de seus costumes e artefatos.

A singularidade das cerâmicas produzidas ao longo do tempo para diversos fins e a produção de joias por artesãos indígenas contemporâneos (que utilizam argila, madeira e sementes e comercializam suas peças em marketplaces que identificam seu povo de origem) embasaram a tarefa de desempenho autêntico na Escola Municipal Pauline Parucker. O desafio proposto aos estudantes foi a criação de suas próprias “joias da terra”, utilizando o barro como principal material expressivo na produção de adornos originais que refletissem suas personalidades.

O resultado foi uma experiência sensorial e reflexiva rica. Cada estudante personalizou seu adereço

adicionando novos materiais a seu critério, o que gerou uma infinidade de peças autênticas e ampliou o diálogo sobre a prática artística. As apresentações traçaram paralelos entre a produção dos alunos e a dos povos indígenas, que veem no barro um recurso precioso para suas criações — as verdadeiras joias da terra.



Nossas raízes e histórias (Livro das lendas e ancestralidade)



Autora: Carla Alexandre de Oliveira

Turma: 2º ano

Durante as últimas semanas, desenvolvemos com a turma um projeto voltado à valorização da ancestralidade, da cultura africana e do papel das histórias na construção da identidade infantil. O trabalho integrou leitura, oralidade, escrita, artes visuais e atividades em grupo, proporcionando experiências ricas e significativas para o desenvolvimento dos estudantes.

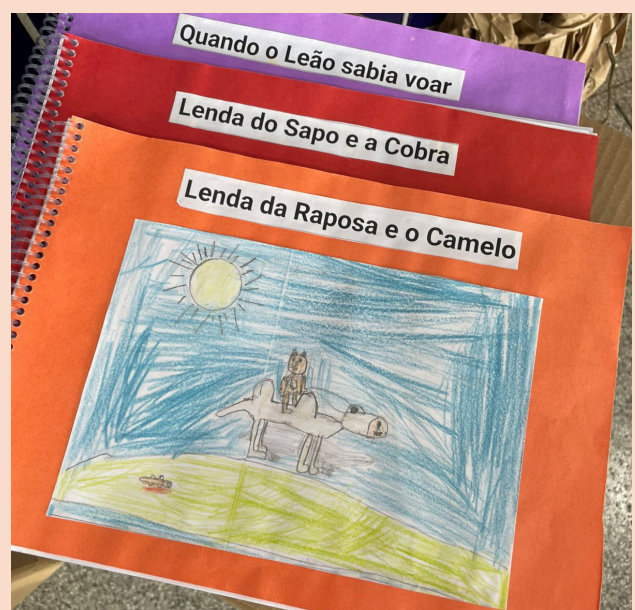
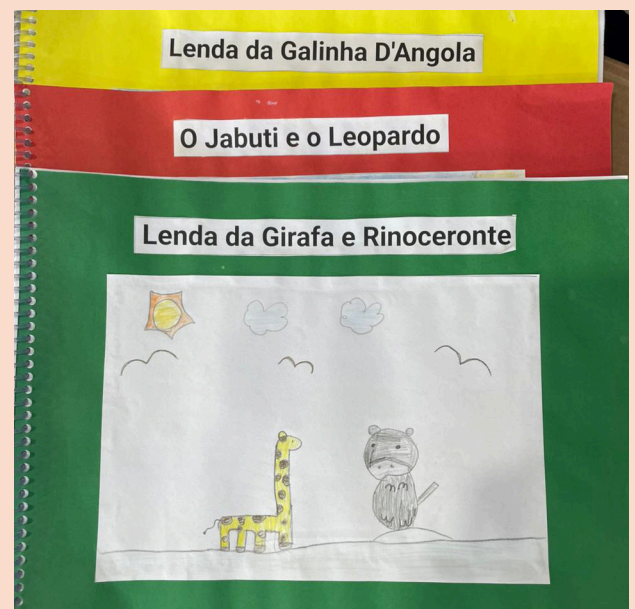
Iniciamos o projeto com a leitura do livro *Nós, vovó e os livros*, de Maria Aparecida Rita Moreira. A partir da obra, conversamos sobre a importância das memórias familiares, do afeto entre gerações e da transmissão de conhecimentos entre avós, pais e crianças. Essa etapa preparatória abriu espaço para reflexões profundas sobre as próprias origens e os vínculos afetivos.

Apresentamos ao grupo o significado do Baobá, símbolo de força, sabedoria e conexão geracional. Em seguida, construímos coletivamente a "Árvore dos Ancestrais", na qual cada criança fixou uma foto com uma figura familiar importante. Essa atividade aproximou os pequenos de suas raízes e fortaleceu a identidade individual no contexto coletivo.

Em um segundo momento, iniciamos o estudo de lendas africanas. Organizados em seis grupos, os alunos receberam histórias para leitura e interpretação. O processo resultou na construção de livros artesanais, contendo capas ilustradas, sequências narrativas reescritas e ilustrações coletivas. O trabalho favoreceu a cooperação, a organização em equipe e o desenvolvimento da linguagem escrita, sempre mediado pela professora para valorizar a autoria infantil.

Ao longo do projeto, observou-se um engajamento notável. As crianças aprenderam a negociar

ideias e respeitar o espaço do outro, demonstrando evolução na escrita e na organização narrativa. O projeto proporcionou uma experiência que integrou cultura, afeto e produção textual, permitindo que os alunos ampliassem seu repertório cultural e reconhecessem a presença da herança africana em seu cotidiano.



Intervenção urbana e cultura africana com as casas Nandele



Autores: Angela Andreia R. de Jesus e Endrew A. Hipólito

Turma: 5º ano

Este projeto, desenvolvido ao longo dos 1.º, 2.º e 3.º trimestres com uma turma de 5.º ano na disciplina de Arte, teve como foco a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). O estudo centrou-se na cultura dos povos Ndebele, da África Austral (Zimbábue e África do Sul), conhecidos por sua vibrante arte geométrica. A escolha alinhou-se ao Projeto Pedagógico da Escola — “O seu olhar melhora o meu” —, baseando-se nos princípios do planejamento reverso para promover uma aprendizagem visível e sensível.

As pinturas das casas Ndebele, ricas em cores e simetria, foram selecionadas por sua força como símbolos de identidade e resistência. No 1.º trimestre, realizamos rodas de conversa e análises de Arte Figurativa e Abstrata. No 2.º trimestre, os estudantes planejaram intervenções nos espaços urbanos da escola, experimentando gravura e pintura em duplas. Por fim, no 3.º trimestre, aprofundamos a intencionalidade artística por meio dos grafismos e da criação coletiva, permitindo que cada dupla imprimisse seus próprios significados nas paredes da instituição.

O principal objetivo foi levar os alunos a valorizarem as contribuições de matriz africana na sociedade brasileira, desenvolvendo competências de empatia e consciência histórica. A metodologia combinou registros reflexivos e técnicas de pintura mural, resultando em intervenções carregadas de símbolos. A culminância ocorreu na III Mostra de Arte, onde os alunos, como protagonistas, compartilharam suas reflexões com a comunidade.

Os resultados foram evidenciados pelos registros dos estudantes, que expressaram seus sen-

timentos ao verem suas obras expostas. A Mostra de Arte fortaleceu uma cultura escolar pautada no respeito e na educação antirracista. Conclui-se que o projeto representou um percurso pedagógico potente, integrando a expressão artística ao compromisso social e à construção de um conhecimento compartilhado com toda a comunidade escolar.



Cultura africana com as estampas de Goya Lopes



Autora: Angela Andreia Ribeiro de Jesus

Turma: 2º ano

Este projeto, desenvolvido ao longo do 3.º Trimestre com quatro turmas de 2.º anos na disciplina de Arte, teve como foco a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). O estudo centrou-se nas estampas da designer têxtil Goya Lopes, pioneira na difusão da estética afro-brasileira. A escolha alinhou-se ao Projeto Pedagógico da Escola – “O seu olhar melhora o meu” –, utilizando os princípios do planejamento reverso para promover uma aprendizagem visível, sensível e conectada às matrizes africanas.

Ao longo do trimestre, diversas atividades favoreceram o engajamento dos alunos, incluindo rodas de conversa e análises interpretativas das obras. Iniciamos pela compreensão dos padrões presentes nas estampas, relacionando-os a conhecimentos prévios como pontos, linhas e formas geométricas. O processo evoluiu para a exploração de texturas visuais e para a criação coletiva com diversas materialidades, culminando no estudo do tridimensional. Ao articular arte e meio ambiente, os estudantes reutilizaram materiais para transformar os padrões gráficos em formas escultóricas.

O principal objetivo foi levar os alunos a reconhecerem a herança cultural africana na sociedade brasileira, desenvolvendo empatia e consciência histórica. A metodologia combinou registros reflexivos e debates coletivos, resultando em uma instalação artística que integrou todas as produções tridimensionais da turma. A culminância ocorreu na III Mostra de Arte, onde os estudantes, como protagonistas do processo, compartilharam suas interpretações com a comunidade escolar.

Os resultados foram evidenciados em formulários de parecer, nos quais cada estudante expres-

sou suas sensações ao ver o trabalho exposto. A Mostra contribuiu para fortalecer uma cultura escolar pautada no respeito e na valorização de uma educação antirracista. Conclui-se que o projeto representou um percurso pedagógico significativo, em que os alunos puderam visualizar diversos elementos estudados em uma única construção artística, potente e culturalmente fundamentada.



Zumbi de Palmares e mulheres quilombolas guerreiras



Autora: Rosiane Maria de Jesus Trindade

Turma: 5º ano

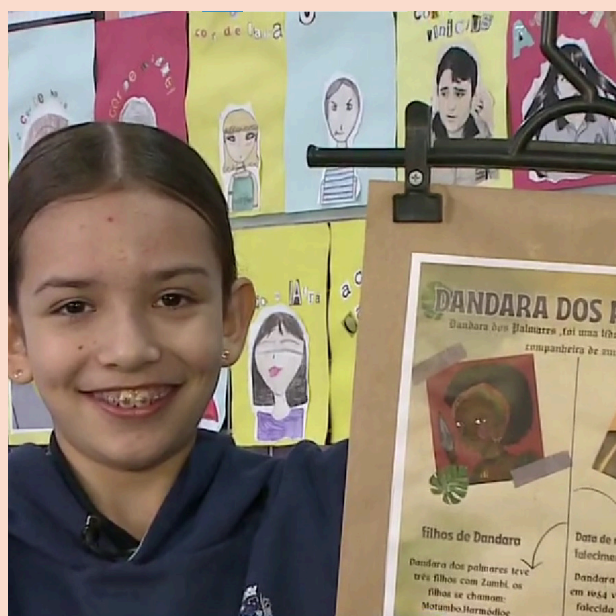
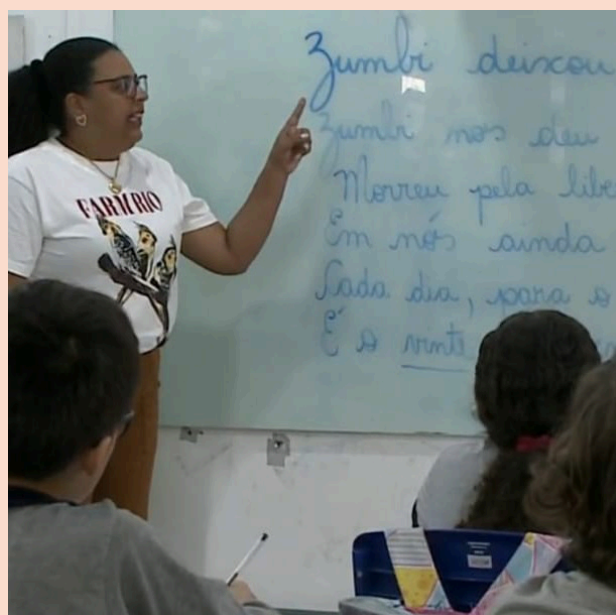
Em março de 2025, as turmas de 5.º anos B e D iniciaram, na disciplina de Língua Portuguesa, um projeto com foco na Educação Antirracista e no Protagonismo Negro. O trabalho estruturou-se em duas vertentes: o estudo de Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência à escravidão, e a pesquisa sobre as Mulheres Quilombolas Guerreiras, visando destacar a liderança feminina na busca por liberdade e dignidade.

Iniciamos com atividades dedicadas ao legado da escritora Madu Costa. O ápice desta fase foi a encenação de um jogral baseado em sua obra, Zumbi dos Palmares em Cordel. Este trabalho coletivo proporcionou um entendimento aprofundado do papel central de Zumbi na história brasileira. No segundo semestre, retomamos o poema para aprimorar a performance voltada à Mostra Pedagógica, expandindo a pesquisa para líderes como Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela, Luísa Mahin, Aqualtune, Maria Felipa e Zeferina, além de incluirmos a voz contemporânea de Carolina Maria de Jesus.

Para concretizar a pesquisa, os alunos utilizaram a ferramenta Canva para criar infográficos. O desafio digital incentivou a síntese e a valorização do conhecimento adquirido, resultando em materiais visualmente ricos sobre a resistência negra. O ponto alto do projeto foi a apresentação pública por meio de uma entrevista concedida ao Jornal do Almoço, da NSC TV, justamente no Dia da Consciência Negra.

A união da literatura de cordel, o resgate das líderes femininas e o uso da tecnologia garantiram

uma perspectiva histórica abrangente. A experiência validou o esforço da turma e transformou a aprendizagem em um ato de protagonismo estudantil e engajamento cívico. Fica evidente que a combinação de pesquisa, arte e tecnologia foi uma metodologia poderosa para a construção de um entendimento ativo sobre as lutas que moldam a nossa história.



Pataxós: o povo que nasceu das águas

Turma: 1º ano

Autora: Flávia Pricila Gonçalves

O projeto foi realizado com turmas de 1.º ano para aproximá-las da cultura Pataxó, partindo da obra de Liça Pataxoop e do livro Txopai e Itôhã, de Kanáttyo Pataxó. O mito, que narra o surgimento do primeiro Pataxó a partir da chuva, ensina o respeito à natureza e foi expressos pelos alunos em desenhos autorais.

Dando continuidade, estudamos o calendário circular Pataxó, que organiza o tempo pelos ciclos naturais. As crianças confeccionaram suas versões, compreendendo como a sabedoria ancestral rege a vida na aldeia. Aprofundamos a vivência com a metáfora do Tehêy, instrumento de pesca usado por Liça como símbolo do ensino e aprendizagem.

Inspirados nisso, os alunos criaram seus próprios tehêys, identificando onde podem “pescar conhecimentos” na escola. Eles desenharam e pintaram seus lugares preferidos da unidade como pontos de aprendizado cotidiano.

A culminância ocorreu com uma exposição em uma rede de pesca, reforçando a simbologia do tehêy e a ideia da escola como território de trocas de saberes. A proposta fortaleceu o respeito à diversidade e permitiu que os estudantes valorizassem a herança dos povos originários através de novas formas de aprender.



Pintura corporais indígenas

Turma: 3º ano bilíngue

Autoras: Keila G. N. de Lima, Sara R. T. da Silva e Manuela Letícia dos Santos

A turma do 3.º ano bilíngue participou de uma experiência cultural profunda envolvendo as pinturas corporais e a etnia do povo Guarani, representada por Maíra, uma indígena surda. Durante a atividade, promoveram-se diálogos e demonstrações de pinturas tradicionais, que carregam significados sagrados para a identidade e a espiritualidade indígena. A observação e a experimentação dessas pinturas criaram um espaço de aprendizagem compartilhada e respeito ancestral.

As turmas de 1.º e 2.º ano ouvintes também participaram dessa integração inclusiva. O momento iniciou com uma roda de conversa em sala, onde os alunos surdos do 3.º ano se apresentaram, seguindo para o Xirê. Nesse espaço, houve uma rica troca em Língua Brasileira de Sinais (Libras), contando com o suporte de intérpretes para a mediação entre voz e sinalização.

Maíra foi acompanhada por três colegas indígenas ouvintes que, integrados ao ambiente bilíngue, também interagiram em língua de sinais. Um dos pontos altos foi perceber a segurança das crianças ouvintes do 1.º e 2.º ano ao realizarem sinais para se apresentarem, além de professores e alunos sinalizarem suas perguntas diretamente para a convidada.

Essa interação proporcionou um conhecimento multifacetado sobre a cultura indígena Guarani e a cultura surda. A experiência reforçou a importância da diversidade na escola, promovendo o reconhecimento das diferentes identidades e consolidando um ambiente pautado pela acessibilidade e pelo respeito mútuo.



Fauna brasileira em extinção e a luta dos povos originários pela preservação ambiental



Autoras: Josiane de F. A. Oliveira e Ana Beatriz M. de Souza

Turma: 2º ano

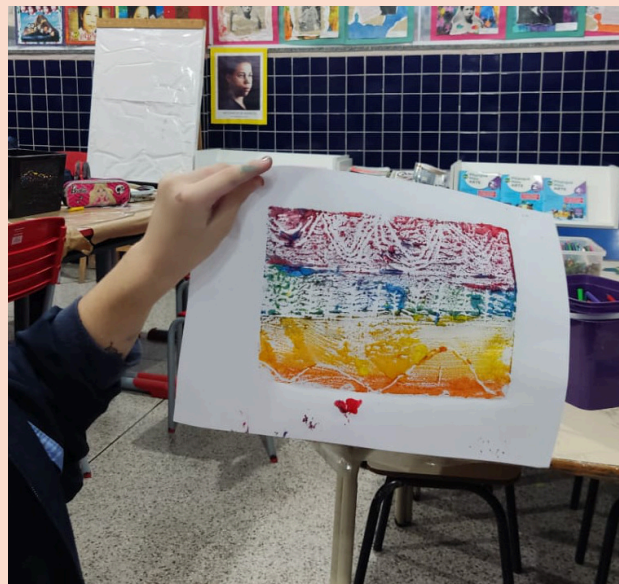
Este relato descreve uma prática pedagógica desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental I turma de 2º ano, cujo objetivo foi promover o reconhecimento de espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção em diferentes regiões do país, bem como compreender o papel dos povos originários na defesa do meio ambiente. A partir do Projeto Educação Antirracista “Seu Olhar Melhora o Meu”, a atividade foi motivada pela necessidade de ampliar o repertório das crianças sobre povos originários e a luta constante dos mesmos pela preservação ambiental. A proposta integrou conhecimentos dos componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História e Ensino Religioso, favorecendo uma abordagem interdisciplinar. A metodologia adotada incluiu rodas de conversa, leitura de imagens, pesquisa orientada por estações de aprendizagem e atividades coletivas. As crianças exploraram imagens e informações sobre animais em risco de extinção em cada região do Brasil e produziram registros escritos e desenhos. Também tiveram contato com materiais sobre a relação dos povos originários com a natureza, destacando práticas de cuidado, proteção dos territórios e preservação da vida animal. Foram realizadas adaptações para garantir a participação de todos os estudantes, incluindo atividades de associação visual e pintura para facilitar a compreensão de alunos com diferentes ritmos de aprendizagem.

Como produto final, a turma elaborou um painel com desenhos a partir da exploração da literatura “Um curumim, uma canoa” do autor indígena Yaguarê Yamã pertencente ao povo Maraguá da Amazônia brasileira com forte cultura tapajônica. Em 2008 Yaguarê Yamã teve uma de suas obras esco-

lhidas para integrar o catálogo White Ravens, da Internationale Jugendbibliothek – a maior biblioteca de literatura infantil e juvenil do mundo (Munique, Alemanha). Os estudantes expuseram concomitantemente um mapa do país por região contemplando as imagens dos animais em extinção e ainda um infográfico contendo imagens e uma síntese sobre a degradação da biodiversidade brasileira impactando diretamente na vida dos Povos Originários brasileiros. Os diários de bordo individuais registraram o percurso da aprendizagem. As evidências observadas demonstraram que os alunos reconheceram os animais estudados, aprenderam a localizar as regiões no mapa, identificaram causas da extinção e compreenderam a importância da proteção ambiental. Houve participação ativa nas atividades coletivas e desenvolvimento de atitudes de cuidado e responsabilidade com a natureza partindo de uma perspectiva dos povos originários. A prática resultou na ampliação do conhecimento, fortalecimento da consciência ambiental e valorização dos povos originários como importantes agentes na preservação da biodiversidade brasileira, na qual puderam acessar diretamente conhecimentos reais e atuais por intermédio de uma adolescente indígena do povo Guarani da cidade de Araquari/SC. Com seus treze anos de idade e uma fala potente, Máira Gonçalves Moreira trouxe para o Xirê (roda de conversa essencial que reforça, complementa e enriquece a construção de saber dos discente, que vivem uma prática sustentada por uma educação antirracista, orientada e multiplicada através do Projeto Institucional, mencionado anteriormente) uma representatividade marcante e necessária acerca da temática que assola os Povos Originários desde o Brasil imperial.



Cultura Indígena com gravuras



Autora: Angela Andreia Ribeiro de Jesus

Turma: 2º ano

Este projeto, desenvolvido ao longo do 1º trimestre com quatro turmas de 2º ano na disciplina de Arte, teve como foco a Educação para as Relações Étnico-Raciais por meio do estudo da Cultura Indígena e os seus grafismos, conhecidos por sua vibrante arte cultural. A escolha desse conteúdo surgiu da necessidade de promover práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural em alinhamento com o Projeto Pedagógico da Escola – “O seu olhar melhora o meu”. O presente projeto nasceu também da necessidade de conectar os alunos do 2º ano às raízes culturais brasileiras, utilizando a arte como fio condutor. A proposta pedagógica uniu a teoria à prática, partindo do estudo aprofundado dos grafismos indígenas para chegar à experimentação técnica da gravura. O objetivo foi transformar o conhecimento histórico e simbólico em uma experiência tátil e estética. Ao longo do 1º trimestre, a primeira etapa do trabalho foi dedicada à imersão de estudo expositivo, como também artistas e leituras de imagem. Antes de qualquer produção prática, os alunos estudaram o “porquê” das formas. Compreendemos que, para os povos originários, os grafismos não são meros desenhos decorativos; eles carregam significados profundos, identificam etnias, representam elementos da natureza (como a pele da cobra, a escama do peixe, o casco do jabuti) e marcam rituais de passagem. Estudaram a intencionalidade artística com os grafismos, última parte, onde cada dupla poderia deixar um pouco de si, leva-se em conta a comunicação entre os pares e os significados. Com o repertório visual enriquecido, partimos para o “fazer artístico”. O desafio foi traduzir a estética indígena para a linguagem da gravura. Como a xilogravura tradicional (feita em madeira) exige ferramentas cortan-

tes inadequadas para a faixa etária, realizamos uma adaptação criativa utilizando papelão e isopor. O projeto teve como principal a vivência manual é insubstituível. Ao manipular materiais diferentes do lápis e papel habituais, a criança desenvolve a coordenação motora fina, a noção de positivo/negativo (o que é cavado no isopor fica branco, o que fica na superfície pega a tinta) e a paciência. A gravura ensina que o processo é tão importante quanto o resultado e objetivo levar os alunos a reconhecerem e valorizarem as contribuições culturais da cultura indígena. Além disso, buscou-se desenvolver competências de respeito, empatia e consciência histórica, ao mesmo tempo em que se trabalhavam habilidades de interpretação, comunicação, colaboração e expressão criativa. A metodologia adotada combinou leitura, registros reflexivos, debates coletivos, com uso de muitas técnicas artísticas, construção das pinturas e gravuras, cheias de símbolos e significados. A culminância do projeto ocorreu por meio de apresentações na Mostra Cultural da escola - III Mostra de Arte - O seu olhar melhora o meu, em que os alunos, protagonistas do processo, compartilharam suas interpretações e reflexões com a comunidade escolar. Essa escolha permitiu ampliar o impacto do trabalho, proporcionando não apenas uma exposição artística. Os resultados alcançados foram evidenciados no formulário onde cada estudante deixava seu parecer depois da visita pela Mostra, onde cada aluno poderia dizer o que achou e sentiu vendo seus trabalhos expostos. A Mostra de Arte gerou reflexões relevantes e contribuiu para fortalecer uma cultura escolar pautada na diversidade, no respeito e na valorização de uma educação antirracistas. Conclui-se que o projeto foi mais do que uma atividade de exposição: representou um percurso pedagógico significativo, marcado pela construção de conhecimento, pela expressão artística e potente compartilhada com todos da escola e comunidade.



Qual a sua cor? Inspirado na obra: A cor de Coraline de Alexandre Rampazo



Autora: Angela Andreia Ribeiro de Jesus

Turma: 4º ano

Este projeto, desenvolvido ao longo dos 1.º, 2.º e 3.º trimestres com cinco turmas de 4.º ano na disciplina de Arte, teve como foco a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). O relato descreve um percurso desenhado para entrelaçar habilidades técnicas com a construção da identidade e da autoestima. A proposta partiu do interesse genuíno dos estudantes pela cultura pop para aprofundar discussões sobre diversidade, em alinhamento com o Projeto Pedagógico da Escola — “O seu olhar melhora o meu”.

Iniciamos com a exploração das narrativas gráficas, mergulhando no universo do Mangá. Analisamos suas características marcantes, como a estilização e a expressividade, utilizando esse repertório como ponte para o estudo do autorretrato. Os alunos foram desafiados a criar suas próprias representações no estilo Mangá, o que garantiu conforto e engajamento. Na sequência, articulamos o desenho ao estudo da ilustração literária.

O ponto de virada foi a apresentação do livro *A cor de Coraline* de Alexandre Rampazo. A obra fundamentou a discussão sobre tons de pele e desconstruiu estereótipos. O desafio artístico consistiu na criação da capa de um livro onde o protagonismo seria de cada estudante. Eles retomaram seus autorretratos com um novo foco: a observação fiel de suas nuances de pele, cabelos e olhos. Apresentamos uma gama vasta de tons de lápis de cor, incentivando o reconhecimento de que cada ser é único.

Em uma releitura criativa, os estudantes finalizaram suas capas com títulos personalizados em colagem — como “A Cor de Maria” ou “A Cor de Joana” —, transformando a inspiração literária em

Este projeto transcendeu a técnica ao tocar no cerne da ERER. Ao buscarem a fidelidade de seus tons, os alunos afirmaram suas identidades. Os resultados, colhidos via formulário de parecer, revelaram que os estudantes se sentiram valorizados. O projeto encerrou-se com uma turma mais consciente, respeitosa e orgulhosa de suas próprias cores, compreendendo que a riqueza da humanidade reside em sua diversidade de tons.



Entre o figurativo e o abstrato: identidade, representatividade e a arte do lambe-lambe



Autora: Angela Andreia Ribeiro de Jesus

Turma: 5º ano

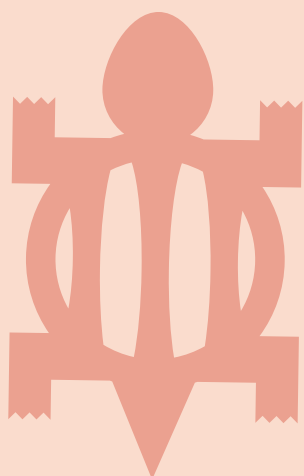
Este projeto, desenvolvido ao longo do 1.º e 2.º trimestres com cinco turmas de 5.º ano, entrelaçou o ensino técnico das Artes Visuais à pauta da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Iniciamos a jornada pedagógica explorando a Arte Figurativa e a Arte Abstrata, utilizando os princípios do planejamento reverso para promover uma aprendizagem visível e sensível. O foco central foi o autoconhecimento e o fortalecimento da autoestima por meio de referências que rompem com o padrão hegemônico.

Para dar vida à parte figurativa, selecionamos personalidades de relevância histórica e contemporânea, como: Vinícius Júnior (atleta e voz antirracista), Emicida (cantor e pensador), Bárbara Carine (escritora e crítica racial), Daiara Tukano (artista e ativista indígena), Josi Santanna (mestre em educação), Antonieta de Barros (pioneira na política brasileira) e Samela Sateré Mawé (ativista ambiental). O processo iniciou com a escolha de uma "palavra-alma" (como esperança ou coragem) e desenhos simbólicos relacionados às suas trajetórias.

Na fase abstrata, as duplas realizaram intervenções artísticas sobre fotografias das personalidades, utilizando fotocoloragem e letras recortadas de revistas. Todas as produções convergiram para a criação de um grande painel de Lambe-Lambe, técnica de arte urbana que utiliza cartazes colados em espaços públicos. Transformamos a escola em uma galeria viva, unindo nomes, palavras de impacto e simbologias em uma expressão democrática de identidade.

A culminância ocorreu na III Mostra de Arte, com um momento inesquecível: a visita da própria

professora Josi Santanna. Sua presença transformou a teoria em realidade, permitindo que os alunos dialogassem com uma de suas fontes de inspiração. Os resultados, registrados via formulários de parecer, demonstraram que os estudantes se sentiram protagonistas de um aprendizado potente, reconhecendo que a cor da pele e a origem cultural são potências para ocupar qualquer espaço na sociedade.



A literatura pelo olhar das meninas mulheres



Autora: Luana Cristina Melo

Turma: 5º ano

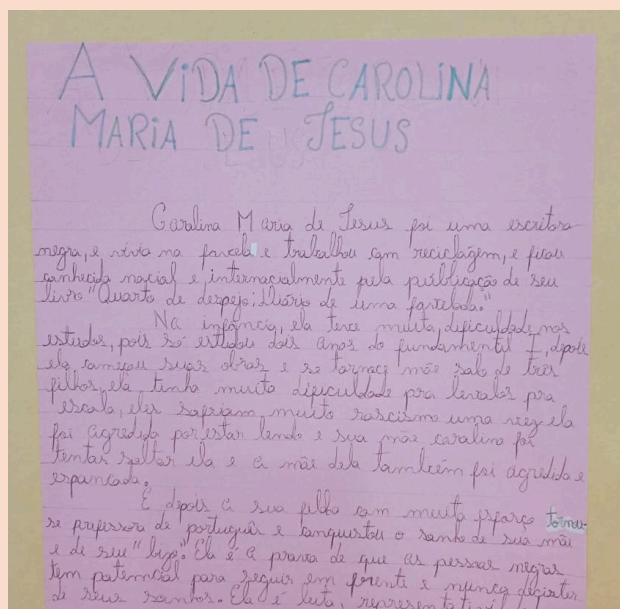
Transformar o deleite em motivo de reflexões profundas e o prazer de ler em contemplações críticas é um desafio que se torna leve quando permitimos que as palavras alcancem o seu destino. Ao iniciar o ano com duas turmas de 5.º ano, ouvi reproduções de falas adultas que buscavam diminuir as mulheres. Diante disso, assumi minha missão pedagógica: ensinar a equidade e apresentar a realidade de mães sobrecarregadas, cujos sonhos foram muitas vezes cerceados pela falta de acesso aos estudos e pelo trabalho doméstico exaustivo.

O projeto de educação antirracista da escola, "O seu olhar melhora o meu", serviu de alicerce. Analisamos literaturas com autoria feminina e, ao produzirem seus próprios textos, os alunos deram protagonismo a personagens pardas e negras. Durante a leitura de *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, discutimos a criminalização histórica do samba e da capoeira, hoje nossos patrimônios culturais. Ao explorarmos *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, trouxemos para a nossa realidade o contexto da pobreza e da luta das mulheres para manter o sustento do lar.

No segundo semestre, contrapusemos duas realidades: a órfã Anne, em *Anne de Green Gables*, e a autobiografia de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo*. Enquanto a fazenda de Anne representava o sonho e o acesso aos estudos, o diário de Carolina relatava o carinho pelos filhos em meio à escassez. Os alunos surpreenderam-se com a ausência do pai na criação das crianças e com a violência sofrida por uma mulher negra por simplesmente estar lendo.

A finalização da proposta ocorreu com a exposição das biografias e das pinturas das favelas

produzidas pelos estudantes. Ao longo do ano, as palavras de mulheres pretas alcançaram nossos meninos e meninas, transformando o "quarto de despejo" em um lugar de visibilidade e respeito. Conclui-se que a literatura foi a ferramenta essencial para sensibilizar a turma, promovendo uma educação antirracista que valoriza as raízes e a força das mulheres brasileiras.



Meu colar conta histórias: cultura africana na alfabetização



Autora: Vanessa Santos Reis de Jesus

Turma: 1º/2º ano

Este projeto foi desenvolvido ao longo do mês de novembro com as turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, no componente curricular de Ensino Religioso, com ênfase na Educação Antirracista. A proposta surgiu da necessidade de promover, desde a alfabetização, práticas que valorizem a identidade afro-brasileira e ampliem o olhar dos estudantes sobre a importância da diversidade cultural. A iniciativa partiu da observação de que muitas crianças ainda desconhecem contribuições africanas presentes no cotidiano, bem como a relevância de personalidades negras na história e na sociedade.

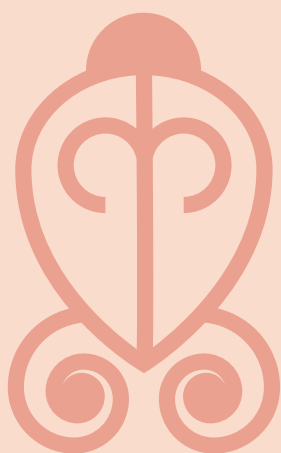
O principal objetivo do trabalho foi favorecer a construção de uma consciência positiva sobre a cultura africana, estimulando o respeito, a empatia e o reconhecimento das heranças afro-brasileiras. Além disso, buscou-se ampliar o vocabulário das crianças com palavras de origem africana, fortalecer a oralidade por meio de rodas de conversa e desenvolver habilidades manuais e criativas com a produção de um colar africano inspirado em elementos culturais estudados.

A metodologia adotada combinou leitura literária, conversa orientada, atividades práticas e registros individuais. A ação teve início com a leitura compartilhada do livro : “A África que você fala de Claudio Fragata” que serviu como ponto de partida para que os estudantes conhecessem aspectos culturais, sociais e simbólicos dos povos africanos. Após a leitura, realizamos uma roda de conversa sobre personalidades negras importantes, como Luiz Gama, Dandara, Zumbi, Pelé, Milton Nascimento, Maria Carolina de Jesus entre outros. As crianças foram convidadas a falar sobre o que mais chamou sua atenção, exercitando a escuta, o respeito e a expressão oral.

Na sequência, iniciamos um trabalho de ampliação vocabular com palavras de origem africana presentes no português brasileiro, como moleque, quitanda, samba, cafuné e quilombo. As crianças construíram um glossário ilustrado, registrando cada palavra com desenhos e frases simples.

Outra atividade significativa foi o estudo sobre o colar africano como símbolo de identidade, ancestralidade e pertencimento. As turmas conheceram diferentes tipos de colares, seus significados e seus usos em diversas culturas africanas. Em seguida, produziram seus próprios colares utilizando papel colorido, miçangas, canudos e barbante. Durante a criação, conversamos sobre as cores, formas e mensagens que cada colar pode transmitir.

Como culminância, realizamos uma pequena exposição na escola, onde os estudantes mural sobre personalidades negras e seus colares. Os resultados demonstraram crescimento no vocabulário, aumento do respeito às diferenças, maior valorização da cultura afro-brasileira e desenvolvimento da oralidade e da criatividade. A experiência contribuiu para consolidar práticas antirracistas desde a alfabetização, fortalecendo uma educação sensível, inclusiva e comprometida com a formação cidadã.



As cores de sua consciência

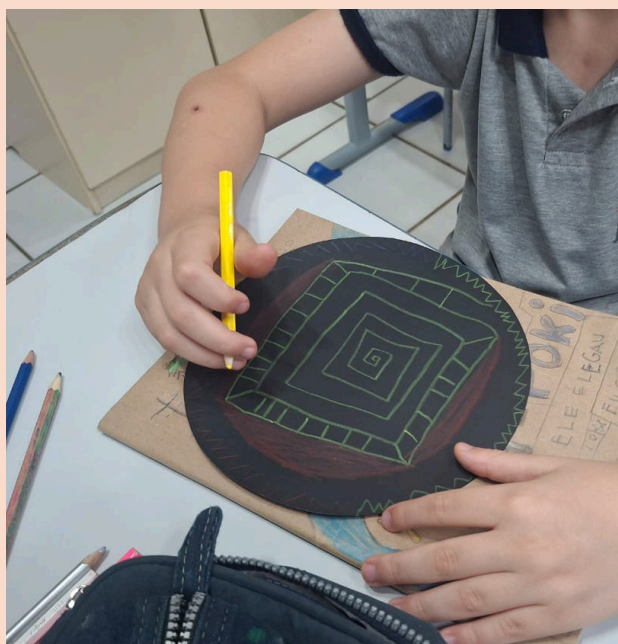
Autora: Laura Meireles Gomes Moura

Turma: 4º/5º ano

A partir da mediação da leitura do livro *Todas as Cores do Negro* — com texto e ilustrações de Arlene Holanda —, que valoriza o lugar do negro como espaço de cultura e pertencimento, foi possível sensibilizar os estudantes sobre a importância da liberdade e os impactos de sua privação, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Questionamos: o que foi deixado para trás? Além do território físico, foram apartados hábitos, cantos, culinária e histórias de vida que, ao serem negligenciadas, deram lugar ao apagamento da memória.

A abordagem destacou a luta pela reconquista e ressignificação dessa memória que, gradualmente, mesclou-se à cultura local. Esses aspectos fundamentaram o encontro dos estudantes com diversas formas de expressão. Inspirados pelo texto, os alunos optaram por produzir poemas, representações gráficas e pinturas de mandalas, explorando as cores e as emoções vislumbradas durante a narrativa.

Para finalizar o percurso, realizamos uma roda de conversa sobre os lugares que habitamos, abrangendo tanto os espaços concretos quanto os subjetivos. O debate reforçou a importância de conhecer as histórias de um povo, compreendendo que, no coletivo, todos estamos ligados por fios ancestrais e culturais.





**PRÁTICAS INSPIRADORAS DE EDUCAÇÃO
PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

ENSINO FUNDAMENTAL 2

Hongolo e a chuva colorida: oralidade, arte e sustentabilidade



Autores: Ana Lúcia F. de Oliveira, Denan K. S. Rassweiler e Priscila L. Albano

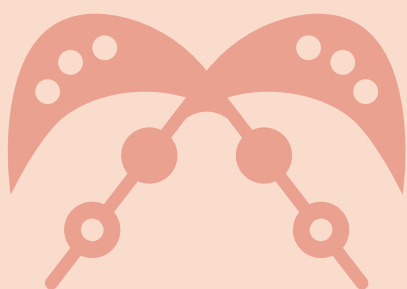
Turma: 6º ano

A prática pedagógica desenvolvida na Escola Municipal Profa Ada Sant'Anna da Silveira, em Joinville/SC, foi criada com o propósito de valorizar narrativas africanas e indígenas de forma permanente, fortalecendo a identidade cultural dos alunos e promovendo ações anti racistas no cotidiano escolar. A oralidade foi escolhida como eixo central, reconhecendo que mitos e lendas são transmitidos tradicionalmente pela palavra falada, pela escuta e pela memória coletiva." As professoras de Língua Portuguesa, Priscila Lopes Albano e Denan Kira Silva Rassweiler, tiveram papel fundamental na condução das rodas de conversa e na mediação das narrativas, incentivando os estudantes a desenvolverem habilidades de escuta, oralidade e escrita reflexiva. Nesse contexto, os estudantes tiveram contato com a lenda africana de Hongolo e Mama Nzumba, o mito da criação segundo os Yorubás, o mito da criação segundo os Guaranis e a lenda da Vitória-Régia. O estagiário haitiano Paulema Exantus também compartilhou histórias de seu país, ampliando o repertório cultural e aproximando os alunos de diferentes tradições.

Sob orientação da professora de Arte, os alunos participaram da construção coletiva da serpente Hongolo utilizando materiais recicláveis. Essa atividade reforçou valores de cooperação e consciência ambiental, ao mesmo tempo em que transformou, resíduos em arte. O projeto, entretanto, não se encerra nessa etapa: os jovens do sexto ano serão responsáveis por levar a escultura às turmas dos anos iniciais, narrando oralmente o que aprenderam. Em seguida, os pequenos serão convidados a criar suas próprias mini esculturas com sucatas, vivenciando a experiência de forma prática e lúdica.

Os resultados da prática foram múltiplos. No campo da oralidade, os alunos desenvolveram habilidades de escuta, narrativa e expressão oral. No aspecto cultural, tiveram contato com mitos africanos, indígenas e haitianos, reconhecendo a diversidade e a riqueza das tradições. No eixo da sustentabilidade, aprenderam sobre a reutilização de materiais e a importância de transformar resíduos em arte. Além disso, o protagonismo estudantil foi garantido pela continuidade do projeto, que permite aos alunos atuarem como agentes de transmissão cultural.

A reflexão sobre a experiência evidencia que a oralidade é um caminho essencial para a Educação para as Relações Étnico-Raciais, pois aproxima os estudantes da forma como os mitos foram preservados ao longo das gerações. Ao unir oralidade, arte e sustentabilidade, o projeto promove uma prática pedagógica que valoriza a ancestralidade, fortalece a identidade cultural e incentiva a cooperação entre diferentes faixas etárias. Os registros fotográficos da escultura coletiva, das rodas de conversa e das apresentações orais, bem como as imagens dos professores e do colaborador, reforçam a importância dessa vivência. Assim, o projeto Hongolo e a Chuva Colorida se consolida como uma experiência significativa, capaz de inspirar novas práticas educativas que unem tradição, criatividade e consciência social.



A representatividade negra na ciência: estudo da trajetória de Mae Jemison no contexto de terra e universo



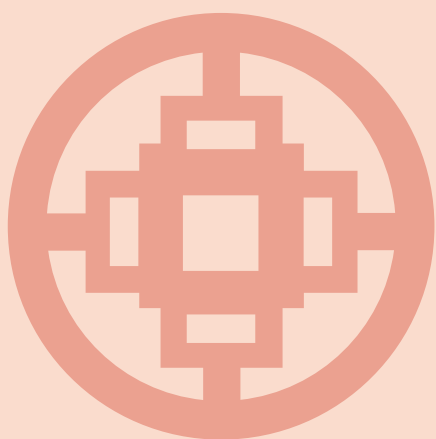
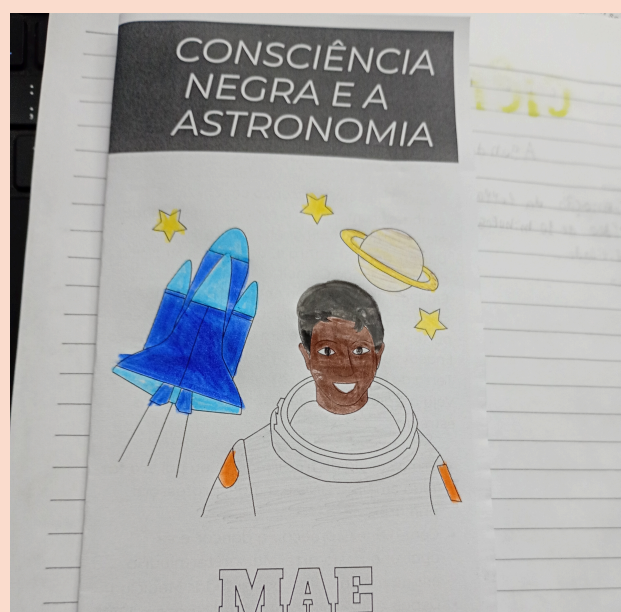
Autora: Katia Metzler Longo Claudino

Turma: 9º ano

A atividade foi desenvolvida durante o ano letivo, finalizando no 3.o trimestre com as turmas do 9.o ano, no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, articulada com a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). O principal objetivo foi valorizar a participação de personalidades negras na ciência, promovendo a representatividade e reforçando a compreensão dos alunos sobre a diversidade cultural presente nas conquistas científicas. A escolha de Mae Carol Jemison, primeira astronauta negra a viajar para o espaço, surgiu da necessidade de evidenciar trajetórias que, historicamente, foram pouco divulgadas, estabelecendo ligação direta com o conteúdo curricular “Terra e Universo”. A prática iniciou-se com a distribuição de um folheto informativo ilustrado, contendo a biografia resumida de Mae Jemison, o qual fazia parte da proposta pedagógica. O texto apresenta os principais marcos da vida da cientista — desde a infância marcada pela curiosidade e pela dedicação aos estudos, passando pelo percurso acadêmico em Engenharia Química e Medicina, até ao seu ingresso na NASA e à missão STS-47. Através dessa pesquisa e usando ela como personagem principal na temática Carnaval Científico, no mês de fevereiro, foram criadas máscaras e cartazes. Agora, no 3º trimestre, retomamos o tema, através da leitura orientada de um texto que destaca elementos da trajetória da astronauta, mostrando sua superação e persistência, que contribuiu para avanços da ciência. Posteriormente, os alunos responderam questões sobre o texto, entre elas: os desafios enfrentados por Mae Jemison; as suas principais contribuições para a ciência; como a história de Mae Jemison pode ser inspiradora, especialmente para mulheres e minorias e a importância de ter

representatividade em áreas como a exploração espacial. Foi solicitado também que cada estudante preenchesse a viseira do capacete desenhado no folheto com um pequeno resumo sobre a importância de Mae Jemison. Esta etapa permitiu aos alunos sintetizar informações, exercitar a interpretação e refletir sobre o impacto da representatividade negra no campo científico. Como produto final foram criadas sacolas científicas sobre a astronauta para a culminância da confecção de um mural na escola. A confecção das sacolas científicas, funcionou como um momento de expressão artística e de aproximação afetiva à figura estudada. A metodologia adotada privilegiou a aprendizagem ativa e a construção de sentido a partir de um material visual e textual simples, porém significativo. As atividades mostraram-se inclusivas e motivadoras, permitindo que os alunos estabelecessem relações entre os conteúdos de Ciências

Naturais e a valorização da diversidade étnico-racial. Como resultados, observou-se maior interesse dos estudantes pela temática espacial, bem como um entendimento mais crítico sobre a importância da diversidade na ciência. A prática contribuiu para reforçar valores de igualdade, respeito e representatividade, alinhando-se aos princípios da ERER e consolidando uma aprendizagem significativa e contextualizada.



Menu cultural: saberes e sabores de nossa história



Autora: Marluce Martia Ribeiro

Turma: 7º ano

O objetivo da atividade em grupo, foi buscar conectar o conhecimento histórico da diáspora africana no Brasil e como esse contato com outras culturas, como indígena e portuguesa, promoveram diferentes manifestações culturais no Brasil, manifestações estas que permanecem na atualidade, demonstrando compreensão sobre resistência e legado cultural. O projeto Menu Cultural Saberes e Sabores, foi uma atividade de finalização de trimestre, cabe ressaltar que durante o ano foram desenvolvidas atividades em equipe relacionando os reinos e sociedades africanas, bem como os povos lorubás e Bantos, referências dentro da diáspora africana no Brasil.

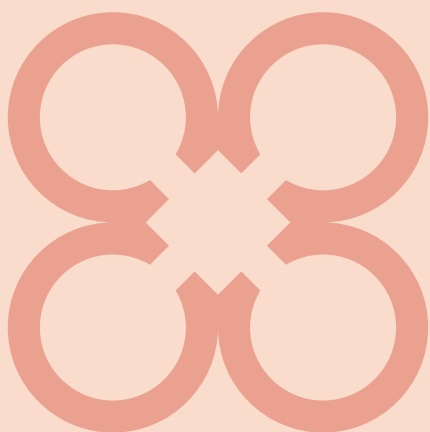
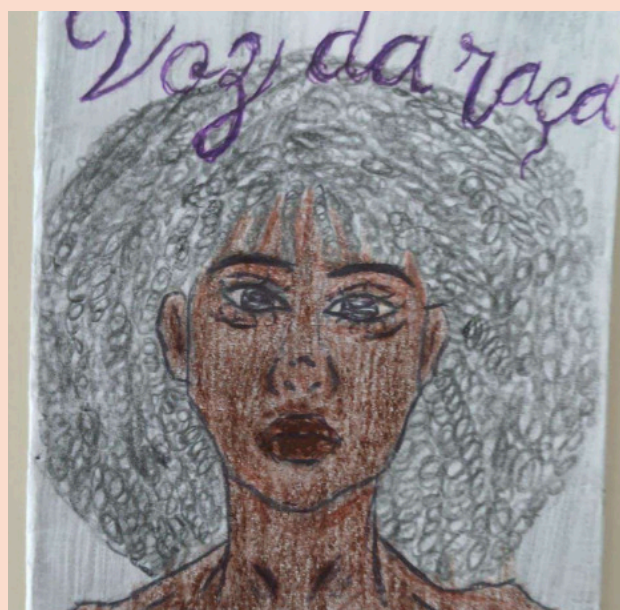
Após este contexto, trabalhamos o processo de formação do Brasil, contextualizando a questão indígena, a inserção do negro neste território, e a relação de ocupação dos portugueses, relacionando estas étnias ao processo de miscigenação do povo brasileiro, os primeiros ciclos econômicos, de exploração, escravidão e resistência como os quilombos.

Por último foi desenvolvido este projeto, promovendo a educação para as relações diversidade étnico-racial, não limitei um tipo único de entrega de opções, e a partir destas o resultado foi ótimo, pois as diferentes entregas resultaram em trabalhos realizados com as habilidades e criatividade do grupo, as pesquisas foram feitas com a utilização do chromebook, sempre trazendo reflexões sobre as diferenças e respeito em torno das relações étnico-raciais, a pesquisa foi feita com autonomia e reconhecimento de questões que se ampliaram aos conhecimentos que os alunos já tinham.

Assim como o trecho citado acima, por Nego Bispo, homem, quilombola, (falecido em 2023), a

cozinha é onde agrega a todos e podemos pensar nisso como a sala de aula, um ambiente múltiplo, com diversos ensinamentos que vêm de casa, mas que devem coexistir com tantas outras formas de se relacionar em sociedade.

As entregas foram feitas em livreto, e-book, vídeo e todos foram apresentados em sala de aula, com reflexões sobre os temas, sobre as questões da diversidade religiosa, cultural e alimentar, um exemplo, foi na apresentação do menu cultural sabores, onde houve alguns enfrentamentos e falas pejorativas, como “que nojo”, “que quê é isso?”, “que coisa estranha”, neste aspecto, trouxe alguns apontamentos para os estudantes refletirem. Esta atividade foi muito importante pois houve engajamento dos estudantes, escuta ativa, perguntas e curiosidades das equipes, participação dos professores, famílias, é essa integração, diversidade, conscientização que a escola deve ter e fazer.



Somos todos iguais na diferença: Racismo



Autoras: Célia Regina Fagundes e Naomi de O. Rodrigues

Turma: 9º ano

O projeto nasceu com um propósito central: promover a inclusão e o protagonismo dos nossos alunos negros, especialmente daqueles que permanecem invisíveis em muitos espaços escolares. Nossa meta foi criar um ambiente de valorização, combatendo a lógica de serem apenas figurantes. A motivação profunda surgiu ao percebermos que muitos desses jovens — com destaque para os estudantes estrangeiros que concluem o 9.º ano — possuem um potencial imenso que raramente era reconhecido.

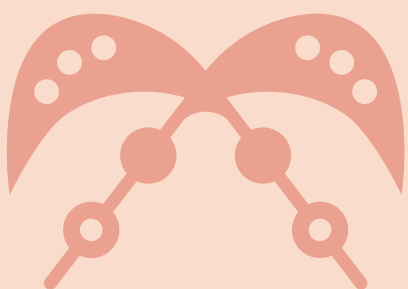
A metodologia interdisciplinar integrou Geografia e Ensino Religioso através de pesquisa, música, teatro e dança. O trabalho de campo e as apresentações ao vivo, culminando no dia 19 de novembro de 2025, foram fundamentais para estabelecer uma conexão real com a comunidade escolar. Os alunos apresentaram-se com confiança, posicionando-se como protagonistas de suas próprias trajetórias.

O impacto extrapolou os muros da unidade, com apresentações na Escola Tufi Dippe e agenda prevista no Casqueiro. Uma das transformações mais visíveis ocorreu no grupo de dança urbana; seus ensaios tornaram-se verdadeiros espetáculos que surpreenderam pela expressividade e talento. Mais do que representar a escola, esses jovens sentiram-se vistos e respeitados, percebendo-se como parte integrante e vital da sociedade.

Sabemos que a verdadeira mudança é contínua e parte "de dentro para fora". Tanto os alunos quanto o público passaram a enxergar essas juventudes com outros olhos. As imagens que ilustram

este projeto são apenas o reflexo de um trabalho profundo na autoestima e no potencial de cada estudante.

Nosso compromisso não termina aqui. A inclusão e o respeito pelos talentos dos nossos alunos precisam ser constantemente ampliados. Seguimos dedicados a criar novos espaços de destaque e oportunidades de expressão, garantindo que cada estudante sinta-se, de fato, pertencente e autor de sua própria jornada de vida.



Vozes negras na literatura brasileira e em outros espaços de destaque



Autora: Glória Abreu Oliveira da Roza

Turma: 9º ano

Este projeto, desenvolvido ao longo do 3º trimestre com as turmas de 9ºs anos na disciplina de Língua Portuguesa, teve como foco a Educação para as Relações Étnico-Raciais por meio do estudo de autores e personalidades afro-brasileiras. Com o objetivo de promover o reconhecimento e a valorização de autoras e autores e outras personalidades afro-brasileiras que contribuem significativamente para a literatura e para a cultura brasileira, ampliando a visão dos estudantes sobre representatividade e diversidade. Também para promover o conhecimento, a reflexão e a valorização das produções literárias de escritores afro-brasileiros, compreendendo seus contextos de produção, temáticas e importância sociocultural. A realização do projeto foi motivada pela necessidade de:

- Combater apagamentos históricos e ampliar a representatividade no currículo escolar.
- Atender à Lei 10.639/03, que estabelece o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.
- Desenvolver competências socioemocionais, como empatia, respeito à diversidade e consciência crítica.
- Criar espaços de diálogo sobre identidade, pertencimento e literatura.

Além disso, a escolha desse conteúdo surgiu da necessidade de promover práticas pedagógicas que valorizem a diversidade na literatura e na cultura brasileira que deve fazer parte do cotidiano escolar, alinhando-se aos princípios de compreensão profunda, planejamento reverso e aprendizagem visível. As personalidades e autores foram selecionados por sua importância e riqueza representada na literatura e na cultura da formação afro-brasileira, fundamental para ampliar a formação

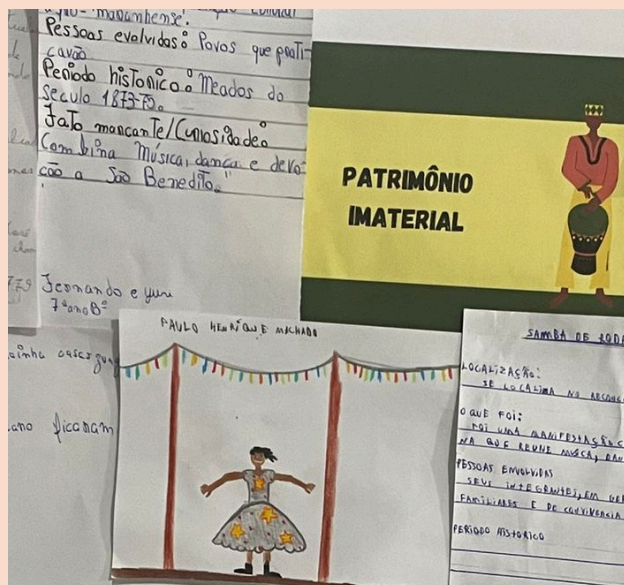
integral dos estudantes. Ao longo do trimestre, por meio das aulas de leitura, realizou-se pesquisas bibliográficas, leitura e análise de textos literários de autores afro-brasileiros, debates orientados, produção escrita (ensaios para a declamação de poemas, resenhas, fichas de leitura, sínteses). Essas práticas possibilitam o aumento do interesse dos estudantes pela literatura afro-brasileira. Ampliação da consciência crítica sobre diversidade e representatividade da literatura afro-brasileira, além do desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, oralidade e pesquisa, como também o fortalecimento do respeito às identidades e culturas afro-brasileiras. A metodologia combinou estratégias ativas, com foco no protagonismo dos estudantes: no primeiro momento houve uma aula introdutória sobre literatura afro-brasileira e reflexão sobre representatividade de personalidades que influenciaram a cultura brasileira. Em seguida houve a apresentação de autores e autoras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Lima Barreto, Elisa Lucinda, pedagógica e social, entre outros. Em seguida os estudantes organizaram-se em grupos, cada qual responsável

por pesquisar um autor, obra e grandes personalidades afro-brasileiras. Ocorreu em diversos momentos leitura orientada de trechos, capítulos ou obras. Ensaios de poemas sobre temas como racismo, identidade e escritura da resistência. A produção final escolhida coletivamente (declamação de poema em forma de jogral pelos estudantes do 9º A, exposição, mostra cultural, mural literário etc.) Assim, os resultados alcançados foram: aumento do interesse dos estudantes pela literatura negra, ampliação da consciência crítica sobre diversidade e representatividade. Desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, oralidade e pesquisa. Como também o fortalecimento do respeito às identidades e culturas afro-brasileiras. E assim despertar maior protagonismo dos estudantes em atividades coletivas. Em suma, o projeto mostrou-se altamente relevante para a formação humanística e crítica dos estudantes, promovendo aprendizagens significativas e incentivando uma visão plural e inclusiva da literatura brasileira. A continuidade da iniciativa em outras turmas e em outros momentos é recomendada, dada sua contribuição



EM EMÍLIO PAULO ROBERTO HARDT

Tecendo o mapa das marcas da África no Brasil



Autores: Elionay R. M. e Lucas Venicius Meurer

Turma: 7º ano

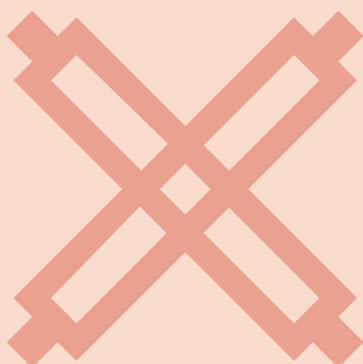
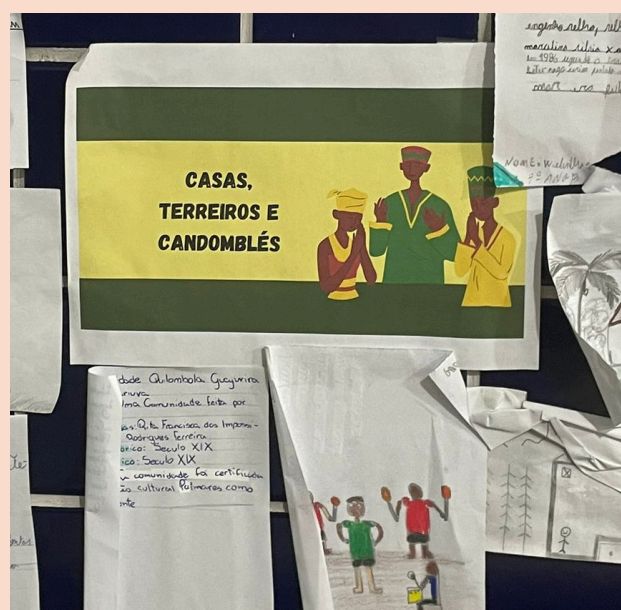
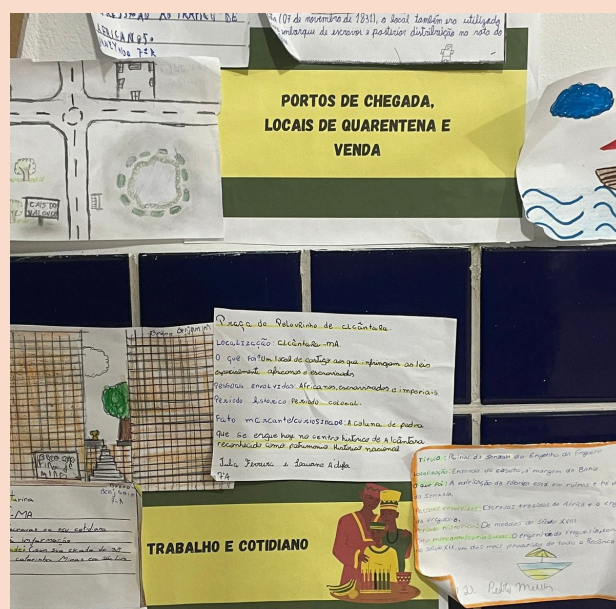
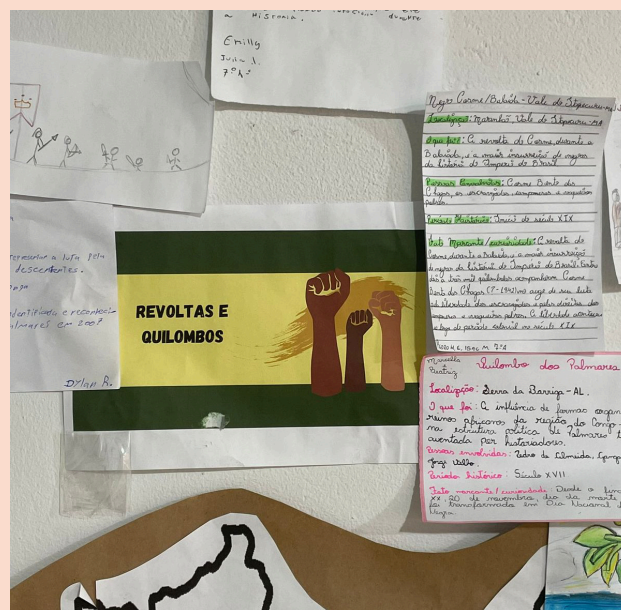
O presente projeto, desenvolvido ao longo do mês de novembro nas disciplinas de História e Geografia, teve como foco a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). A proposta surgiu da necessidade de articular os conteúdos das duas áreas para promover uma aprendizagem contextualizada sobre a escravidão, o tráfico transatlântico e as contribuições africanas essenciais para a formação do Brasil.

O trabalho iniciou-se com uma abordagem histórica sobre as diferentes formas de trabalho ao longo do tempo: livre, servidão e escravidão. Por meio de discussões orientadas e análise de imagens, os estudantes compreenderam que a escravidão antiga e a moderna, embora possuam contextos distintos, são ambas marcadas pela desigualdade. Em seguida, a turma estudou o tráfico transatlântico e o percurso dos povos africanos. A exibição do documentário Brasil: DNA África foi fundamental para evidenciar a riqueza cultural do continente e as resistências vividas durante a travessia.

Na disciplina de Geografia, o conteúdo foi complementado com o estudo da urbanização e formação do território. Os alunos investigaram os principais portos de embarque e desembarque, utilizando barbantes para traçar as rotas e pequenos barcos de papel para representar os "tumbeiros", o que permitiu visualizar concretamente a dimensão desse deslocamento forçado. Ao redor do mapa, organizaram-se tópicos sobre desembarque ilegal, locais de quarentena, patrimônio imaterial e religiosidades de matriz africana.

A elaboração coletiva desse painel consolidou o aprendizado interdisciplinar, permitindo relações

entre diferentes escalas geográficas e tempos históricos. O trabalho manual favoreceu o engajamento e ampliou a compreensão sobre a influência africana na sociedade brasileira. Os resultados evidenciaram maior sensibilidade dos estudantes, além do desenvolvimento de competências como leitura de mapas, argumentação e empatia, reforçando a importância de práticas pedagógicas comprometidas com a formação cidadã e o respeito às identidades afro-brasileiras.



Nossas raízes contam a história - Mergulhe nessa cultura: a África te espera



Autoras: Maria Janete S. Joaquim, Eliane da S. Soares e Débora Larissa R. Inthurn

Turma: 6º ao 8º ano

Mais do que cumprir a obrigatoriedade da Lei 10.639/03, este trabalho nasceu do desejo de construir pontes — pontes capazes de atravessar o Oceano Atlântico e conectar nossos estudantes do Ensino Fundamental às raízes profundas do Continente Africano. O objetivo central foi promover o letramento racial crítico, levando os estudantes a compreenderem a África como berço da humanidade e celeiro de civilizações, valorizando sua influência cultural na formação do Brasil.

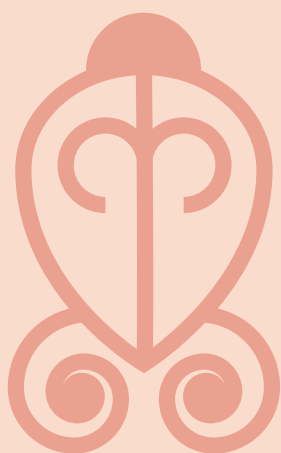
O projeto foi desenvolvido ao longo de todo o ano letivo de 2025, na Escola Municipal Prof. João Bernardino da Silveira Júnior, abrangendo as turmas de 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. A metodologia baseou-se na pedagogia de projetos, integrando os componentes curriculares de Geografia e Língua Portuguesa. Durante o processo, priorizou-se a escuta ativa e a construção coletiva, evitando ações pontuais ou desconectadas da realidade discente.

No componente de Geografia, o estudo da importância histórica e espacial dos reinos e civilizações buscou reforçar o continente como um espaço de produção cultural profundo e diverso. Esse aprendizado materializou-se na construção coletiva de uma Árvore Baobá — símbolo de resistência e memória — e na elaboração de cartazes exaltando mulheres africanas, visando o fortalecimento da autoimagem e o protagonismo feminino negro.

Em Língua Portuguesa, a imersão nos contos africanos resultou na produção de "Sacolas Literárias". Esses produtos funcionaram como ferramentas de mediação, permitindo que os alunos divulgassem narrativas afro-centradas pela escola. Nas turmas dos 8º anos, abordou-se também o combate ao

"racismo recreativo", já que notava-se a urgência de tratar o tema com essas turmas em específico. Conectando currículo e vivência, como evidência de aprendizagem e posicionamento crítico, os estudantes confeccionaram sacolas de conscientização estampadas com mensagens educativas, contrapondo-se a preconceitos disfarçados de humor.

Esta experiência reafirma que uma boa prática de ERER (Educação para as Relações Étnico-Raciais) é aquela que humaniza. Ao final do percurso, os produtos criados serviram como testemunhas de um processo profundo de escuta e valorização. A aprendizagem significativa ocorre no momento em que a escola deixa de ser um espaço de reprodução de silêncios para se tornar um lugar de encontro com a riqueza e a diversidade da experiência humana africana e afro-brasileira.



Cores que compartilhamos



Autora: Luciane Felisbino

Turma: 7º ano

A professora aproveitou a temática sobre a Escravidão Moderna e o nascimento do racismo para expandir a discussão e abordar a questão da diversidade das colorações de pele. Após as aulas sobre escravidão, a conversa com os alunos foi puxada através da leitura do livro “The colors we share” (“As cores que compartilhamos”) da artista brasileira Angélica Dass.

O livro questiona a divisão dos humanos em quatro raças (branco, negro, vermelho e amarelo), trazendo por meio de fotos a real diversidade das cores e tons de pele, além de deixar claro que as semelhanças humanas são maiores do que esta pequena diferença. A professora aproveitou para falar da importância de não julgar os outros por sua cor de pele, conversou com os alunos sobre o racismo que ainda existe e se valeu da discussão para explicar sobre as nomenclaturas sobre raça que os alunos encontram durante provas como o CAED, para que saibam se identificar mais corretamente e também entendam os motivos dessas pesquisas.

Após a leitura e discussão sobre o livro, a professora propôs uma atividade que consistia em:

- Cada aluno escolhia o papel com a coloração mais próxima da sua pele, ou pintava o papel com o giz da cor mais próxima da sua pele;
- Desenhava sua mão no papel;
- Em cada dedo escrevia uma característica que tivesse em comum com outra pessoa, ou algo que gostasse ou soubesse fazer que fossem em comum com outra pessoa.

Para cada dedo os alunos deveriam pensar em uma pessoa, a começar pelo dedo mínimo: alguém

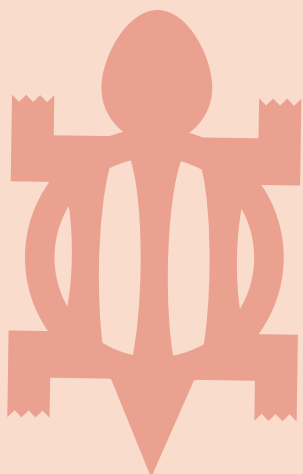
da família, uma pessoa de quem gostem muito, um colega de sala, alguém que trabalhe na escola e alguém de quem não gostem.

- Os alunos deveriam finalizar recortando as mãos, que seriam coladas em um dos cartazes para a exposição.

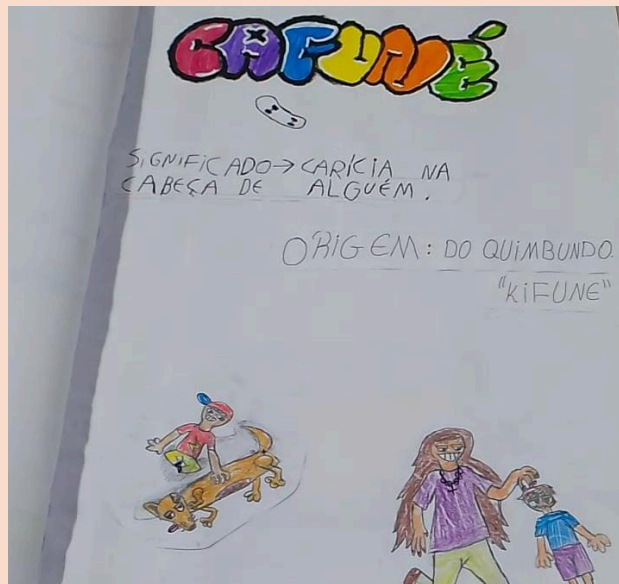
Os objetivos do trabalho eram:

- Refletir sobre as características e gostos que compartilhamos com os demais;
- Perceber que temos coisas em comum até mesmo com quem não gostamos, para entendermos o outro não como inimigo, mas como uma pessoa com quem compartilhamos algo;
- Perceber a beleza da diversidade representada pelas tonalidades de peles;
- Trabalhar a autopercepção.

O final do trabalho foi a exposição dos cartazes elaborados de forma coletiva, que continham uma breve explicação sobre o livro e a artista, uma frase do livro e a demonstração das “cores que compartilhamos” (o azul, amarelo, vermelho, preto e branco) e as mãos feitas pelos alunos. Além disso, num quarto cartaz a professora trouxe novamente o trabalho exposto no ano anterior (“Projeto Cores do Brasil”), inspirado na obra “Humanae” da mesma artista.



Dicionário de Pretoguês da Améfrica Ladina



Autora: Marina dos Passos de Souza

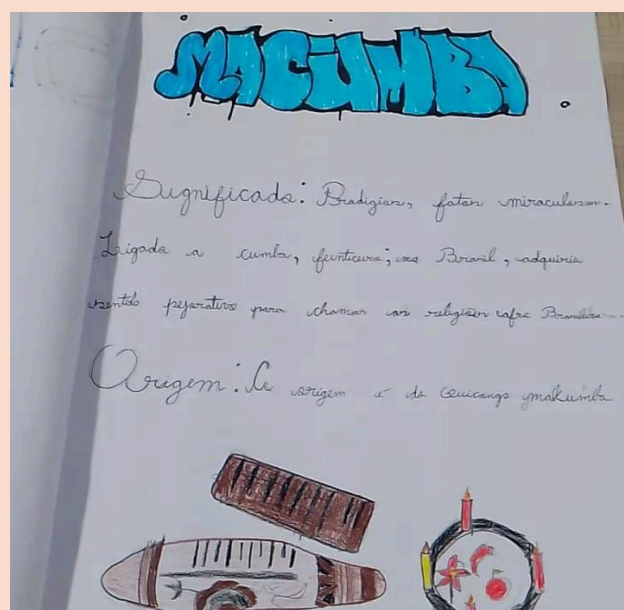
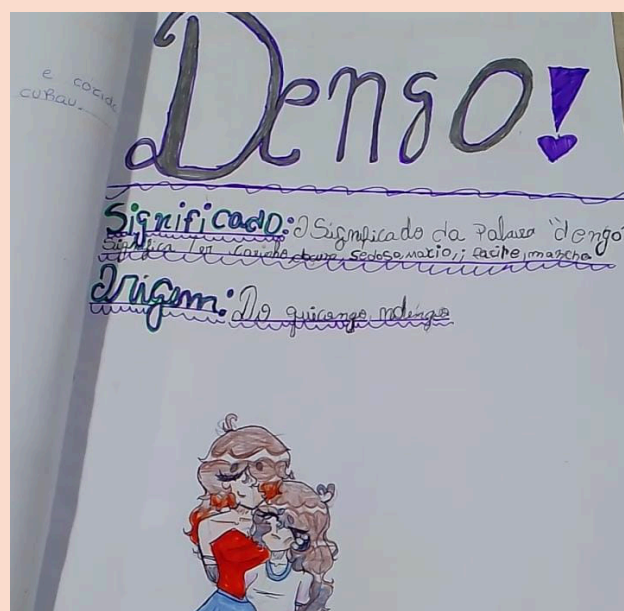
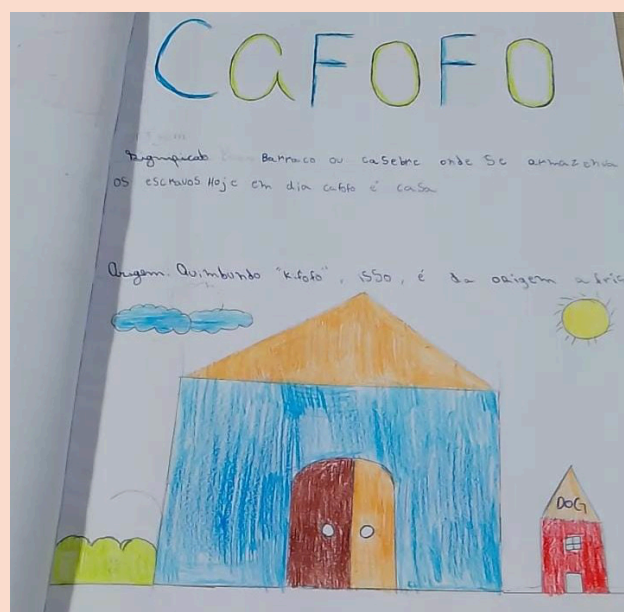
Turma: 6º ano

O projeto "Dicionário de Pretoguês da Améfrica Ladina", desenvolvido com a turma do 6.º ano D, teve como foco central a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) a partir das categorias teóricas de Lélia Gonzalez. A proposta surgiu da necessidade de criar um contraponto decolonial aos estudos sobre o Império Romano, ampliando o repertório dos estudantes sobre as contribuições africanas para a língua portuguesa e combatendo o preconceito linguístico. O trabalho conectou-se diretamente às habilidades da BNCC voltadas à análise das relações entre populações (EF06HI14) e ao reconhecimento das variedades linguísticas (EF69LP55).

Na primeira etapa, partiu-se do percurso do latim para discutir como diferentes culturas formaram o português. Apresentou-se o conceito de "Améfrica Ladina", formulado por Gonzalez para destacar a presença afro-indígena invisibilizada, e a noção de "Pretoguês", que evidencia a marca africana na nossa fala. Nas aulas seguintes, os estudantes produziram um dicionário coletivo e ilustrado. Organizados em grupos, pesquisaram palavras de origem quimbundo, iorubá e quicongo, criando fichas em A3 com definições próprias e ilustrações.

O processo de pesquisa estimulou a autonomia e a colaboração, revelando o encantamento dos alunos ao descobrirem raízes africanas em palavras cotidianas. A quarta aula foi dedicada à revisão e à preparação para a exposição do Dia da Consciência Negra. As fichas foram organizadas em um dicionário visual, compondo uma instalação artística que integrou o evento escolar, fortalecendo a autoconfiança dos jovens e dando visibilidade à diversidade linguística.

A participação na Mostra, no dia 19 de novembro, consolidou o dicionário como um instrumento de diálogo com toda a comunidade escolar. Não se tratou apenas de uma exposição, mas de um convite à reflexão sobre pertencimento e identidade. Conclui-se que o projeto representou uma experiência pedagógica significativa, reafirmando a importância de uma educação que reconheça a centralidade da presença africana na formação do Brasil e promova o protagonismo estudantil.



Virada da consciência



Autora: Claudia da Luz

Turma: 9º ano

O projeto Virada de Consciência, desenvolvido na Escola Municipal Professor Orestes Guimarães, nasceu de um momento delicado, mas transformou-se em uma poderosa experiência de aprendizagem, empatia e construção coletiva de valores. A iniciativa envolveu estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e teve início no mês de abril, quando um caso de racismo cometido por colegas contra uma estudante do 9º ano chegou ao conhecimento da direção da escola.

Diante da situação, além das medidas previstas no regimento interno, a equipe escolar optou por trilhar um caminho que também fosse profundamente educativo e formativo. Os estudantes envolvidos foram orientados a pesquisar e preparar uma apresentação sobre representantes negros da história contemporânea, destacando suas trajetórias, lutas e contribuições para a sociedade.

As apresentações aconteceram em todas as turmas de 9º ano. Mais do que compartilhar informações históricas, os alunos também dividiram com os colegas reflexões sinceras sobre o erro cometido, demonstrando o que aprenderam ao longo do processo. Foi um momento marcado por escuta, sensibilidade e crescimento coletivo — uma verdadeira virada de consciência.

A partir desse primeiro movimento, o projeto seguiu vivo ao longo de todo o ano letivo. Sob a orientação dos professores de Língua Portuguesa e História, novas ações foram sendo desenvolvidas, ampliando o debate sobre respeito, diversidade e justiça social. Cada atividade reforçava a ideia de que a escola é também um espaço de transformação e de construção de um mundo mais humano.

Como culminância desse percurso, foi proposto um concurso de cartas, no qual os estudantes

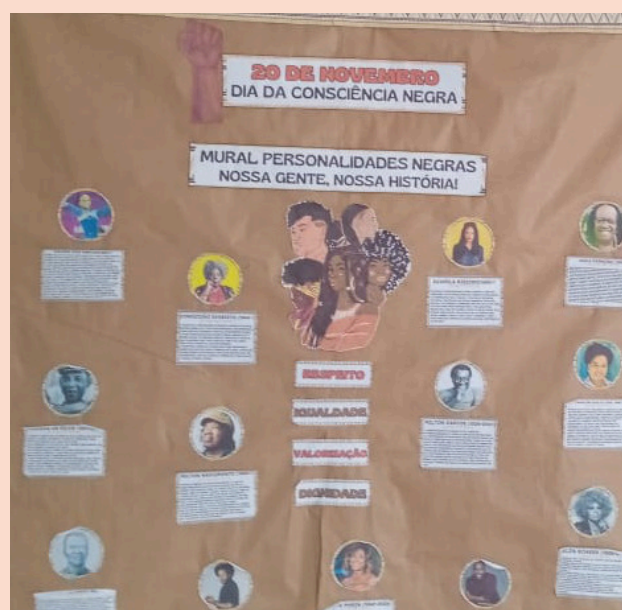
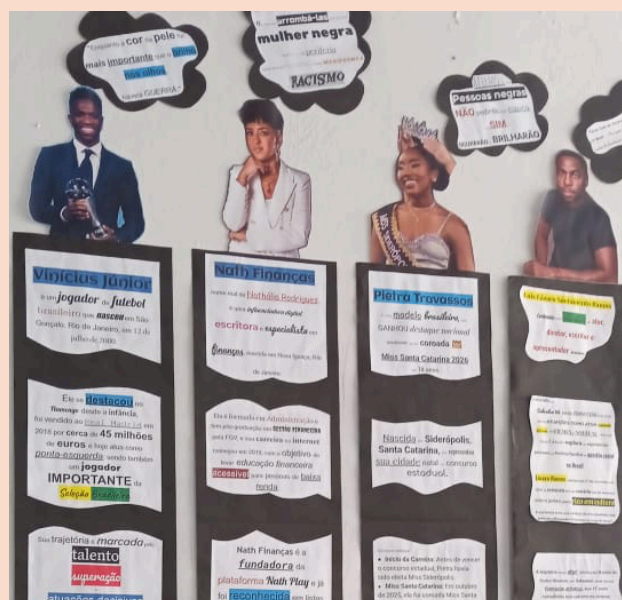
deveriam escrever uma mensagem ao mundo apresentando a melhor proposta antirracista para a humanidade. A atividade mobilizou criatividade, sensibilidade e consciência social. As cartas produzidas foram expostas no mural da escola, permitindo que toda a comunidade escolar tivesse contato com as ideias, sonhos e compromissos expressos pelos estudantes. A carta escolhida como destaque seria divulgada na página oficial do Instagram da escola, ampliando ainda mais o alcance dessa mensagem de esperança e transformação.

Outro momento profundamente marcante do projeto foi a palestra da técnica da Secretaria de Educação, Jandinara Cristina Soares, representante do Comitê de Práticas Antirracistas. Com sensibilidade, conhecimento e uma fala envolvente, Jandinara dialogou com os estudantes sobre a importância do enfrentamento ao racismo em todos os espaços da sociedade.

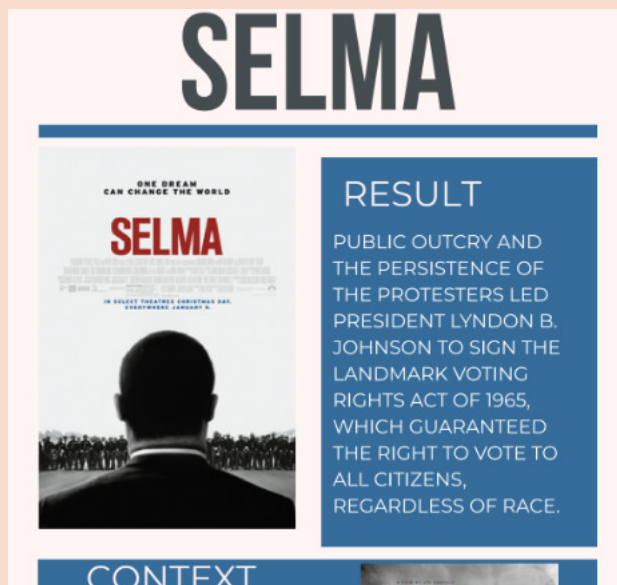
Sua presença foi inspiradora. A palestra não apenas ampliou conhecimentos, mas também tocou profundamente os estudantes, despertando reflexões importantes sobre identidade, respeito e cidadania.

Para muitos alunos negros da escola, aquele momento representou algo ainda maior: sentir-se representados, reconhecidos e valorizados.

Assim, o projeto Virada de Consciência foi muito mais do que um conjunto de atividades pedagógicas. Ele se tornou uma experiência significativa de educação para a cidadania, mostrando que a escola tem o poder de transformar erros em aprendizados, silêncio em diálogo e dor em esperança. Ao longo dessa caminhada, alunos e professores descobriram que a construção de uma sociedade mais justa começa em gestos simples: escutar, aprender, reconhecer, respeitar e agir. E foi justamente isso que floresceu nos corredores da escola — uma verdadeira virada de consciência, capaz de marcar vidas e inspirar novos caminhos.



Projeto consciência em tela: a história através do cinema



Autoras: Ivane Santos Diniz e Jucele Souza Mebs

Turma: 8º ano

O presente projeto foi desenvolvido ao longo do 3.º trimestre, durante três semanas, com duas turmas do 8.º ano, integrando de maneira interdisciplinar os componentes curriculares de Inglês e Ciências. A proposta teve como eixo central a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), articulada à reflexão sobre o Dia da Consciência Negra (20 de novembro). O objetivo principal foi promover um espaço formativo que valorizasse a história e as contribuições da população negra, estimulando o pensamento crítico acerca do racismo, da justiça e da representatividade.

Para tanto, trabalhamos com filmes baseados em fatos reais cujos protagonistas são pessoas negras de relevância histórica e científica. O cinema foi utilizado como recurso pedagógico para evidenciar a inteligência e a resistência desses indivíduos diante de contextos de exclusão. Nas aulas de Inglês, exploramos vocabulário, expressões idiomáticas e a contextualização cultural das produções originais. Em Ciências, destacamos as contribuições tecnológicas e científicas dos personagens retratados, combatendo o apagamento desses saberes nos livros didáticos tradicionais.

A escolha desta temática surgiu da necessidade de promover práticas que fortaleçam o respeito à diversidade, conforme as diretrizes nacionais para a ERER. A escola assume, assim, seu papel fundamental na desconstrução de estereótipos, evidenciando que a trajetória da população negra é marcada por inovação e liderança. Como evidência de aprendizagem, os estudantes participaram de debates e produziram relatos reflexivos sobre a importância de ver trajetórias negras em posições de prestígio acadêmico e social.

Como culminância, os alunos criaram cartazes digitais utilizando a ferramenta Canva, expondo as histórias dos personagens reais por trás das obras cinematográficas. A exposição ocorreu na semana de 20 de novembro, consolidando o aprendizado. Muitos estudantes destacaram que a experiência possibilitou enxergar o cinema como uma fonte de saber capaz de revelar histórias de superação e genialidade que, frequentemente, não recebem a devida visibilidade nos livros escolares.

Jhonatan, Yan e Enzo **English** 10/12/2025

HIDDEN Figures

“Hidden Figures” tells the true story of three African-American mathematicians (Katherine Johnson, Dorothy Vaughan, and Mary Jackson) who were instrumental in NASA's success in the space race during the Cold War. The film shows how they overcame barriers of racial segregation and sexism to prove their scientific genius in an environment of prejudice, culminating in crucial contributions to the American space program.

HIDDEN FIGURES

The historical context: The story takes place in the 1960s, in the midst of the Cold War and at the height of the space race, when the United States and the Soviet Union competed to see who would reach space first. At the same time, American society was experiencing profound racial segregation, which was reflected at NASA.

The protagonists: The three women are part of a group of Black mathematicians who worked as “human computers” at the agency. They were highly intelligent and efficient, but



Hidden Figures

arthur França Teacher: Nany
elias lami, 8c



The film "Hidden Figures" contributes to Black consciousness by revealing the historical invisibility of Black women in science, denouncing the structural racism and sexism of the time, and highlighting the perseverance

the boy who discovered the wind

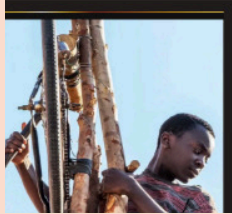


Real - life inspiration
William Kamkwamba is a real person, and the movie is based on his autobiography

Oring
He was born in Malawi, a landlocked country in southeastern Africa.

Family Background
He comes from a farming family in a rural village, where life is heavily dependent on agriculture

Passion for Learning
Even when he couldn't afford to attend school, William was incredibly curious and determined to learn. He would often sneak into the school library to




Construindo o labirinto da consciência: identidade, ancestralidade e relações étnico-raciais



Autoras: Gilcelânia Marli de B. de Moura, Ivane S. Diniz, Jucele de S. Mebs, Carina S. de Carvalho e Fabiane V. Harger

Turma: 6º ao 8º ano

O projeto “Construindo o Labirinto da Consciência” foi desenvolvido ao longo de dois meses com alunos dos 8º anos do Ensino Fundamental, contando também com a participação das turmas dos 6º e 7º anos. Teve como objetivo promover a conscientização sobre identidade, diversidade, ancestralidade africana e a valorização de personalidades negras que marcaram a luta por igualdade racial e respeito às diferenças. A proposta surgiu da necessidade de fortalecer práticas pedagógicas significativas que estimulassem reflexões sobre preconceito, inclusão e valorização das identidades afro-brasileiras no contexto escolar.

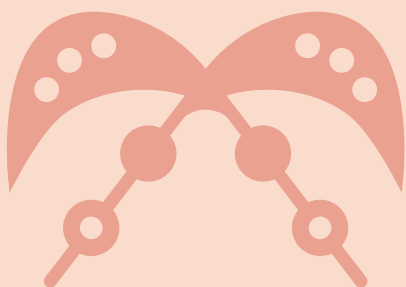
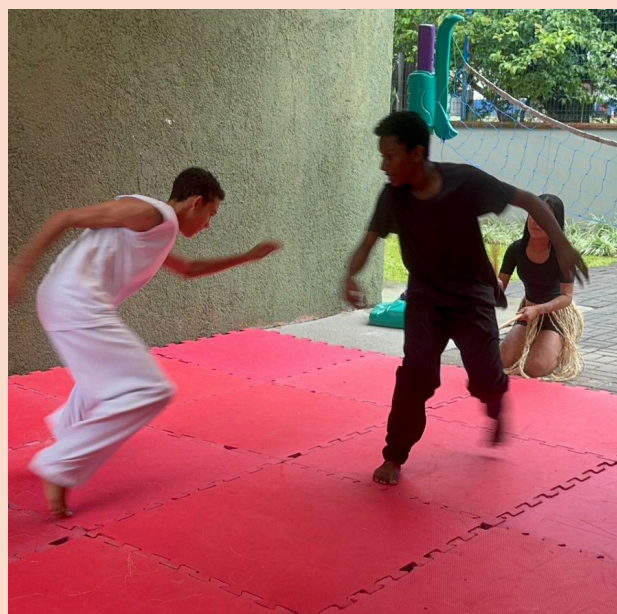
A metodologia adotada foi interdisciplinar, sensorial e artística, culminando na construção de um labirinto interativo em um espaço amplo da escola. O percurso foi organizado em estações temáticas, cada uma abordando aspectos fundamentais da consciência negra e das relações étnico-raciais. Na estação “Olhos que enxergam além”, os alunos refletiram sobre autoimagem e percepção do outro por meio de espelhos, fotografias em preto e branco e frases reflexivas. Já a estação “Raízes Africanas” apresentou a influência africana na cultura brasileira, com mapas, palavras de origem africana, músicas, objetos simbólicos e o significado de símbolos africanos.

O projeto também utilizou o cinema como recurso pedagógico, com filmes baseados em fatos reais protagonizados por pessoas negras de relevância histórica, científica, social e cultural. Essas produções contribuíram para evidenciar a força, a resistência e a inteligência da população negra, além de fomentar debates significativos sobre discriminação, direitos e reconhecimento.

Um dos destaques foi a estação “Inclusão com Consciência”, que garantiu a participação ativa do aluno Manuel, respeitando suas habilidades e potencialidades. Nessa etapa, os alunos construíram coletivamente um mapa da África pintado com o uso dos pés, reforçando valores como empatia, respeito e inclusão. Na estação “Gigantes da Consciência”, foram estudadas e socializadas as trajetórias de personalidades negras marcantes, como Zumbi dos Palmares, Dandara, Nelson Mandela, Angela Davis e Marielle Franco. Houve ainda a contribuição da área de Ciências da Natureza, com o resgate histórico de cientistas negras, destacando suas descobertas, o contexto histórico e o impacto de suas contribuições na ciência e na sociedade.

O percurso foi finalizado com a estação “Luta por mais Consciência”, que integrou lutas corporais e brincadeiras de matriz africana, como a amarelinha africana, o Maculelê e a Capoeira, reconhecendo o corpo como espaço de expressão cultural, identidade e resistência. O ambiente foi enriquecido por músicas de matriz africana e mensagens reflexivas espalhadas pelo espaço, promovendo uma experiência sensorial e crítica.

Como produto final, o labirinto foi apresentado à comunidade escolar, proporcionando momentos de reflexão, diálogo e aprendizagem. As evidências demonstraram maior engajamento dos alunos, ampliação do repertório cultural e fortalecimento de atitudes de respeito às diferenças. Conclui-se que o projeto contribuiu de forma significativa para a formação cidadã dos estudantes e para a construção de uma consciência crítica, inclusiva e antirracista.



Traços e formas: Explorando o grafismo MBYÁ-Guarani em pulseira geométricas



Autor: Matheus Bett

Turma: 6º ano

O estudo das formas e traços das figuras geométricas planas é um tema fundamental para a Matemática, sendo estudado em todos os anos do Ensino Básico. No entanto, muitas vezes esse aprendizado se limita a situações e uma lista de exercícios abstratos, desvinculados de contextos culturais e aplicações práticas. Diante disso, este trabalho propõe uma abordagem diferenciada para as turmas do sexto ano do ensino fundamental, integrando a geometria com a arte Mbyá-Guarani. Esse povo indígena está presente no litoral sul do Brasil, e assim estão próximos da cidade de Joinville. Neste momento essa população se encontra em cidades vizinhas como Araquari, Guaramirim e Garuva, mas já houve registros de presença deles no município de Joinville. Inspirados nas artes Mbyá-Guarani, cada estudante foi motivado a elaborar pulseiras de papel utilizando formas geométricas planas para representar entes da natureza, uma vez que os indígenas têm uma ligação física e espiritual com ela. Durante as atividades cada estudante reconheceu, nomeou e reproduziu formas geométricas como círculos, triângulos, quadrados e linhas poligonais ou não, tendo como base as inspirações dos grafismos Mbyá-Guarani que representam entidades da natureza. A metodologia deste trabalho partiu através de observação e análise de documentário na qual apresenta e explica sobre o grafismo e o significado de cada símbolo, análises das imagens e reconhecimento de quais elementos geométricos foram necessários para elaborar o desenho, confeccionar as pulseiras realizando desenhos, em uma tira de papel, que utilize as formas geométricas para representar algum elemento da natureza que fosse significativo. Vale destacar que cada estudante elaborou os desenhos inspirados nos traços

e formas do grafismo Mbyá-Guarani, não realizando uma cópia fidedigna das suas representações. Os resultados mostraram que cada discente teve curiosidade em conhecer mais sobre essa cultura além de trazer a tona outras discussões étnico-raciais dos demais povos originários do Brasil, quilombolas e outras etnias indígenas, além de demonstrar um interesse em produzir as suas próprias pulseiras para representar os seus elementos da natureza mais significativos. Durante a análise dos grafismos e na elaboração das pulseiras, identificaram com facilidade as figuras geométricas unidimensionais ou bidimensionais utilizadas. A montagem das pulseiras também exigiu atenção às simetrias, translações e repetições, reforçando noções de proporção e sequência.

Ou seja, além do aprendizado matemático geométrico, houve um impacto cultural significativo, uma vez que nunca haviam tido um contato com a arte indígena e se surpreenderam com sua complexidade. A atividade também gerou discussões sobre a importância de respeitar e preservar essas tradições milenares e genuinamente brasileiras.

Conclui-se que, com essa atividade, foi demonstrado que a geometria plana pode e deve ser ensinada de maneira contextualizada, unindo o rigor matemático com a expressão cultural, em especial a cultura Mbyá-Guarani, ou seja, este trabalho facilita a compreensão das figuras geométricas e desperta o interesse em compreender as culturas presentes no Brasil, em especial os presentes na região de Joinville, em cada estudante. Infere-se que a integração entre matemática e arte indígena é uma estratégia eficaz para o ensino da geometria, estimulando a criatividade e o aprendizado significativo.



África e a origem da matemática: O osso de Ishango

Turma: 6º ano

Autor: Matheus Bett

O conhecimento matemático é perceptível na natureza através da noção de contagem — princípio fundamental da aritmética e da origem dos números. Os números são conceitos abstratos que exprimem a ideia de quantificar algo. Materializá-los foi um desafio que perpassou gerações, desde o povo kemético (no Antigo Egito) e os babilônios, até o sistema de numeração indo-arábico que utilizamos hoje.

O registro matemático mais antigo da humanidade é o Osso de Ishango, encontrado no território da atual República Democrática do Congo, na África. Este artefato demonstra que o pensamento matemático complexo nasceu em solo africano muito antes de qualquer civilização europeia.

Iniciei a aula questionando os estudantes sobre a origem da matemática. Como esperado, o senso comum indicava a Europa ou figuras como Pitágoras. Esses pensamentos foram gentilmente refutados pela evidência histórica. Exibimos trechos do documentário A história do número 1 (History Channel) e do vídeo Onde nasceu a Matemática? (Canal Mwana Afrika), além de explorarmos os estudos de Jeferson Todão no livro A Origem Africana da Matemática.

Os alunos participaram de uma oficina prática para confeccionar suas próprias réplicas do Osso de Ishango. A atividade não apenas ensinou o conceito de contagem e agrupamento, mas também promoveu um impacto cultural profundo ao posicionar a África como a verdadeira pioneira das ciências exatas.



Nossa voz, nossa história: diálogos para uma consciência que resiste



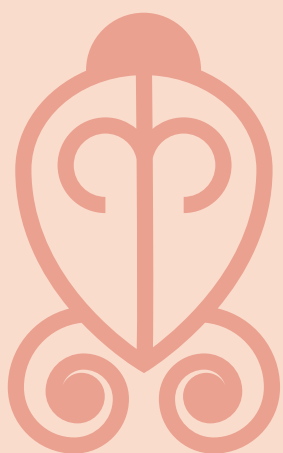
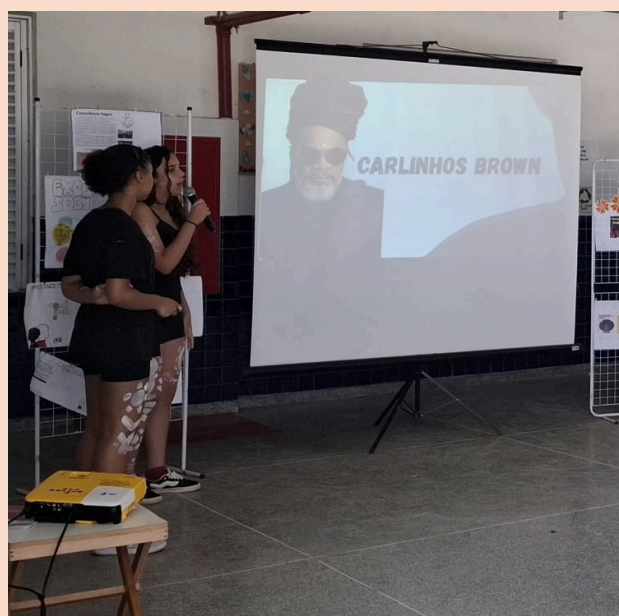
Autor: Arlei Antonio Alves

Turma: 8º ano

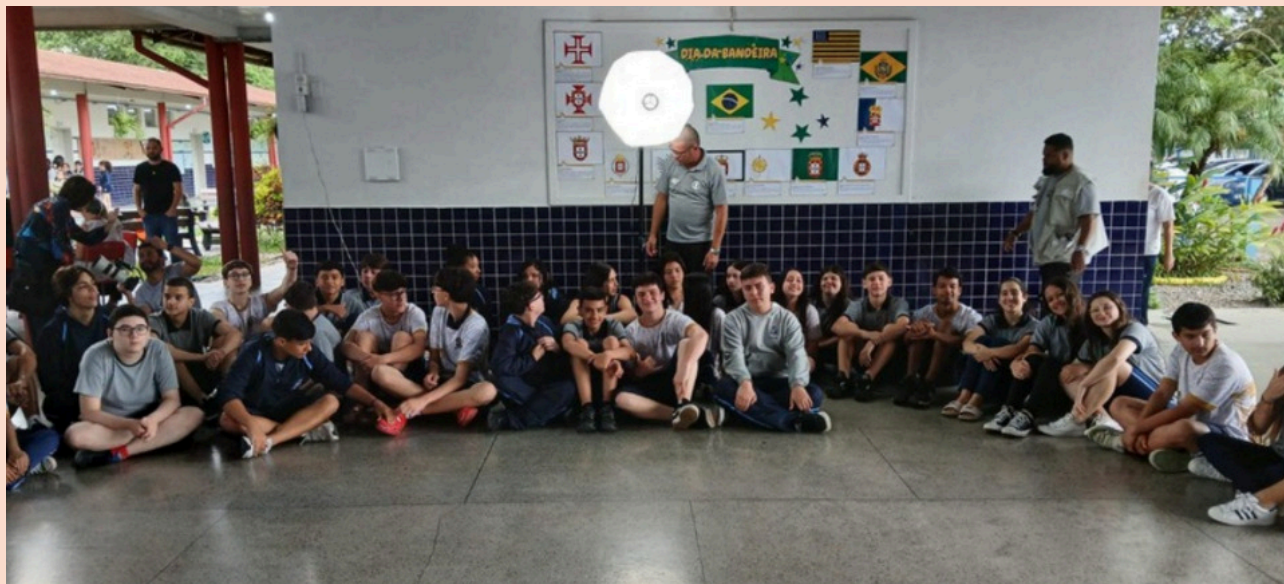
No âmbito das comemorações do Dia da Consciência Negra, a Escola Municipal Prefeito Wittich Freitag desenvolveu o projeto “Nossa Voz, Nossa História: Diálogos para uma Consciência que Resiste”, idealizado e conduzido pelo Professor Arlei Antonio Alves com os alunos dos 8º ano A e B, na disciplina de História. O projeto teve como objetivo central promover o conhecimento e a valorização da história e da cultura afro-brasileira, combatendo o racismo e os preconceitos por meio da informação e da arte. A proposta visava transformar a sala de aula em um espaço de protagonismo juvenil, onde os alunos fossem desafiados a pesquisar, criar, debater e tornar-se multiplicadores do conhecimento, indo além da aprendizagem passiva. A metodologia adotada foi baseada na colaboração. As turmas foram divididas em seis equipes, cada uma responsável por investigar um tema específico relacionado à cultura e personalidades negras. Os estudantes dedicaram semanas a pesquisas aprofundadas, desenvolvendo habilidades como trabalho em equipe, criatividade e comunicação. Os temas explorados foram:

- Capoeira, como manifestação cultural de resistência.
- Hip Hop, como movimento de denúncia social e empoderamento.
- A trajetória do ator, diretor e escritor Lázaro Ramos.
- A genialidade e ativismo do multiartista Carlinhos Brown.
- O Samba de Roda, sua ancestralidade e importância como Patrimônio da Humanidade.
- A força comunitária e espiritual do Jongo.

O ponto de culminância do projeto foi um evento aberto à comunidade escolar, onde as equipes apresentaram seus trabalhos por meio de diversas linguagens, transformando dados históricos e culturais em apresentações criativas e informativas. A experiência mostrou-se extremamente significativa, permitindo aos alunos um engajamento profundo com temas fundamentais para a identidade nacional. O projeto não apenas cumpriu seu propósito educativo, mas também fomentou um ambiente de diálogo e respeito, inspirando a comunidade escolar por meio do espetáculo do conhecimento construído pelos estudantes.



Racismo, xenofobia e migrações: reflexos históricos europeus e desafios atuais no sul e sudeste do Brasil



Autor: Luís Carlos Rodrigues Maciel Júnior

Turma: 9º ano

A prática desenvolvida com as turmas de 9.º ano focou na compreensão histórica e geográfica do racismo, da xenofobia e dos fluxos migratórios, correlacionando os reflexos das teorias raciais europeias aos desafios contemporâneos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. O objetivo central foi promover uma reflexão crítica sobre como conceitos pseudocientíficos construídos nos séculos XVIII e XIX — como o racismo científico e a eugenia — ainda estruturam comportamentos, políticas e percepções sociais na atualidade.

A motivação partiu da urgência em contextualizar fenômenos presentes na realidade brasileira, como o preconceito regional e o acolhimento de migrantes internacionais e refugiados. A metodologia integrou pesquisa documental e análise de dados de órgãos oficiais, como o IBGE, a Agência da ONU para Refugiados (Acnur) e o Ministério da Justiça. Os estudantes investigaram as crises migratórias globais e as compararam aos movimentos internos no Brasil, identificando focos de xenofobia e as ricas contribuições culturais desses grupos para a identidade regional.

As evidências de aprendizagem manifestaram-se na habilidade dos grupos em estabelecer conexões entre o passado colonial/imperial e o presente, interpretando dados estatísticos para formular argumentos sólidos em defesa dos Direitos Humanos. As discussões demonstraram um amadurecimento crítico notável, com maior empatia e reconhecimento da diversidade como um valor democrático.

O produto final materializou-se em formatos diversos e criativos: cartazes analíticos, histórias

em quadrinhos, vídeo-reportagens e composições musicais. Esse material serviu como ferramenta didática para socializar o conhecimento com a comunidade escolar, reforçando a função da escola como espaço de resistência a preconceitos. Os resultados confirmaram o fortalecimento da consciência social e das competências investigativas, preparando cidadãos mais críticos e acolhedores para os desafios de uma sociedade plural.



Um olhar para a literatura: releitura do conto "Olhos d'água", de Conceição Evaristo

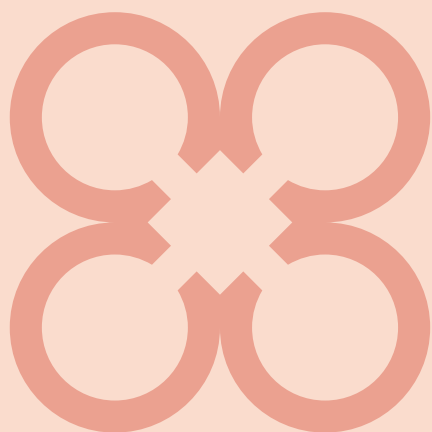


Autores: Sônia Waléria Ribeiro, Diogo Roch, Alcione Pauli e Edson Luiz Correa

Turma: 8º/9º ano Tempo de Avançar:

Este projeto teve início a partir de uma atividade realizada em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, com a turma do 8º/9º ano do programa Tempo de Avançar. Ao trabalhar o gênero textual conto, os estudantes escolheram obras de temática afro-brasileira, que possibilitaram o aprofundamento na literatura contemporânea e a promoção de discussões sobre questões sociais, como preconceito, discriminação e relações familiares. Entre os textos selecionados, destacou-se Olhos d'Água, da escritora mineira Conceição Evaristo. Ao longo das aulas, foram realizadas análises literárias, explorando o tema da obra, seus conflitos e a relação com a realidade dos próprios estudantes. Muitos perceberam aproximações com suas vivências, especialmente no que diz respeito às relações familiares e à valorização do berço materno. Além disso, houve um despertar para problemas como a fome, as desigualdades sociais e os sacrifícios que as mães fazem por seus filhos. A partir dessas reflexões, iniciou-se a transposição da obra literária para o campo cênico. Um grupo ficou responsável pela elaboração do roteiro, e foram realizadas rodas de conversa para definir quais alunos interpretariam os personagens, quem cuidaria do cenário e do figurino, e quem declamaria poesias relacionadas ao tema. O objetivo era apresentar o trabalho à escola durante a Semana da Consciência Negra. Cada cena da releitura foi construída a partir da compreensão dos estudantes sobre a obra. As músicas escolhidas para cada exibição dialogavam diretamente com os quadros apresentados. Ao final do espetáculo, realizado nos períodos vespertino e noturno, observou-se grande engajamento e satisfação por parte dos alunos, que conseguiram produzir um trabalho escolar de significativa re-

levância. A apresentação contribuiu para a reflexão dos demais estudantes e da comunidade presente acerca da importância dos autores negros e de uma literatura que denuncia problemas históricos, como o preconceito, a discriminação social e racial, além das relações familiares conflituosas. O espetáculo encerrou-se com a música “Um Sorriso Negro”, da sambista Dona Ivone Lara, interpretada pelos estudantes, reforçando a necessidade de que as relações étnico-raciais sejam cada vez mais estudadas e valorizadas nos ambientes escolares.





**EDUCAÇÃO QUE
TRANSFORMA**



Prefeitura de
Joinville

EDUCAÇÃO